

Investigação na Prática de Ensino Supervisionada II

A Relação Instituição-Família para o Desenvolvimento da Aprendizagem da Criança em Contexto de Educação Pré-Escolar e de 1.º Ciclo do Ensino Básico

Relatório de Estágio apresentado para a obtenção do grau de Mestre na área da Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Ana Sofia Maia Pascoal

Orientador:

Professor Doutor Ramiro Marques

2020, maio

“A colaboração dos pais/famílias, e também de outros membros da comunidade, o contributo dos seus saberes e competências para o trabalho educativo a desenvolver com as crianças é um meio de alargar e enriquecer as situações de aprendizagem.”

(OCEPE, 2016, p. 30)

Agradecimentos

Não existem palavras suficientes para agradecer a todas as pessoas que me apoiaram, que acreditaram em mim e que caminharam a meu lado nestes cinco anos. Assim, é com um enorme prazer que agradeço a todos os que me marcaram nesta longa caminhada.

Quero agradecer ao meu orientador, professor Ramiro Marques, pelo seu apoio e pela sua disponibilidade, sempre que solicitado.

Agradeço a todos os docentes da Escola Superior de Educação de Santarém, com quem tive o privilégio de trabalhar e aprender diariamente, contribuindo para o meu crescimento, tanto a nível pessoal como profissional.

A todas as instituições onde tive a oportunidade de realizar as várias práticas de ensino supervisionadas, nos diferentes contextos, bem como educadoras e professoras cooperantes, um obrigada por ter sido sempre tão bem recebida nas instituições, por todas as aprendizagens e vivências enriquecedoras, não esquecendo, também, todas as crianças que tantos momentos únicos me proporcionaram. E, ainda, a alguns familiares destas crianças, por se terem mostrado disponíveis para a realização das entrevistas.

Um agradecimento muito especial aos meus pais, porque sem eles nada do que vivi, nesta longa caminhada, teria sido possível, toda a confiança que depositaram em mim, bem como todas as palavras de incentivo, fizeram-me crescer, querer saber sempre mais e nunca desistir. Tudo para vos deixar orgulhosa como filha e, principalmente, como pessoa.

A todos os meus restantes familiares, por estarem sempre presentes e apoiarem, de forma incansável, todo este percurso, contribuindo para que fosse possível alcançar cada etapa.

Não poderia deixar de agradecer ao meu namorado, por toda a paciência, motivação e apoio incondicional. E a todas as minhas amigas, por me mostrarem o verdadeiro sentido da amizade.

Por fim, mas não menos importante, quero agradecer às amigadas que fiz ao longo do meu percurso académico, por todo o companheirismo, partilha e confiança, tanto nos melhores como nos piores momentos, ajudando-nos mutuamente, dando forças umas às outras para que nunca desistíssemos.

A todos um enorme obrigada do fundo do meu coração!

Resumo

O presente relatório de estágio surge no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB), realizado na Escola Superior de Educação de Santarém, sendo composto por duas partes.

A primeira parte, refere-se a todo o percurso realizado nos diferentes contextos da Prática de Ensino Supervisionada (PES) II, em valência de creche, jardim de infância e 1.º CEB. Na segunda parte, destaca-se a prática investigativa, na qual se pretende estudar as suas conceções relativas à importância da relação instituição-família para o desenvolvimento da aprendizagem da criança, identificando algumas dificuldades sentidas, pelas famílias, neste envolvimento.

Para este estudo, recorreu-se a uma metodologia de natureza qualitativa, cujos dados foram recolhidos através de entrevistas realizadas a três educadoras, a três professoras, bem como a seis familiares de algumas crianças, de modo a que existisse dados mais ricos para uma posterior análise.

Após a organização e análise dos resultados, realizou-se uma comparação entre os mesmos e a revisão da literatura, chegando assim, a diversas conclusões pertinentes ao estudo. É de salientar a importância da participação da família no processo educativo da criança, para que exista sucesso no desenvolvimento da aprendizagem da mesma.

Palavras-chave: Família; Participação Familiar; Sucesso e Insucesso Educativo; Benefícios e Dificuldades da Colaboração Familiar; Estratégias de Participação Familiar.

Abstract

This internship report comes within the scope of the Master's Degree in Pre-School Education and Teaching of the 1st Cycle of Basic Education (CBE), held at the Escola Superior de Educação de Santarém, consisting of two parts.

The first part refers to the entire course taken throughout the different contexts of Supervised Teaching Practice II, including its presence in a daycare center, a kindergarten and in the 1st CBE. In the second part, the investigative practice is what stands out, whose intent is to study its notions concerning the importance of the institution-family relationship for the development of the child's learning, identifying some difficulties felt by several families in this engagement.

For this study, it was taken resort to a methodology of qualitative nature, whose data was collected through interviews with three educators, three teachers, and six relatives of some children, so that there would be more enriched data for a future analysis.

After organizing and analyzing the results, it was made a comparison between it and the literature review, which led to the establishment of several points relevant to the study. It is important to emphasize the value of the family's participation in the child's educational process, so that its learning development is successful.

Keywords: Family; Family Participation; Educational Success and Failure; Benefits and Difficulties of Family Collaboration; Family Participation Strategies.

Lista de Siglas

AEC	Atividades de Enriquecimento Curricular
CEB	Ciclo do Ensino Básico
IPSS	Instituição Particular de Solidariedade Social
JI	Jardim de Infância
ME	Ministério da Educação
MEM	Movimento da Escola Moderna
MEPE1C	Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico
OCEPE	Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar
PES	Prática de Ensino Supervisionada
UC	Unidade Curricular
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

Índice Geral

Agradecimentos	i
Resumo	ii
Abstract.....	iii
Lista de Siglas.....	iv
Índice de Tabelas	vii
Índice de Anexos	viii
Introdução.....	1
Parte I - Prática de Ensino Supervisionada.....	2
1. Contextos da Prática de Ensino Supervisionada.....	2
1.1. Prática de Ensino Supervisionada em Contexto de Creche	2
1.1.1. Caracterização da Instituição e do Projeto Educativo	3
1.1.2. Caracterização da Sala.....	4
1.1.3. Caracterização do Grupo	4
1.1.4. Projeto de Intervenção	5
1.1.5. Avaliação do Projeto de Intervenção.....	8
1.2. Prática de Ensino Supervisionada em Contexto de Jardim de Infância	9
1.2.1. Caracterização da Instituição e do Projeto Educativo	9
1.2.2. Caracterização da Sala.....	10
1.2.3. Caracterização do Grupo	11
1.2.4. Projeto de Intervenção	12
1.2.5. Avaliação do Projeto de Intervenção.....	15
1.3. Prática de Ensino Supervisionada em Contexto de 1.º CEB (1.º/2.º anos).....	16
1.3.1. Caracterização da Instituição e do Projeto Educativo	17
1.3.2. Caracterização da Sala.....	17
1.3.3. Caracterização do Grupo	19
1.3.4. Projeto de Intervenção	20
1.3.5. Avaliação do Projeto de Intervenção.....	24
1.4. Prática de Ensino Supervisionada em Contexto de 1.º CEB (3.º ano).....	25
1.4.1. Caracterização da Instituição e do Projeto Educativo	25
1.4.2. Caracterização da Sala.....	26
1.4.3. Caracterização do Grupo	28
1.4.4. Projeto de Intervenção	29
1.4.5. Avaliação do Projeto de Intervenção.....	32
1.5. Percorso de Desenvolvimento Profissional - Autodiagnóstico	33

Parte II - Prática Investigativa	36
2. Identificação da Problemática	36
3. Revisão da Literatura.....	37
3.1. Conceito e Tipos de Família.....	37
3.2. A Importância da Participação das Famílias nas Instituições.....	39
3.3. Sucesso e Insucesso Educativo.....	41
3.4. Colaboração das Famílias no Processo Educativo da Criança: quais os benefícios?....	43
3.5. Colaboração das Famílias no Processo Educativo da Criança: quais as dificuldades? .	44
3.6. Estratégias para Melhorar a Participação das Famílias nas Instituições	46
4. Aspectos Metodológicos	49
4.1. Tipo de Estudo.....	49
4.2. Participantes.....	49
4.3. Instrumentos de Recolha de Dados	50
4.4. Procedimentos Investigativos	50
5. Apresentação e Análise dos Resultados	52
5.1. Análise dos Dados Recolhidos	52
5.1.1. Interpretação dos Resultados das Entrevistas das Educadoras.....	52
5.1.2. Interpretação dos Resultados das Entrevistas das Professoras	59
5.1.3. Interpretação dos Resultados das Entrevistas dos Familiares	65
5.1.4. Análise Global e Comparativa dos Resultados.....	70
Considerações Finais	74
Referências Bibliográficas.....	77
Anexos	82

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Rotina Diária da Creche	4
Tabela 2 - Objetivos da Atividade "Massa de Modelar"	6
Tabela 3 - Objetivos da Atividade "Os Balões Sonoros"	7
Tabela 4 - Organização Curricular do Jardim de Infância.....	10
Tabela 5 - Rotina Diária do Jardim de Infância.....	11
Tabela 6 - Objetivos da Atividade "O Som das Cores"	13
Tabela 7 - Objetivos da Atividade "O Ciclo do Mel"	14
Tabela 8 - Horário Letivo da Turma (1.º/2.º anos)	19
Tabela 9 - Objetivos da Atividade "A Minha Família"	21
Tabela 10 - Objetivos da Atividade "Sentir Diferente"	22
Tabela 11 - Horário Letivo da Turma (3.º ano).....	27
Tabela 12 - Objetivos da Atividade "Vamos Medir e Calcular Perímetros"	29
Tabela 13 - Objetivos da Atividade "Vamos Rever o que já Aprendemos"	30
Tabela 14 - Os Benefícios do Envolvimento Familiar de Fernández et al. (2011)	43
Tabela 15 - Categorias e Subcategorias referentes ao Discurso das Educadoras	52
Tabela 16 - Categorias e Subcategorias referentes ao Discurso das Professoras	59
Tabela 17 - Categorias e subcategorias referentes ao Discurso dos Familiares	65

Índice de Anexos

Anexo I - Teia do Projeto “Brincar e sentir”, implementado em contexto de Creche	83
Anexo II - Planificação da Atividade “Massa de Modelar”	84
Anexo III - Fotografias da Atividade “Massa de Modelar”	85
Anexo IV - Planificação da Atividade “Os Balões Sonoros”	86
Anexo V - Fotografias da Atividade “Os Balões Sonoros”	87
Anexo VI - Teia do Projeto “A primavera”, implementado em contexto de Pré-Escolar.....	88
Anexo VII - Planificação da Atividade “O Som das Cores”	90
Anexo VIII - Materiais da Atividade “O Som das Cores”	92
Anexo IX - Fotografias da Atividade “O Som das Cores”	93
Anexo X - Planificação da Atividade “O Ciclo do Mel”	94
Anexo XI - Materiais da Atividade “O Ciclo do Mel”	96
Anexo XII - Fotografias da Atividade “O Ciclo do Mel”	97
Anexo XIII - Teia do Projeto “Aceita a diferença”, implementado em contexto de 1.º CEB (1.º/2.º anos).....	98
Anexo XIV - Planificação da Atividade “A Minha Família”	99
Anexo XV - Materiais da Atividade “A Minha Família”	100
Anexo XVI - Planificação da Atividade “Sentir Diferente”	101
Anexo XVII - Materiais da Atividade “Sentir Diferente”	103
Anexo XVIII - Teia do Projeto “Juntos chegamos mais longe”, implementado em contexto de 1.º CEB (3.º ano).....	107
Anexo XIX - Planificação da Atividade “Vamos Medir e Calcular Perímetros”	109
Anexo XX - Materiais da Atividade “Vamos Medir e Calcular Perímetros”	111
Anexo XXI - Fotografias da Atividade “Vamos Medir e Calcular Perímetros”	115
Anexo XXII - Planificação da Atividade “Vamos Relembrar o que já Aprendemos”	116
Anexo XXIII - Materiais da Atividade “Vamos Relembrar o que já Aprendemos”	118
Anexo XXIV - Tabela de Identificação das Educadoras/Professoras	119
Anexo XXV - Tabela de Identificação dos Familiares.....	120
Anexo XXVI - Guião da Entrevista realizada às Educadoras/Professoras	121
Anexo XXVII - Guião da Entrevista realizada aos Familiares	124
Anexo XXVIII - Transcrição das Entrevistas realizadas às Educadoras/Professoras	127
Anexo XXIX - Transcrição das Entrevistas realizadas aos Familiares	152
Anexo XXX - Tabela dos Resultados das Entrevistas realizadas às Educadoras	169
Anexo XXXI - Tabela dos Resultados das Entrevistas realizadas às Professoras	174
Anexo XXXII - Tabela dos Resultados das Entrevistas realizadas aos Familiares.....	180

Introdução

Com o intuito de obtenção de grau de mestre na área da Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, na Escola Superior de Educação de Santarém, foi elaborado o presente relatório de estágio, no âmbito da unidade curricular (UC) de Investigação na Prática de Ensino Supervisionada II.

Relativamente à estrutura do relatório, este apresenta-se dividido em duas partes, sendo que, a primeira parte, diz respeito à intervenção desenvolvida ao longo da Prática de Ensino Supervisionada, nos diversos contextos, de creche, jardim de infância e 1.º CEB, já a segunda parte, refere-se à prática investigativa, realizada ao longo do mestrado, estudo esse sobre “A Relação Instituição-Família para o Desenvolvimento da Aprendizagem da Criança em Contexto de Educação Pré-Escolar e de 1.º Ciclo do Ensino Básico”.

A primeira parte, incide nas práticas educativas desenvolvidas, incluindo a caracterização das instituições, onde se realizou cada estágio e respetivos projetos educativos, bem como a caracterização do ambiente educativo e dos diferentes grupos de crianças. Todas as práticas exercidas, também, são analisadas, tendo em conta vários aspetos, sendo estes, os projetos implementados durante as intervenções, as atividades destacadas de cada projeto e a avaliação do mesmo. Para finalizar, é ainda feita uma reflexão acerca do percurso de desenvolvimento profissional, nomeadamente, um autodiagnóstico.

Na segunda parte, é apresentada a prática investigativa, na qual se apresentam as perspetivas dos docentes, bem como dos familiares face à relação instituição-família para o desenvolvimento da aprendizagem da criança. Este estudo tem como objetivos, compreender a importância da relação instituição-família, no processo educativo, para o desenvolvimento da aprendizagem das crianças, tanto na Educação Pré-Escolar como no 1.º Ciclo do Ensino Básico, conhecer a colaboração que existe entre as famílias e os docentes, bem como descrever as principais dificuldades sentidas, pelas famílias, que se revelam pouco favoráveis a uma maior participação, no processo educativo das crianças. Assim sendo, esta parte está dividida nos seguintes tópicos: (2) identificação da problemática; (3) revisão da literatura; (4) aspetos metodológicos, nos quais são apresentados, o tipo de estudo, os participantes, os instrumentos de recolha de dados, bem como os procedimentos investigativos e (5) apresentação e análise dos resultados, onde é feita uma análise dos mesmos, interpretando os dados recolhidos das entrevistas realizadas às educadoras, às professoras e aos familiares de algumas crianças, bem como uma análise global e comparativa dos resultados de todos os participantes.

Por último, é apresentada uma reflexão final, centrada em todo o percurso desenvolvido no decorrer do mestrado, bem como as considerações finais retiradas do presente estudo.

Parte I - Prática de Ensino Supervisionada

1. Contextos da Prática de Ensino Supervisionada

Neste capítulo irei proceder à apresentação dos contextos nos quais realizei as diferentes práticas de ensino supervisionadas e nas quais coloquei em prática o meu trabalho investigativo. Irei sustentar esta apresentação com a caracterização das instituições, das salas nas quais estive inserida, dos grupos que tive a oportunidade de acompanhar e terminarei com uma abordagem aos projetos de intervenção desenvolvidos em cada contexto, destacando duas atividades por prática educativa e a avaliação geral dos projetos implementados.

No decorrer desta descrição reflexiva irei mencionar todas as práticas educativas por ordem de acontecimentos. Assim sendo, ao longo do Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico (MEPE1C) realizaram-se quatro momentos da Prática de Ensino Supervisionada II. O primeiro momento de intervenção realizou-se em contexto de creche, decorreu no ano letivo de 2017/2018, entre o dia vinte e seis de novembro e dezanove de janeiro, numa Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), situada na cidade de Santarém, com um grupo de crianças de um ano. O segundo momento foi realizado numa sala de jardim de infância (JI), no ano letivo de 2017/2018, entre o dia dezassete de abril e um de junho, numa escola pertencente à rede pública do Ministério da Educação (ME), também situada na cidade de Santarém, com um grupo de crianças de idades compreendidas entre os três e os seis anos. O terceiro momento realizou-se em contexto de 1.º Ciclo do Ensino Básico, numa escola pertencente ao ME, na cidade de Santarém, no ano letivo de 2018/2019, entre o dia vinte de novembro e dezoito de janeiro, numa sala de 1.º e 2.º anos de escolaridade. O último momento de intervenção voltou a ser exercido no mesmo contexto anteriormente referido, no ano letivo 2018/2019, entre o dia vinte e três de abril e trinta e um de maio, numa sala de 3.º ano de escolaridade.

1.1. Prática de Ensino Supervisionada em Contexto de Creche

Segundo Portugal (1998), na creche o principal não são as atividades planificadas, ainda que adequadas, mas sim, as rotinas e as atividades livres. As crianças muito pequenas não se desenvolvem bem em ambientes demasiado escolarizados, onde realizam atividades dirigidas por um adulto, mas sim, em contextos calorosos e atentos às suas necessidades individuais.

1.1.1. Caracterização da Instituição e do Projeto Educativo

O primeiro momento da prática educativa, realizado enquanto aluna do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, realizou-se na valência de creche, na cidade de Santarém, numa IPSS aberta desde setembro de 1985. Esta creche surge como resposta alternativa, de qualidade social e pedagógica, para a área da primeira infância, destinada a acolher crianças entre os três e os trinta e seis meses de idade. Tem como principal objetivo estabelecer uma das primeiras experiências da criança num sistema organizado, exterior ao seu círculo familiar, onde irá ser integrada, permitindo que venha a desenvolver determinadas competências e capacidades. Organizada em três salas, sendo elas o berçário, a sala de um ano e a sala de dois anos. No mesmo edifício da valência de creche existia, ainda, a valência de pré-escolar, destinado a crianças dos três aos seis anos, sendo que o mesmo é constituído por três salas.

A instituição dispunha de instalações adequadas ao público-alvo e a ligação entre a instituição e o espaço exterior facilitava atividades e experiências variadas, uma vez que a maioria das salas tinha acesso ao mesmo. Todo o espaço respeitava um conjunto de normas de segurança e higiene.

O projeto educativo da instituição, referente ao ano letivo 2017/2018, denominava-se de “Educar para saber sorrir”, e tinha como princípios ajudar as crianças a refletir sobre a diversidade de valores, fomentar nestas atitudes de respeito por si próprias e pelos outros, bem como atitudes de cooperação e partilha, e de valorização crítica pelo meio ambiente. A prática exercida na instituição é implementada segundo vários modelos, sendo estes, o Movimento da Escola Moderna (MEM) que “é um modelo sociocêntrico na medida em que a pedagogia não é nem centrada no adulto nem na criança, dando-se primazia à dinâmica de grupo e à construção do cidadão” (Folque, 2014, p. 3); o *HighScope* que “propõe o tempo do «planear-fazer-rever» como o momento em que os alunos são convidados a planificarem, a desenvolverem e a avaliarem uma atividade de aprendizagem, durante este tempo diário da rotina” (Gomes, 2014, p. 170); o Reggio Emília que “atribui grande importância e atenção à pesquisa, experimentação, atividade (aprender fazendo) e descoberta realizadas pela criança, fazendo a integração dos conhecimentos e das diferentes áreas do saber” (Craveiro, 2007, p. 61); o Trabalho de Projeto que “defende que o educador deve tirar partido das manifestações das crianças para que estas, com o auxílio do educador, procurem informação e consigam o que pretendem” (Craveiro, 2007, p. 32); e ainda, Aprendizagem Cooperativa sendo caracterizado “pela divisão das turmas em grupos de quatro/cinco elementos, constituídos por forma a existir uma heterogeneidade de competências no seu interior” (Bessa e Fontaine, 2002, p. 44).

1.1.2. Caracterização da Sala

Em relação à sala onde foi realizada a prática educativa, destinava-se a crianças de um ano e encontrava-se equipada com diferentes materiais pedagógicos adequados à faixa etária e às necessidades das crianças, o espaço era amplo e acolhedor, organizado em diversas áreas pedagógicas com vários materiais disponíveis nas mesmas, sendo estas áreas, o tapete, os jogos didáticos, a casinha e a biblioteca.

O projeto da sala, elaborado pela educadora titular, denominava-se “A brincar vou crescendo”, e tinha como principais objetivos, proporcionar ao grupo momentos de afeto, tranquilidade, alegria e satisfação, permitindo que através da brincadeira livre, as crianças desenvolvessem novas competências, cada uma no seu próprio ritmo. Este projeto centrava-se em desenvolver atividades, onde as crianças tinham um papel ativo nas aprendizagens, em que os objetivos delineados não se limitavam apenas às atividades orientadas, mas, também, a atividades resultantes da rotina diária, das vivências da sala e dos interesses espontâneos que iam surgindo por parte das crianças.

Toda a rotina da sala estava organizada de uma forma coerente e era respeitada por todos os intervenientes educativos. Encontrava-se disposta da seguinte forma (tabela 1):

Tabela 1 - Rotina Diária da Creche

07h30 - 09h00	Acolhimento das crianças
09h00 - 09h30	Lanche da manhã
09h30 - 10h00	Higiene
10h00 - 11h00	Início das atividades orientadas
11h00 - 11h30	Higiene e preparação para o almoço
11h30 - 12h30	Período de almoço
12h30 - 12h45	Higiene e preparação para a sesta
12h45 - 15h00	Início da sesta
15h00 - 15h30	Higiene e preparação para o lanche
15h30 - 16h00	Período do lanche
16h00 - 16h30	Higiene e brincadeira livre
16h30 - 18h30	Acolhimento das crianças
18h30 - 19h00	Prolongamento

1.1.3. Caracterização do Grupo

O grupo da sala de um ano era constituído por catorze crianças, sendo que oito eram do género feminino e seis eram do género masculino. Um grupo autónomo e desenvolvido nos diversos níveis. No entanto, existiam algumas disparidades significativas entre as crianças, uma vez que, algumas delas, não se encontravam ao mesmo nível das restantes, o que é normal, pois cada criança tem o seu próprio ritmo de desenvolvimento.

Era visível a adaptação constante do grupo à rotina da sala sendo que, grande parte, já conseguia antecipar o que iria acontecer. Sabiam inclusive, a ordem de chegada dos amigos, os momentos do dia e quais os comportamentos adequados a cada um deles. Nos momentos de refeição, era um grupo bastante autônomo, pois a maioria das crianças comia sozinha, sendo que, apenas duas delas, demonstravam alguma dificuldade na execução desta tarefa.

O grupo demonstrava curiosidade nas atividades propostas, principalmente, quando eram contadas histórias com fantoches, sempre muito atento, pedindo sempre, no final, para que fossem contadas de novo. Interagiam em todas as áreas da sala, criando diversas situações de jogo simbólico, utilizando todos os materiais ao seu dispor. Ao nível da linguagem, a maior parte das crianças conseguia expressar as suas preferências, necessidades e emoções, sendo que a linguagem não-verbal era a principal forma de comunicação de cada criança.

1.1.4. Projeto de Intervenção

O projeto de intervenção posto em prática com o grupo de um ano, “Brincar e sentir” (Anexo I), surgiu pelo facto de ser de extrema relevância proporcionar a crianças, desta faixa etária, novas descobertas, estimulando-as para novas sensações, para que consigam, mais facilmente, se envolver no meio que as rodeia, tendo sempre em conta a importância do afeto e da atenção. Tal como afirma Portugal (2000), que crianças muito pequenas necessitam de atenção, para que estas criem uma relação com alguém que lhes transmita confiança, bem como liberdade para explorar e descobrir o mundo que as rodeiam, num ambiente seguro e saudável. O mesmo autor refere ainda que, o respeito e a atenção que se dá à criança nas relações que se estabelecem com a mesma, são o alicerce de toda a filosofia que deve existir num programa educativo de qualidade.

Foram tidos em conta, durante a execução e aplicação do projeto, vários fatores, tais como, a faixa etária, o nível de desenvolvimento de cada criança, o projeto da instituição designado “Educar para saber sorrir” e, também, o projeto da sala “A brincar vou crescendo”, uma vez que nesta fase as crianças através das brincadeiras conseguem descobrir mais sobre si próprias e o ambiente em que estão inseridas. Assim sendo, foi escolhido um tema onde podiam ser trabalhadas diversas áreas, na maioria das vezes, através de atividades sensoriais, de forma a desenvolver diferentes capacidades relacionadas, essencialmente, com o desenvolvimento da linguagem, com a estimulação dos sentidos, bem como da autonomia, sendo estas consideradas as principais preocupações da educadora titular.

Os principais objetivos deste projeto foram os seguintes, incentivar para a descoberta e exploração de novas sensações e de novos materiais, bem como estimular para a aquisição de novos conhecimentos que lhes permitissem explorar o mundo à sua volta, de forma a que se

tornassem crianças mais confiantes em si próprias e cada vez menos dependentes dos adultos. Para a implementação do projeto, além dos objetivos definidos, foram tidas em conta estratégias facilitadoras da prática educativa, sendo que foi fundamental proporcionar ao grupo desafios e experiências visuais, tácteis e motoras, através de diversos materiais, criando momentos de exploração livre.

Toda a intervenção esteve sempre interligada com as atividades propostas, bem como com toda a rotina diária, nomeadamente, a higiene, a alimentação e a brincadeira livre. Através de pequenos e simples momentos como, por exemplo, a hora da higiene ou quando saíamos da sala e caminhávamos pela instituição, despertando nas crianças a atenção para vários estímulos que as rodeavam diariamente, enriquecendo a sua sensibilidade e exploração.

Ao longo de todo este percurso, a evolução do mesmo foi notório, pois foi possível implementar diversas estratégias que envolviam ao máximo todas as crianças nos momentos de exploração. Cada criança tinha a sua forma de reagir aos vários estímulos apresentados nas diferentes atividades, o que levou a perceber os interesses de cada uma, adequando assim a implementação do projeto a cada situação. O grupo demonstrou um enorme prazer em cada exploração, sendo que se destacou o momento de exploração do tato, pois todas as atividades que permitiam o contacto físico com diversos materiais era notório que o grupo se envolvia de forma plena e com maior interesse.

Os objetivos propostos inicialmente foram alcançados com sucesso. Destaco, ainda, a adequação das planificações, pois foi uma constante realidade, na medida em que nem sempre eram realizadas como planeadas, por vezes, existia a necessidade de adaptar as estratégias utilizadas, os materiais ou o espaço, para que o grupo tirasse maior proveito de cada momento.

Destaco agora duas das diversas atividades implementadas em contexto de creche. Sendo a primeira, “Massa de Modelar”, que tinha como principais objetivos (tabela 2):

Tabela 2 - Objetivos da Atividade "Massa de Modelar"

Objetivos da Atividade “Massa de Modelar”	
Expressão Corporal/Motora	<ul style="list-style-type: none">- Explorar livremente e manusear diversas texturas e materiais.- Fortalecer a sensorialidade.- Desenvolver a motricidade fina.

Esta atividade centrou-se, mais precisamente, na exploração ao nível do tato, sendo que cada criança explorou livremente a massa de modelar. Esta massa foi criada em conjunto com as crianças através de água e farinha, inicialmente, era para ser utilizado corante alimentar, no entanto houve receio de que algumas crianças pudessem fazer alguma reação alérgica. Foi mostrada, primeiramente, a farinha, deixando-a cair sobre as crianças para que estas se sujassem à vontade e a explorassem antes de ser feita a massa propriamente dita. Depois de algum tempo,

colocou-se a farinha num alguidar e juntou-se água até que a massa ficasse consistente para que fosse possível dividi-la por cada uma das crianças. Durante o decorrer da atividade, existiu sempre o cuidado de interagir com as crianças acerca do momento de exploração. O grupo demonstrou muito prazer na concretização desta atividade, apesar de alguma agitação, foi visível o seu divertimento. Esta atividade encontra-se planificada em anexo, bem como as fotografias a esta inerentes (Anexo II e III).

A segunda atividade, “Os Balões Sonoros”, foi realizada tendo em conta os seguintes objetivos (tabela 3):

Tabela 3 - Objetivos da Atividade "Os Balões Sonoros"

Objetivos da Atividade “Os Balões Sonoros”	
Expressão Corporal/Motora	- Criar momentos de exploração livre e de descoberta. - Desenvolver a motricidade grossa. - Explorar diferentes sons.
Formação Pessoal e Social	- Promover a cooperação e a partilha.

Esta atividade baseou-se na exploração livre de balões com vários objetos no interior (água, arroz, guizos, massas, missangas, bolinhas de esferovite e papéis coloridos) para que produzissem diversos sons e proporcionassem efeitos visuais diferenciados. A atividade foi iniciada com a apresentação de um balão vazio, posteriormente, foi cheio diante das crianças para que estas pudessem ver e explorar, enquanto foi cantada a música d’“O Balão do João”, com a qual estavam bastante familiarizadas. Posto isto, os restantes balões sonoros foram mostrados às crianças, agitando-os para que estas ouvissem cada som. Os balões foram pendurados numa corda, que atravessava toda a sala, para que fosse possível a exploração livre dos balões, por parte das crianças, havendo sempre uma interação ao longo de todo o momento. A atividade foi considerada positiva, uma vez que as crianças demonstraram interesse em toda a exploração. Uma atividade tão simples, proporcionou às crianças um bom momento de aprendizagem e brincadeira, simultaneamente. A presente atividade encontra-se planificada em anexo, bem como as respetivas fotografias (Anexo IV e V).

Toda a avaliação foi realizada de forma contínua através de observações diretas no decorrer da rotina do grupo e das atividades planeadas, tanto ao nível do interesse como do prazer que as crianças demonstraram na execução das mesmas. Tal como defendem Carvalho e Portugal (2017, p. 23) que avaliar “implica recolher informação sobre os níveis de bem-estar e implicação/envolvimento da(s) criança(s), compreender o que pode estar ou não a afetar o bem-estar e a implicação”.

Cada atividade tinha uma avaliação realizada após a sua implementação, baseada na observação direta tendo em conta o bem-estar de cada criança, bem como o seu envolvimento na própria atividade, no registo fotográfico, numa reflexão escrita, no *feedback* transmitido pela educadora cooperante e no produto final, caso existisse. A avaliação neste contexto foi uma ferramenta essencial ao longo de toda a intervenção em contexto de creche. Desta forma, foi possível verificar se todos os objetivos propostos tinham sido alcançados com sucesso.

1.1.5. Avaliação do Projeto de Intervenção

Durante toda a implementação do projeto de intervenção na prática educativa em contexto de creche, adquiri diversos conhecimentos, dos quais destaco a capacidade de envolver o grupo nos diversos momentos de exploração proporcionados, uma vez que a maioria das atividades planeadas foram ao nível da exploração livre e sensorial. Ao longo destes momentos, senti que cada criança necessitava do seu próprio ritmo para tirar proveito de cada interação, pois era visível que cada exploração proporcionada era encarada de diversas formas no mesmo grupo de crianças. Tal como afirma Portugal:

Um ambiente bem organizado, onde objetos estimulantes estão acessíveis e onde há uma variedade de escolhas e desafios visuais, táteis e motores que chamam a atenção da criança, encoraja a curiosidade, a exploração, e permite que cada criança estabeleça uma relação com o mundo ao seu próprio ritmo. (2012, p. 7)

Numa perspetiva de análise, considero que todas as planificações estavam adequadas ao grupo, sendo que os objetivos e as estratégias eram gerais para o mesmo, mas relativamente à prática educativa, houve uma necessidade de reformular as estratégias às especificidades de cada criança, respeitando o seu ritmo, proporcionando desta forma uma melhor aprendizagem. Algumas das atividades planificadas sofreram alterações no momento da implementação, uma vez que, na prática educativa, aconteceu imprevistos como, por exemplo, em algumas das atividades que estavam planeadas para serem realizadas de forma mais individual, acabaram por se desenvolver de uma forma conjunta, de modo a proporcionar a exploração livre, por parte das crianças.

A aplicação do projeto de intervenção, bem como o *feedback* positivo, por parte da educadora cooperante, foram um incentivo para o meu envolvimento ao longo do mesmo, tanto na implementação das atividades, bem como na capacidade que existiu para motivar o grupo. Foi notório o interesse das crianças no decorrer das atividades, sendo que houve um processo gradual no desenvolvimento das mesmas, conseguindo assim trabalhar os diversos domínios, existindo uma aprendizagem global. Outro dos aspetos, que destaco como positivo, foi o facto de o grupo ter demonstrado confiança e segurança nos momentos proporcionados, mostrando-

se receptivo a novas experiências, melhorando assim a parte da concentração e da atenção, tendo uma evolução positiva, desde o início da prática educativa até ao final da mesma.

O facto de ter realizado esta prática com um grupo de crianças tão pequenas, permitiu que estas explorassem e manipulassem os materiais livremente, sendo que não existiu uma explicação profunda relativamente às atividades propostas, tornando assim as crianças agentes ativos das suas próprias aprendizagens. Para Hohmann *et al.* (1984, p. 174), a aprendizagem ativa é definida como “aprendizagem que é iniciada pelo sujeito que aprende, no sentido de que é executada pela pessoa que aprende, em vez de lhe ser apenas «passada» ou «transmitida»”. Apesar desta condição, mostrei-me sempre disponível para responder às necessidades das crianças, tornando-me apenas mediadora das atividades, em alguns dos casos.

Destaco, ainda, que a elaboração deste projeto, se tornou uma mais-valia para o meu desenvolvimento enquanto futura educadora, uma vez que proporcionou bases fundamentais para uma melhor prática educativa em contexto de creche, visto que é prioritário conhecer o grupo em questão, bem como as suas necessidades. Partindo deste ponto, é crucial que o projeto estimule as competências existentes nas crianças, dando espaço para a aquisição de novas aprendizagens. Os objetivos estabelecidos neste projeto foram, na grande maioria, atingidos com sucesso, pois a maior parte das crianças foram bastante participativas e interessadas com todas as atividades implementadas.

Para finalizar, ao longo da prática educativa, os grandes desafios sentidos foram-se dissipando, uma vez que, nesta faixa etária, é possível realizar inúmeras atividades, sempre adequadas a cada criança, e que o facto de serem tão pequenas não era um fator prejudicial, mas sim, um ponto muito positivo, uma vez que se encontravam numa fase de descoberta e exploração, sendo que adquirem mais facilmente diversas competências, cada uma ao seu ritmo.

1.2. Prática de Ensino Supervisionada em Contexto de Jardim de Infância

O jardim de infância é o lugar ideal para que a criança aprenda “a viver em grupo, a trabalhar com os outros, com a conseqüente distribuição de tarefas e gestão dos problemas de forma participativa. Aprende a ser autónoma nessas tarefas e a recorrer ao adulto como mediador, quando necessário”. (Craveiro e Ferreira, 2007, p. 19)

1.2.1. Caracterização da Instituição e do Projeto Educativo

O segundo momento da prática educativa, realizou-se num jardim de infância de rede pública, pertencente ao ME, inserido num agrupamento de escolas na cidade de Santarém. O agrupamento era constituído por dezassete estabelecimentos, entre o Pré-Escolar, o 1.º, 2.º, 3.º

CEB e, ainda, o Ensino Secundário. A sala de jardim de infância estava integrada no mesmo espaço físico de uma escola do 1.º Ciclo do Ensino Básico, com quatro salas, uma sala para cada ano de escolaridade. Esta valência de pré-escolar pretendia dar resposta a nível social na área da Educação de Infância, vocacionada para dar apoio à família e destinada a acolher crianças entre os três e os seis anos de idade.

A instituição dispunha de instalações antigas, no entanto iria entrar em obras para uma melhor qualidade de vida escolar de todas as crianças, ainda assim, encontravam-se adaptadas às necessidades e às diferentes faixas etárias, sendo que destaco a área do exterior pelo facto de as crianças beneficiarem de um espaço de grandes dimensões com vários recursos e estímulos, possibilitando o contacto diário entre todas as crianças da instituição, uma vez que tinham os intervalos e as horas de almoço no mesmo período.

O projeto educativo da instituição, referente ao ano letivo 2017/2018, era comum a todas as escolas que constituíam o agrupamento, cuja principal temática centrava-se na pessoa e na dignidade humana como valores fundamentais, criando condições de equilíbrio entre o conhecimento, a compreensão, a criatividade e o sentido crítico, formando assim pessoas autónomas e responsáveis, bem como cidadãos ativos na sociedade. Após o horário letivo, existiam, ainda, atividades de enriquecimento curricular (AEC), realizadas ao longo da semana, no período exterior ao horário, sendo estas, ao nível das Expressões Dramática, Musical e Motora (*yoga*).

Relativamente à organização curricular, durante a componente letiva, o horário de funcionamento era o seguinte (tabela 4):

Tabela 4 - Organização Curricular do Jardim de Infância

09h00 - 11h45	Período da manhã
11h45 - 12h15	Período do almoço
12h15 - 15h30	Período da tarde
15h30 - 17h15	AEC

1.2.2. Caracterização da Sala

A sala de jardim de infância era ampla e diversificada, pois estava equipada com vários materiais, adequados a crianças com idades compreendidas entre os três e os seis anos. Organizada por diversas áreas pedagógicas, sendo estas, a área da reunião, da garagem, do computador, da biblioteca, dos legos, da casinha, dos jogos de mesa, do quadro de giz, da pintura, do desenho, da modelagem e do recorte e colagem.

A sala não tinha um projeto fixo, a prática educativa era guiada por diversos projetos que surgiam ao longo do ano letivo, propostos pelo agrupamento ou através do município. As planificações eram assim baseadas nestes projetos, sendo realizadas mensalmente.

Pelo facto de existir apenas uma sala da valência de jardim de infância na instituição, era visível o contacto e a partilha de alguns momentos com as turmas de 1.º CEB, através de pequenos projetos e atividades e, ainda, ao nível da partilha de espaços em momentos de recreio e brincadeira livre.

A rotina diária da sala estava organizada tendo em conta alguns momentos centrais do dia, sendo que, por vezes, a mesma poderia ser modificada. De um modo geral, a rotina estava organizada da seguinte forma (tabela 5):

Tabela 5 - Rotina Diária do Jardim de Infância

09h00 - 09h30	Acolhimento das crianças
09h30 - 10h15	Início das atividades orientadas
10h15 - 10h30	Higiene e período do lanche
10h30 - 11h15	Recreio
11h15 - 11h45	Brincadeira livre
11h45 - 12h15	Higiene e período de almoço
12h15 - 13h30	Recreio
13h30 - 14h00	Início das atividades orientadas
14h00 - 15h15	Brincadeira livre
15h15 - 15h30	Higiene e período do lanche

1.2.3. Caracterização do Grupo

A sala de pré-escolar era constituída por um total de vinte e três crianças, com idades compreendidas entre os três e os seis anos, sendo que dez crianças eram do género feminino e treze eram do género masculino. Existiam seis crianças com três anos, cinco crianças com quatro anos, nove crianças com cinco anos e três crianças com seis anos. No grupo existiam duas crianças com necessidades educativas especiais, mais concretamente, um atraso geral cognitivo e dificuldades na linguagem.

O grupo interagia muito bem entre si, mesmo apresentando diferentes faixas etárias, não sendo este anterior fator um problema para as crianças. É um facto que os mais velhos ajudavam os mais novos, aprendendo, também, muito com eles, o que tornava as suas experiências variadas e enriquecedoras.

Um dos maiores interesses do grupo era a natureza. As crianças revelavam muito prazer quando se tratava deste tema, tendo sempre a iniciativa de ajudar a educadora a cuidar do “minijardim” da instituição, sabendo, ainda, os nomes das árvores e flores que lá existiam. O grupo, também, já tinha tido a oportunidade de semear algumas flores e sementes de frutos. Também, o interesse pelos animais, insetos e outros seres vivos era notório.

1.2.4. Projeto de Intervenção

O projeto de intervenção posto em prática, “A primavera” (Anexo VI), surgiu tendo em conta os principais interesses do grupo, tal como foi referido anteriormente. Assim sendo, foram trabalhadas as características da estação do ano em questão, nomeadamente, as flores, os frutos e os animais da época e, ainda, os valores a tudo isto inerentes, abrangendo sempre as diferentes áreas, nomeadamente, Área de Formação Pessoal e Social, Área de Expressão e Comunicação e, ainda, Área do Conhecimento do Mundo.

Ao longo de todo o projeto, foi ainda realizado “O grande livro da primavera” que teve a função de portefólio, onde foram registadas todas as atividades desenvolvidas ao longo de toda a intervenção, como forma de compilar todos os momentos, bem como verificar a evolução do projeto realizado pelas próprias crianças e, ainda, serviu, também, como método de avaliação das mesmas, uma vez que no final da realização do livro, este foi apresentado ao grupo para que fosse possível mencionar todas as aprendizagens adquiridas ao longo de toda a prática.

Assim sendo, com o surgimento do “Festival das Letras”, em que houve a oportunidade de apresentar uma dramatização da história “O Som das Cores”, na qual a educadora gostaria de ter participado, mas que não foi possível devido ao transporte das crianças. Então, esta foi dramatizada na sala de pré-escolar, em conjunto com os alunos da sala de 1.º ano, dando assim início à implementação do projeto, uma vez que a história abordava fenómenos e elementos da natureza, sendo possível fazer a interligação com a primavera.

Os principais objetivos deste projeto foram baseados nas aprendizagens a promover referidas nas OCEPE (2016), sendo estes os seguintes: desenvolver o respeito pelo outro e pelas suas opiniões, numa atitude de partilha e de responsabilidade social; respeitar a diversidade e socializar-se com os outros; desenvolver uma atitude crítica e interventiva relativamente ao que se passa no mundo que a rodeia; usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente de modo adequado à situação; compreender e identificar características distintas dos seres vivos e identificar diferenças e semelhanças entre: animais e plantas; e ainda, manifestar comportamentos de preocupação com a conservação da natureza e respeito pelo ambiente.

Ao longo de toda a intervenção, pude observar que as crianças demonstraram um grande interesse nas atividades propostas, verificando que a melhor estratégia facilitadora utilizada na implementação das mesmas, era a divisão do grupo em pequenos grupos, para assim existir uma melhor organização e tirarem um melhor proveito dos momentos proporcionados.

Destaco agora duas atividades realizadas, sendo a primeira, “O Som das Cores”, que tinha como principais objetivos (tabela 6):

Tabela 6 - Objetivos da Atividade "O Som das Cores"

Objetivos da Atividade "O Som das Cores"		
Área de Expressão e Comunicação <u>Linguagem Oral e Abordagem à Escrita</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Ouvir atentamente a história, mostrando prazer e satisfação. - Usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar de modo adequado à situação. 	
Área de Formação Pessoal e Social	<u>Convivência Democrática e Cidadania</u>	- Esperar pela sua vez na intervenção nos diálogos, dando oportunidade aos outros para intervirem.
	<u>Consciência de Si como Aprendiz</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Expressar opiniões, preferências e apreciações críticas, indicando algumas razões que as justificam; - Colaborar em atividades de pequeno grupo, colaborando em todo o processo e na elaboração do produto final.
Área do Conhecimento do Mundo <u>Abordagem às Ciências</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender e identificar características das flores. - Identificar, descrever e procurar explicações para fenómenos e transformações que observa no meio físico e natural. 	
Área de Expressão e Comunicação <u>Educação Artística</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Introduzir, nas suas produções plásticas, elementos visuais de modo intencional, para ilustrar histórias. - Cantar canções com controlo progressivo da melodia, da estrutura rítmica e da respiração. 	

Esta atividade deu início à implementação do projeto de intervenção "A primavera", tal como já foi mencionado. Primeiramente, foi feita uma pequena dramatização da história "O Som das Cores", de Paula Teixeira, em que todo o cenário foi montado na sala de pré-escolar. No final da apresentação do teatro, foi feita uma conversa refletiva acerca do mesmo, destacando os pontos mais importantes. Abordou-se alguns dos elementos da natureza, tais como, as flores e os frutos, bem como fenómenos da mesma, nomeadamente, o arco-íris e as cores por que este é constituído. Visto que, nos encontrávamos na primavera e todos estes acontecimentos estavam muito presentes no quotidiano, foi então possível fazer a ligação com a mesma. Posteriormente, fez-se um desenho coletivo, no exterior, em papel cenário acerca do teatro observado, onde se pretendia que cada criança desenhasse um elemento à sua escolha, estando este presente na história. Esta pintura foi realizada por três crianças de cada vez, enquanto as restantes se encontravam a brincar livremente nas áreas pedagógicas.

Para finalizar, foi levado um lírio, para ser apresentado ao grupo, visto que, também, foi uma flor referida na história, acabando assim por ser feita a introdução ao projeto interventivo, existindo uma conversa com o grupo acerca das diversas flores que conheciam, bem como outros fenómenos presentes na primavera. Esta atividade encontra-se planificada em anexo, bem como os seus materiais utilizados e as respetivas fotografias (Anexo VII, VIII e IX).

Importa ainda referir que, para além da dramatização da história e da realização do desenho coletivo, foi ensinada ao grupo, uma música relativa à mesma. Associados à música referida, foram ensinados os gestos alusivos às palavras cantadas, sendo que era treinada todos os dias, até que as crianças a interiorizaram e, posteriormente, apresentaram aos familiares na festa de final do ano letivo.

A atividade foi realizada com sucesso, uma vez que, todas as crianças, revelaram muito interesse na observação da dramatização da história, bem como na produção final acerca da mesma, principalmente, na partilha do espaço e, ainda, no respeito e na aceitação das ideias, por parte de todo o grupo, para a elaboração do desenho coletivo.

A segunda atividade que apresento, “O Ciclo do Mel”, foi realizada tendo em conta os seguintes objetivos (tabela 7):

Tabela 7 - Objetivos da Atividade "O Ciclo do Mel"

Objetivos da Atividade “O Ciclo do Mel”	
Área de Expressão e Comunicação <u>Linguagem Oral e Abordagem à Escrita</u>	- Ouvir atentamente a história, mostrando prazer e satisfação. - Usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar de modo adequado à situação.
Área de Formação Pessoal e Social	<u>Convivência Democrática e Cidadania</u> - Esperar pela sua vez na intervenção nos diálogos, dando oportunidade aos outros para intervirem.
	<u>Consciência de Si como Aprendiz</u> - Expressar opiniões, preferências e apreciações críticas, indicando algumas razões que as justificam.
Área do Conhecimento do Mundo <u>Abordagem às Ciências</u>	- Compreender e identificar características distintas dos animais.
Área de Expressão e Comunicação <u>Matemática</u>	- Usar unidades de medida para responder a necessidades e questões do quotidiano.

Esta atividade iniciou-se com a leitura da história “Ciclo do Mel”, de Cristina Quental e Mariana Magalhães. Este livro foi escolhido com o objetivo de se introduzir mais um animal que existe na primavera, a abelha, bem como as suas características e o seu modo de vida, o que levou, posteriormente, a ser abordado o ciclo do mel. Após a leitura da história, foi feita uma conversa acerca de todo o procedimento até chegarmos ao mel, uma vez que esta retrata todos os acontecimentos de uma forma muito clara. De seguida, foi então confeccionado os biscoitos de mel com todo o grupo. Existia a receita impressa, todos os ingredientes e uma balança, para que à medida que se ia lendo a receita, cada criança, à vez, pesava a quantidade

dos respetivos ingredientes e colocava no recipiente. Uma das crianças mais velhas, que por sua vez, já sabia escrever os números, foi fazendo o registo da quantidade dos ingredientes no quadro de giz. Todas as crianças tiveram a oportunidade de mexer na massa e de provar o mel. Três crianças de cada vez, conceberam o seu biscoito com uma forma à sua escolha. No fim, de todas as crianças terem participado, os biscoitos foram para o forno, antes do horário letivo terminar, cada uma comeu o seu biscoito. Esta atividade encontra-se planificada em anexo, bem como os materiais utilizados e as fotografias a esta inerentes (Anexo X, XI e XII).

Toda a intervenção, apesar de planeada previamente, foi para além das expectativas iniciais e dos objetivos definidos, pois todo o grupo colaborou ativamente, proporcionando um momento único. As crianças compreenderam os pontos essenciais da história, através das respostas obtidas às perguntas, colocadas no final da mesma. Demonstraram muito prazer na confeção dos seus próprios biscoitos, afirmando “esta massa é tão fofinha” e “cheira tão bem”.

A avaliação realizada, tal como na prática educativa desenvolvida em creche, baseou-se na observação direta, nas produções orais de cada criança, nos registos fotográficos, no produto final, que pudesse existir, e no *feedback* transmitido pela educadora cooperante. Tal como destacam as OCEPE (2016, p. 11) “(...) a observação e o registo permitem recolher informações para avaliar, questionar e refletir sobre as práticas educativas (...), sendo, ainda, essenciais para conhecer cada criança e a evolução dos progressos do seu desenvolvimento e aprendizagem”. Destaco, ainda, que os registos orais das crianças, realizados depois dos diversos momentos de intervenção, foram um dos grandes focos ao longo de toda a prática educativa. Revelaram ser uma ferramenta crucial, podendo assim auxiliar nas reflexões feitas após cada atividade e perceber quais as aprendizagens adquiridas, por parte das crianças, sobre as diferentes áreas de conteúdo desenvolvidas, permitindo assim direcionar todo o projeto.

1.2.5. Avaliação do Projeto de Intervenção

Inicialmente, foi um grande desafio no que toca à implementação de um projeto em contexto de jardim de infância, tendo este sofrido algumas alterações. No entanto, depois da semana de observação, em que houve a oportunidade de brincar e de me relacionar com as crianças, foi visível o seu grande interesse, transmitindo prazer sempre que se tocava no assunto. Assim sendo, considero que após este estar definido, foi de facto uma boa decisão, pois foi muito enriquecedor para todo o grupo, uma vez que surgiu do maior interesse das crianças. Tal como está referido nas OCEPE:

Observar e envolver-se no brincar das crianças, sem interferir nas suas iniciativas, permite ao educador conhecer melhor os seus interesses, encorajar e colocar desafios às

suas explorações e descobertas. Esta observação possibilita-lhe ainda planejar propostas que partindo dos interesses das crianças, os alarguem e aprofundem. (2016, p. 11)

Ao longo de toda a implementação do projeto de intervenção, deparei-me com alguns desafios, destacando a gestão do grupo, pois tinha algum receio na aplicação das atividades, na medida em que poderia não conseguir atingir os objetivos propostos e, ainda, na adaptação de algumas atividades, por ser um grupo multietário. No entanto, uma vez que a maior parte das crianças demonstrava um grande interesse pela natureza, pelos cuidados a ter com ela e pelos elementos que a constituem, revelaram-se motivados na aquisição de novas aprendizagens e gostaram de estar envolvidas nas atividades propostas.

Outro aspeto, foi a organização do grupo nas atividades, com o decorrer da prática educativa, pude verificar que ao invés de algumas atividades serem realizadas em grande grupo, deveriam ter sido realizadas em pequenos grupos, para uma melhor organização e gestão do mesmo. Depois desta observação, o grupo passou a ser organizado em pequenos grupos, para assim usufruírem melhor dos momentos proporcionados. Senti, ainda, que fui melhorando em diversos aspetos, sendo progressivamente capaz de resolver problemas e situações deste género, adaptando algumas atividades no momento, consoante a vontade e a disposição das crianças.

Relativamente aos materiais do projeto, foi tentado ao máximo que fossem utilizados materiais de desperdício, o que foi concretizado. As crianças gostaram dos materiais que foram construídos, em conjunto, fazendo-lhes referência várias vezes ao longo da prática educativa, muitos deles estando expostos na sala.

Em última análise, considero que as aprendizagens do grupo foram significativas e de que lhes foi proporcionado novas experiências, com as quais, ainda, não tinham tido contacto. Senti um enorme prazer na implementação deste projeto, apesar das dificuldades sentidas, inicialmente, estas foram ultrapassadas de forma gradual, retirando assim uma aprendizagem para o meu futuro profissional. Considero, ainda, que a linha condutora do projeto foi cumprida, permitindo, também, criar boas relações com o grupo. Foi satisfatório o produto final, na medida em que pude observar que as crianças aprenderam realmente ao longo de toda a intervenção.

1.3. Prática de Ensino Supervisionada em Contexto de 1.º CEB (1.º/2.º anos)

Segundo Castro e Rangel (2004), as crianças que transitam para o 1.º CEB, encaram este processo como um “salto” para o mundo dos mais crescidos, um novo estatuto, bem como uma oportunidade de aprender coisas novas e diferentes.

1.3.1. Caracterização da Instituição e do Projeto Educativo

O terceiro momento da prática educativa, realizou-se numa escola de rede pública, pertencente ao ME, inserida num agrupamento de escolas na cidade de Santarém. O agrupamento era constituído por dez estabelecimentos, entre o Pré-Escolar, o 1.º, 2.º e 3.º Ciclo do Ensino Básico. Esta instituição abrangia crianças desde o contexto de Jardim de Infância (dos três aos seis anos de idade) até ao 1.º CEB (1.º, 2.º, 3.º e 4.º anos de escolaridade).

O espaço interior da instituição era constituído por dois andares. No primeiro andar, podíamos encontrar cinco salas de 1.º CEB, a sala de multideficiência, a biblioteca, a sala de professores e o ginásio. No rés do chão, localizava-se mais duas salas de 1.º CEB, as duas salas de jardim de infância, a sala de apoio individualizado e o refeitório.

O espaço exterior era amplo e comum a toda a comunidade educativa, promovendo assim a interação entre os dois contextos nos momentos de recreio. Encontrava-se ao dispor dos alunos, um campo de futebol e um escorrega, onde estes podiam brincar livremente.

No que diz respeito à organização dos docentes, esta era composta por sete professoras titulares, duas educadoras, uma professora bibliotecária, quatro professoras de “Ninho”, uma professora de apoio educativo, uma professora de ensino especial, uma terapeuta da fala e sete assistentes operacionais, sendo estas últimas, distribuídas pelo 1.º CEB, pré-escolar e sala de multideficiência.

Esta instituição aderira a vários projetos e parcerias, nomeadamente, com a Ludoteca. Relativamente a esta, os alunos tinham a oportunidade de a visitar uma vez por mês onde realizavam várias atividades. Existiam, também, alguns alunos que, no final do horário letivo, a frequentavam, sendo estes, transportados desde a escola até à Ludoteca, através de um transporte próprio da mesma.

O projeto educativo da instituição era baseado no projeto educativo do Agrupamento de Escolas, tendo este, entrado em vigor no ano de 2013 até ao presente ano. Este tinha como linhas orientadoras, baseadas na intervenção dos diversos docentes, e centradas nos vários princípios e valores, sendo estes, uma escola inclusiva onde todos têm lugar, promovendo a participação de todos os parceiros, alunos, encarregados de educação, professores e funcionários, guiando-se por valores universais e humanistas. Sendo uma das principais prioridades, promover uma escola de dignidade, disciplina, responsabilidade e autoridade, partindo do princípio de que na escola, a educação é o seu centro.

1.3.2. Caracterização da Sala

A sala era considerada ampla e existiam diversos materiais pedagógicos, tais como, jogos didáticos ligados à área do Português, bem como materiais ligados à aprendizagem da

Matemática, nomeadamente, o material multibásico, o ábaco vertical e os sólidos geométricos, também existia à disposição dos alunos, folhas brancas para desenharem como forma de ocupação do tempo livre. Em relação à luminosidade, este aspeto era muito positivo, uma vez que a parte lateral da sala era constituída por janelas.

O seu interior era constituído por mesas, cadeiras, um quadro de ardósia, um quadro interativo, um projetor, um computador, um lavatório, vários armários de arrumação dos diversos materiais pedagógicos e um ar condicionado que regulava o ambiente no interior da sala. As paredes evidenciavam as aprendizagens dos alunos, uma vez que os trabalhos que se encontravam expostos eram da autoria dos mesmos. Neste sentido, é participando que cada aluno “se habilita à participação, no sentido pleno da palavra, tal implica tomar parte e ter parte no contexto” (Gohn, 2014, p. 36) onde está inserido. No decorrer das intervenções executadas, ao longo da intervenção, estas iam sendo renovadas com trabalhos das novas aprendizagens adquiridas, como forma dos alunos observarem os conteúdos trabalhos.

A organização do ambiente educativo permitia que fosse possível trabalhar, da melhor maneira para os alunos, três conteúdos diferentes de dois níveis de ensino diferentes (1.º e 2.º anos de escolaridade), sendo que, no lado direito da sala, se encontravam os alunos do 1.º ano, organizados em pares e, no lado esquerdo, os alunos do 2.º ano, organizados em pequeno grupo, uma vez que eram apenas seis. Deste modo, com o auxílio de dois quadros, a professora tinha de gerir as suas aulas de forma a que fosse possível chegar a todos os alunos. No entanto, por vezes, tornava-se complicado de alcançar todas as dificuldades sentidas pelos alunos, sendo que havia dúvidas surgidas ao mesmo tempo e conteúdos que tinham de ser lecionados a um nível, enquanto o outro nível estava a realizar trabalho autónomo. Durante a prática educativa, esta dificuldade foi atenuada, uma vez que se encontravam três professoras na sala de aula, o que se tornou mais fácil de gerir e auxiliar o grupo.

Para além das áreas curriculares trabalhadas, no seu respetivo horário, existia, ainda, a Oferta Complementar “Aprender a ser”, lecionada, também, pela professora titular de turma. Esta oferta tinha como principal objetivo promover a educação para a cidadania, vivenciada e exercida no quotidiano, de modo transversal aos currículos das diversas disciplinas. Este exercício da cidadania é trabalhado para que exista atitude e forma de ser, estar e fazer, para que cada aluno encare os problemas da sociedade como sendo os seus próprios. Neste sentido, Sarmiento (2009, p. 45) destaca “a cidadania como prática de colaboração e possibilidade de intervenção e de tomada de decisões relevantes em todos os quadrantes da vida social”.

Relativamente ao projeto educativo da sala, a professora cooperante não se guiava por nenhum projeto em específico, baseava-se apenas no Programa e Metas Curriculares do 1.º

Ciclo do Ensino Básico, relativas a todas as áreas curriculares, nomeadamente, Português, Matemática, Estudo do Meio e Expressões Artísticas.

O horário letivo, desta turma, encontrava-se organizado da seguinte forma (tabela 8):

Tabela 8 - Horário Letivo da Turma (1.º/2.º anos)

	2.ª Feira	3.ª Feira	4.ª Feira	5.ª Feira	6.ª Feira
09h00 09h30	Português	Matemática	Português	Matemática	Português
09h30 10h00					
10h00 10h30					
10h30 11h00	Intervalo				
11h00 11h30	Matemática	Português	Matemática	Português	
11h30 12h00					
12h00 12h30					
12h30 14h00	Almoço				
14h00 14h30	Oferta Complementar	Estudo do Meio	Expressões Artísticas	Estudo do Meio	Expressões Artísticas (Físico-Motora)
14h30 15h00					
15h00 15h30					

1.3.3. Caracterização do Grupo

A prática educativa decorreu numa sala de 1.º e 2.º anos de escolaridade, constituída por vinte e dois alunos, sendo dezasseis do 1.º ano e seis do 2.º ano. De todos eles, quinze eram do género masculino e sete do género feminino, em que sete dos alunos eram condicionais e dois deles repetentes. O presente grupo tinha idades compreendidas entre os cinco e os nove anos. Existiam, ainda, três alunos do 1.º ano e três alunos do 2.º ano que frequentavam o “Ninho” a Português, ou seja, frequentavam um grupo mais reduzido de alunos, exterior à turma, que decorria aquando as aulas de Português da restante turma.

Esta turma era empenhada e demonstrava grande vontade em aprender. No entanto, o facto de existir sete alunos condicionais, refletia-se no comportamento da mesma, na medida em que alguns destes, ainda, eram um pouco imaturos, revelando por vezes um nível de baixa concentração.

Importa referir que, o grande desafio existente, ao longo da prática educativa, para lecionar nesta turma, foi o facto de existir dois anos de escolaridade, em que os conteúdos e os métodos de trabalho eram significativamente distintos. As atividades para toda a turma não eram muito frequentes, à exceção do domínio das Expressões Artísticas.

A nível social, esta turma, não apresentava muitos conflitos, interagiam relativamente bem entre si, demonstrando uma boa relação entre os alunos de 1.º e 2.º ano. De um modo geral, todos os alunos manifestavam atitudes positivas relativamente à vida escolar, bem como à professora titular de turma. Os alunos não revelavam preferência por nenhuma área específica, interessando-se por todas elas. No entanto, na área das Expressões Artísticas existia maior entusiasmo, uma vez que não era realizada tão frequentemente quanto as outras e, também, por apresentar um carácter mais lúdico.

Consoante o que estava referido no plano de turma, esta demonstrava gosto pela escola e aderiu facilmente e com entusiasmo às propostas de atividades. Valorizava a realização de trabalhos e desenvolvia competências sociais, respeitando outras culturas e tradições, visto que existiam vários alunos de nacionalidades diferentes. Importa referir ainda que, existia um forte envolvimento dos encarregados de educação, refletindo-se no desenvolvimento escolar dos alunos. Tal como defende Marques (1993, p. 9) “quando as famílias participam na vida das escolas, quando os pais acompanham e ajudam o trabalho dos filhos, estes têm melhores resultados do que colegas com idêntico *background*, mas cujos pais se mantêm afastados da escola”.

Como aspetos menos fortes, esta turma era um pouco conversadora e existia alguma falta de atenção e concentração, por parte de alguns alunos. Existia, ainda, alguns obstáculos na organização e na realização de atividades, devido à existência de diferentes níveis e ritmos de aprendizagem, bem como de dois anos de escolaridade. É, ainda, demonstrado, por parte de alguns alunos, falta de hábitos de estudo, de organização, de rotinas e de responsabilidade em cumprir tarefas diárias.

Para finalizar, é fulcral referir que, a professora cooperante, foi um elemento crucial, no que toca à compreensão da dinâmica da turma, uma vez que esta era constituída por dois anos de escolaridade, bem como na interligação dos mesmos.

1.3.4. Projeto de Intervenção

Após a primeira semana de observação, foi possível verificar a existência da Oferta Complementar, que se denominava por “Aprender a ser”, estando relacionada com questões de cidadania, tal como já foi referido. No entanto, depois de algumas conversas informais com a professora cooperante, foi perceptível que nem sempre existia tempo para que estes conceitos

fossem trabalhados. E, visto que, eram temas fulcrais a serem abordados nestas faixas etárias, todo o projeto de intervenção, “Aceita a diferença” (Anexo XIII), foi baseado em torno das atitudes e valores, sempre que foi possível. Tal como é destacado pelo Ministério da Educação:

Enquanto processo educativo, a educação para a cidadania visa contribuir para a formação de pessoas responsáveis, autónomas, solidárias, que conhecem e exercem os seus direitos e deveres em diálogo e no respeito pelos outros, com espírito democrático, pluralista, crítico e criativo. (2013, p. 1)

Neste sentido, existiu sempre o cuidado de planificar atividades que desenvolvessem as competências relacionadas com o tema em questão. No entanto, houve alguma dificuldade em realizar atividades exclusivas deste tema, o que levou a dar ênfase aos valores e atitudes nas atividades que foram realizadas, mesmo que abordassem outros conteúdos. Por exemplo, quando foi abordado o conteúdo da família, na disciplina de Estudo do Meio, ao invés de ser introduzido apenas o tema, foi contada a história “O Livro da Família”, de *Todd Parr*, em que são expostos diversos tipos de famílias, o que permitiu explorá-los e, ainda, promover a aceitação da diferença, conhecendo assim algumas características da turma.

Assim sendo, todo o projeto acabou por realçar, sempre que possível, as questões de cidadania presentes, direta ou indiretamente, no decorrer das restantes atividades ao longo de toda a prática educativa, sempre interligando com o Programa e Metas Curriculares do 1.º Ciclo do Ensino Básico, relativas a todas as áreas curriculares.

Os principais objetivos deste projeto foram baseados no Plano Curricular da Oferta Complementar “Aprender a ser”, referente ao ano letivo 2018/2019, nomeadamente, pretender que a criança seja capaz de assumir atitudes de compreensão e de respeito pelas diferenças que caracterizam a diversidade humana e pelas suas expressões.

Destaco agora duas das diversas atividades implementadas em contexto de 1.º CEB. Sendo a primeira, “A Minha Família”, relativa ao 1.º ano de escolaridade, que tinha como principais objetivos (tabela 9):

Tabela 9 - Objetivos da Atividade "A Minha Família"

Objetivos da Atividade “A Minha Família”	
Estudo do Meio <u>Bloco 2 - À</u> <u>Descoberta dos</u> <u>Outros e das</u> <u>Instituições</u>	- Estabelecer relações de parentesco (pai, mãe, irmãos e avós); - Representar a sua família (pinturas, desenhos, ...).
Cidadania e Desenvolvimento	- Reconhecer diferentes tipos de família; - Respeitar a diferença entre famílias; - Mobilizar a aceitação da diferença para outros contextos.

Tal como já foi mencionado, esta atividade deu início à implementação do projeto de intervenção, relativamente ao grupo de 1.º ano, uma vez que na área de Estudo do Meio teria de ser abordado o tema da família, eu e o meu par pedagógico, decidimos introduzi-lo através da história “O Livro da Família”, de *Todd Parr*, interligando com a área da Cidadania e Desenvolvimento. Abordaram-se então os diferentes tipos de família, promovendo o respeito pela diferença e, ainda, a identificação dos alunos com a sua própria família. Após a leitura e discussão da história, em que os alunos tiveram a oportunidade de discutirem sobre as suas próprias famílias, de modo a que conhecêssemos mais sobre cada criança, desenharam, ainda, a sua árvore genealógica, composta com os familiares ao critério de cada um dos alunos. Esta atividade encontra-se planificada em anexo, bem como os seus respetivos materiais (Anexo XIV e XV).

Como balanço da atividade, concluo que os objetivos definidos foram alcançados, principalmente, no âmbito da área da Cidadania e Desenvolvimento, que se prendiam com o reconhecimento de diferentes famílias e o respeito pela diferença entre as mesmas, mobilizando para a aceitação da diferença noutros contextos. Creio ainda que, esta atividade fez todo o sentido, uma vez que existiam diferentes nacionalidades, bem como etnias, nesta turma e que, por sua vez, faz com que existam diversas culturas. Neste sentido, será relevante proporcionar momentos para que todos os alunos sejam respeitados e aceites, de igual forma, na sociedade, independentemente das suas características. Tal como está referido na Lei de Bases do Sistema Educativo:

O aluno tem direito a ser tratado com respeito e correção por qualquer membro da comunidade educativa, não podendo, em caso algum, ser discriminado em razão da origem étnica, saúde, sexo, orientação sexual, idade, identidade de género, condição económica, cultural ou social ou convicções políticas, ideológicas, filosóficas ou religiosas. (2012, p. 5014)

O grupo demonstrou, ainda, respeito por todos os colegas durante a discussão acerca da história, bem como nos diálogos acerca das famílias, independentemente das características apresentadas, esperando sempre pela sua vez para intervir, dando oportunidade aos outros para argumentarem.

A segunda atividade, “Sentir Diferente”, relativa aos dois anos de escolaridade, foi realizada tendo em conta os seguintes objetivos (tabela 10):

Tabela 10 - Objetivos da Atividade "Sentir Diferente"

Objetivos da Atividade “Sentir Diferente”	
Estudo do Meio <u>Bloco 1 - A</u>	- Distinguir objetos pela textura e forma.

<u>Descoberta de Si</u> <u>Mesmo</u>	
Expressão Artística <u>Dramática</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Reagir espontaneamente, por gestos/movimentos a ilustrações, atitudes e gestos; - Orientar-se no espaço a partir de referências auditivas e táteis; - Deslocar-se em coordenação com um par.
Cidadania e Desenvolvimento	<ul style="list-style-type: none"> - Transmitir valores de cidadania (aceitação da diferença); - Adequar comportamentos em contexto de cooperação; - Interagir com tolerância, empatia e responsabilidade.

Esta atividade consistiu em três momentos distintos, sendo que, inicialmente, foi realizada uma atividade experimental, ao nível da área do Estudo do Meio, em que os alunos tiveram de identificar vários objetos (lápis, colher, afia, botão, plasticina, borracha, rolha e lã) sem os ver. Neste sentido, os alunos tiveram de utilizar apenas o sentido do tato, uma vez que teriam de estar de olhos fechados. Assim sendo, deu para que cada aluno tivesse a perceção de como se sente e se identifica determinados objetos apenas com o toque. Foi, ainda, pedido ao grupo para que mencionasse características dos próprios objetivos (fino/grosso, quente/frio, duro/macio, grande/pequeno, leve/pesado, dobra/não dobra, rugoso/liso, duro/mole). Após a realização da atividade, cada aluno preencheu uma ficha de registo acerca da mesma, em que consistia na identificação dos objetos que tiveram contacto, bem como a característica mais apropriada a cada um destes. Para a concretização desta atividade, destacando como uma mais-valia da mesma, foi o facto de a turma ter sido dividida em três grupos, para que cada grupo ficasse com uma professora, para melhor organização e gestão do mesmo.

No segundo momento, que ocorreu no dia seguinte, como forma de articulação com a atividade experimental de Estudo do Meio, os alunos tiveram a oportunidade de realizar uma atividade ao nível das Expressões Artísticas, nomeadamente, a Expressão Dramática. Assim sendo, existia um saco de pano com diversas representações de ações, relativas aos sentidos, em que cada aluno, à vez, tinha de tirar apenas uma para a mimar adequadamente para o restante grupo, não podendo comunicar de forma verbal, com o intuito de adivinharem o que se estava a representar. O primeiro aluno a responder corretamente, teria, ainda, de dizer qual dos sentidos a ação estava associada, bem como o respetivo órgão do corpo humano, para assim, continuar com a representação das restantes ações. Esta atividade, também, serviu para que os alunos tivessem a perceção de como se comunica de forma não verbal.

O último momento, realizado posteriormente ao segundo, na mesma aula, consistiu numa atividade a pares, em que um dos alunos se encontrava de olhos vendados, com o intuito de ser guiado pelo colega, seguindo as indicações do mesmo. Esta atividade, também, permitiu perceber se existe ou não confiança no outro, bem como espírito de entajuda e colaboração entre pares. Importa ainda referir que, esta atividade foi realizada num espaço amplo, uma vez

que foi executada por todos os alunos da turma ao mesmo tempo, mais precisamente, no ginásio da escola. Com a implementação desta atividade, os alunos, também, conseguiram ter um pouco de consciência de como se movimenta com a falta de um dos sentidos, sendo este, neste caso, a visão. Esta atividade encontra-se planificada em anexo, bem como os materiais a serem utilizados (Anexo XVI e XVII).

Refletindo acerca deste conjunto de atividades, considero que o facto de ter sido criada uma continuidade da mesma, foi uma mais-valia para os alunos, promovendo assim uma introdução a um conteúdo, tendo por base, instrumentos anteriormente trabalhados. Tal como refere Woodhead (1981, citado por Marchão, 2002, p. 34) “continuidade não implica repetição, implica introdução ao que é novo, a novas tarefas, apoiadas em significados construídos e experienciados”.

Assim, como a atividade, também, promoveu o trabalho em pequenos ou grande grupo, sendo este, importante para que exista uma melhor convivência e socialização positiva entre os alunos, tentando desta forma, amenizar os conflitos existentes entre os mesmos. A Lei de Bases do Sistema Educativo (1986), aponta explicitamente para a necessidade da educação para a cidadania, mostrando a importância do trabalho de grupo. Segundo o Capítulo I, Artigo 7.º, Alínea e), o sistema educativo deverá “(...) facilitar a aquisição e o desenvolvimento de métodos e instrumentos de trabalho pessoal e em grupo, valorizando a dimensão humana do trabalho”.

1.3.5. Avaliação do Projeto de Intervenção

Como forma de reflexão acerca da implementação do projeto de intervenção na prática educativa em contexto de 1.º CEB, considero que, inicialmente, existiu algum receio no que diz respeito à gestão do grupo, ainda, para mais com dois anos de escolaridade. Posteriormente, de não ser possível implementar as atividades propostas e atingir os objetivos das mesmas, bem como os do projeto, uma vez que existe um programa e metas curriculares a cumprir. No entanto, com a primeira semana de intervenção, deparei-me que era um grupo que demonstrava um enorme gosto pela escola, o que ajudou na minha intervenção educativa.

Ao longo de todo o projeto, sempre que foi possível, as atividades propostas foram implementadas para os dois anos de escolaridade, existindo assim integração dos dois grupos, em contexto de sala de aula. A meu ver, foi uma mais-valia, na medida em que os alunos do 2.º ano encarregavam-se de ajudar os alunos do 1.º ano, completando as respostas dos mesmos, pois estes já possuíam alguns conteúdos mais aprofundados. Tal como defende um relatório realizado pela UNESCO (1997, citado por Machado, 2013, p. 18), reconhece como vantagens, no que diz respeito às turmas com diferentes anos de escolaridade, a “repetição de habilidades”

que “promove um reforço nos conhecimentos e o trabalho dos alunos num grupo mais alargado” que “permite uma maior interação e trocas entre pares”.

É de verificar que, no decorrer das semanas de intervenção, senti que fui melhorando dia após dia, sendo progressivamente capaz de resolver problemas, adaptando atividades que, no momento, tiveram que sofrer alterações.

Relativamente aos materiais utilizados na implementação do projeto, foi utilizado, sempre que possível, materiais de desperdício, bem como os materiais existentes na sala de aula, uma vez que, a professora cooperante, os disponibilizou. Foram, ainda, construídos, em conjunto com todo o grupo, materiais, bem como cartazes relativos aos conteúdos abordados, ao longo de toda a prática educativa, estando estes expostos nos *placards* da sala de aula, com o intuito de serem recorridos sempre que os alunos assim o desejassem.

Para finalizar, considero que a linha condutora do projeto de intervenção foi cumprida e que permitiu criar boas relações com o grupo, proporcionado, ainda, novas experiências, com as quais não tinham, ainda, contactado. Fiquei realmente satisfeita com todo o trabalho realizado ao longo de toda a prática educativa, uma vez que pude observar que os alunos adquiriram novas aprendizagens, demonstrando com os comentários que foram feitos quando, no final das sete semanas de intervenção, visualizaram uma apresentação, realizada por mim e pelo meu par pedagógico, com todas as atividades implementadas durante as mesmas.

1.4. Prática de Ensino Supervisionada em Contexto de 1.º CEB (3.º ano)

Os programas propostos para o 1.º CEB implicam que o desenvolvimento da educação escolar, ao longo das idades abrangidas, constitua uma oportunidade para que os alunos realizem experiências de aprendizagem ativas, significativas, diversificadas, integradas e socializadoras que garantam, efetivamente, o direito ao sucesso escolar de cada aluno. (ME, 2004, p. 23)

1.4.1. Caracterização da Instituição e do Projeto Educativo

O último momento da prática educativa, realizou-se numa escola de rede pública, pertencente ao ME, inserida num agrupamento de escolas na cidade de Santarém. O agrupamento era constituído por dez estabelecimentos, entre o Pré-Escolar, o 1.º, 2.º e 3.º Ciclo do Ensino Básico. Esta instituição abrangia crianças desde o contexto de Jardim de Infância (dos três aos seis anos de idade) até ao 1.º CEB (1.º, 2.º, 3.º e 4.º anos de escolaridade).

O espaço interior da instituição era constituído por dois andares. No primeiro andar, podíamos encontrar cinco salas de 1.º CEB, a sala de multideficiência, a biblioteca, a sala de

professores e o ginásio. No rés do chão, localizava-se mais duas salas de 1.º CEB, as duas salas de jardim de infância, a sala de apoio individualizado e o refeitório.

O espaço exterior era amplo e comum a toda a comunidade educativa, promovendo assim a interação entre os dois contextos nos momentos de recreio. Encontrava-se ao dispor dos alunos, um campo de futebol e um escorrega, onde estes podiam brincar livremente.

No que diz respeito à organização dos docentes, esta era composta por sete professoras titulares, duas educadoras, uma professora bibliotecária, quatro professoras de “Ninho”, uma professora de apoio educativo, uma professora de ensino especial, uma terapeuta da fala e sete assistentes operacionais, sendo estas últimas, distribuídas pelo 1.º CEB, pré-escolar e sala de multideficiência.

Esta instituição aderiu a vários projetos e parcerias, nomeadamente, com a Ludoteca. Relativamente a esta, os alunos tinham a oportunidade de a visitar uma vez por mês onde realizavam várias atividades. Existiam, também, alguns alunos que, no fim do horário letivo, a frequentavam, sendo estes, transportados desde a escola até à Ludoteca, através de um transporte próprio da mesma.

O projeto educativo da instituição era baseado no projeto educativo do Agrupamento de Escolas, tendo este, entrado em vigor no ano de 2013 até ao presente ano. Este tinha como linhas orientadoras, baseadas na intervenção dos diversos docentes, e centradas nos vários princípios e valores, sendo estes, uma escola inclusiva onde todos têm lugar, promovendo a participação de todos os parceiros, alunos, encarregados de educação, professores e funcionários, guiando-se por valores universais e humanistas. Sendo uma das principais prioridades, promover uma escola de dignidade, disciplina, responsabilidade e autoridade, partindo do princípio de que na escola, a educação é o seu centro.

1.4.2. Caracterização da Sala

Devido ao facto de ter realizado este último momento da prática educativa na mesma instituição da anterior, as salas não variavam muito, uma vez que ambas se situavam no mesmo corredor, apresentavam a mesma estrutura. Assim sendo, a sala era considerada ampla e continha vários materiais didáticos para o auxílio da aprendizagem dos diversos conteúdos a serem trabalhados. Tal como a sala anterior referida, esta, também, tinha como aspeto positivo, a sua luminosidade, na medida em que uma das suas partes laterais era composta por janelas.

O interior da sala era constituído por mesas, organizadas em filas de quatro cadeiras, um computador, um quadro de ardósia, um quadro interativo, um ar condicionado que regulava o ambiente no interior da sala, um lavatório e diversos armários de arrumação dos materiais. As paredes evidenciavam os trabalhos realizados pelos alunos, em conjunto com as suas

próprias famílias, nomeadamente, as suas árvores genealógicas, bem como uma representação do sistema solar, ambas realizadas ao consenso de cada uma. Neste sentido, segundo Marques (1991), todas as famílias contribuem para o desenvolvimento da criança, cabe então à escola reforçá-los. Assim, quando existe um envolvimento dos pais, as crianças apresentam um maior aproveitamento e desenvolvem melhor as suas capacidades intelectuais e comportamentais.

A organização do ambiente educativo não se apresentava sempre de forma igual, por vezes, existia uma mudança regular, na medida em que a professora titular, ainda, estava a definir a melhor estratégia para um bom funcionamento da rotina, na sala de aula, beneficiando a aprendizagem de todos os alunos. Assim sendo, como a sala era considerada ampla, permitia que existissem algumas mudanças, no que diz respeito à disposição das mesas, pois estas iam variando consoante os conteúdos a serem abordados, ou seja, normalmente, encontravam-se organizadas em filas de quatro cadeiras, no entanto, por vezes, estavam em formato de “u” ou em pequenos grupos, conforme, também, os objetivos propostos para a determinada aula.

Relativamente ao projeto educativo da sala, a professora cooperante, também, não se guiava por nenhum projeto em específico, baseava-se no Programa e Metas Curriculares do 1.º Ciclo do Ensino Básico, relativas a todas as áreas curriculares. Esta, também, lecionava as suas aulas com recurso à plataforma educativa *online*, designada por “Escola Virtual”, uma vez que estavam disponíveis todos os manuais, bem como apresentações didáticas relativas aos temas a serem lecionados. Neste sentido, pude observar que o leccionamento através de uma plataforma educativa *online* é uma estratégia facilitadora para a aprendizagem dos alunos, uma vez que estes demonstravam maior interesse e curiosidade nas temáticas exploradas na sala de aula e, ainda, uma melhor compreensão das mesmas. Tal como refere Afonso (2004), uma vez que o *software* educativo apresenta a informação de uma forma não linear, estimula assim a motivação para os seus utilizadores e pode facilitar a compreensão de conceitos. No mesmo sentido, Carvalho *et al.* (2004), afirma que a navegação no *software* educativo proporciona, ainda, a curiosidade e a descoberta orientada para a construção de conhecimentos.

O horário letivo, desta turma, encontrava-se organizado da seguinte forma (tabela 11):

Tabela 11 - Horário Letivo da Turma (3.º ano)

	2.ª Feira	3.ª Feira	4.ª Feira	5.ª Feira	6.ª Feira
09h00 09h30	Apoio ao Estudo	Matemática	Expressões Artísticas (Musical)	Português	Matemática
09h30 10h00	Inglês		Expressões Artísticas		
10h00 10h30					
10h30 11h00	Intervalo				

11h00 11h30	Português	Português	Matemática	Matemática	Português
11h30 12h00					Expressões Artísticas
12h00 12h30					
12h30 14h00	Almoço				
14h00 14h30	Matemática	Apoio ao Estudo	Português	Oferta Complementar	Estudo do Meio
14h30 15h00		Inglês		Estudo do Meio	
15h00 15h30					
15h30 16h00	Intervalo				
16h00 17h00	Estudo do Meio	Expressões Artísticas (Físico-Motora)	AEC	AEC	AEC

1.4.3. Caracterização do Grupo

A prática educativa decorreu numa sala de 3.º ano de escolaridade, constituída por vinte e seis alunos, sendo que catorze eram do género feminino e doze do género masculino, com idades compreendidas entre os oito e os dez, em que um dos alunos era repetente. Existiam, ainda, quatro alunos que frequentavam o “Ninho” a Matemática, ou seja, frequentavam um grupo mais reduzido de alunos, exterior à turma, que decorria aquando as aulas de Matemática da restante turma, podendo assim ter um maior apoio.

Esta turma era um pouco extensa, daí existir algumas dificuldades na gestão do grupo, refletindo-se na capacidade de concentração dos alunos. Existia, ainda, dificuldade, por parte de alguns alunos, no cumprimento das regras, uma vez que, também, havia alguns casos em que se verificava instabilidade devido a problemas familiares.

Quanto ao nível social desta turma, existiam alguns conflitos entre os alunos, sendo que estes revelavam dificuldades em trabalhar em grupo, bem como respeitar a opinião do outro, interrompendo-se e insultando-se mutuamente. Apesar destes constrangimentos, eram alunos interessados e motivados a aprender novos conteúdos, demonstrando interesse sempre que eram dinamizadas aulas, especialmente, se fossem utilizados métodos diversificados na apresentação de novos conteúdos.

Relativamente aos interesses da turma, esta não manifestava preferência por nenhuma área especificamente, interessando-se por todas elas de forma geral. No entanto, na área do Estudo do Meio existia um maior entusiasmo, uma vez que era uma disciplina que não era

lecionada tão frequente quanto as outras, por, também, apresentar um caráter mais prático, nomeadamente, as atividades experimentais, bem como era uma área que proporcionava mais interação, por parte da turma, na medida em que muitos dos conteúdos abordados estavam presentes no quotidiano dos alunos, existindo assim uma maior participação.

1.4.4. Projeto de Intervenção

O projeto de intervenção posto em prática intitulou-se “Juntos chegamos mais longe” (Anexo XVIII), teve como ponto de partida uma das grandes dificuldades dos alunos, ou seja, o trabalho em grupo, bem como a relação entre uns e outros. Por isso, considerou-se que seria importante melhorar este aspeto, trabalhando em torno do respeito pessoal e intrapessoal, através da realização do maior número de atividades possíveis, dividindo a turma em grupos de trabalho, permitindo assim que existisse uma aprendizagem cooperativa entre todo o grupo. Segundo Leitão (2006), a aprendizagem cooperativa é uma estratégia centrada no aluno e no trabalho colaborativo entre os grupos, de maneira a que exista uma diversidade de atividades, formas e contextos para que estes aprendem, de forma ativa, responsável, crítica e reflexiva, construindo assim a sua perceção acerca da realidade que os rodeia.

Para a implementação do projeto, foi feita a ligação entre conteúdos do Programa e Metas Curriculares do 1.º Ciclo do Ensino Básico e os valores inerentes ao trabalho em grupo e respeito pelo outro. Assim sendo, os principais objetivos deste projeto foram os seguintes: identificar e reconhecer a importância de normas e regras de boa convivência social e de respeito mútuo; aprender a partilhar objetos e ideias; identificar diferentes pontos de vista; reconhecer a importância da capacidade de argumentar e debater as suas ideias e as dos outros; e ainda, entender e colocar-se na perspetiva do outro, expressando sentimentos.

Destaco agora duas atividades realizadas, sendo a primeira, “Vamos Medir e Calcular Perímetros”, que tinha como principais objetivos (tabela 12):

Tabela 12 - Objetivos da Atividade "Vamos Medir e Calcular Perímetros"

Objetivos da Atividade “Vamos Medir e Calcular Perímetros”	
Matemática <u>Geometria e Medida</u>	- Medir comprimentos; - Relacionar as diferentes unidades de medida de comprimento do sistema métrico; - Medir distâncias utilizando as unidades do sistema métrico.
Cidadania e Desenvolvimento	- Colaborar e trabalhar em grupo; - Escutar, compreender e respeitar as perspetivas de outros.

Esta atividade foi realizada como forma de consolidação do novo conteúdo introduzido na aula do dia anterior, o perímetro. Assim sendo, uma vez que o projeto de intervenção se baseava no trabalho em grupo, ao invés de ser apenas aplicada uma ficha formativa individual,

os alunos tiveram a oportunidade de concretizar esta atividade no exterior, em pequenos grupos, com o intuito de calcularem o perímetro de vários objetos reais (campo de futebol, quadrado axadrezado, banco de cimento e canteiro) previamente definidos, bem como as respectivas medições dos mesmos, acabando por fazer a relação dos diversos conceitos matemáticos que já tinham sido abordados. Importa referir que, cada grupo, tinha um guião da atividade, existindo assim uma maior organização da mesma, ou seja, para que cada grupo soubesse a ordem dos seus objetos, não permitindo que houvesse mais do que um grupo no mesmo. Após todos os grupos terem feito todas as medições, bem como todos os cálculos e terem preenchimento o guião, voltámos para a sala de aula, para ser feita a discussão acerca dos resultados obtidos. A presente atividade encontra-se planificada em anexo, bem como os materiais utilizados e as fotografias a esta inerentes (Anexo XIX, XX e XXI).

Como balanço da atividade, posso concluir que, os objetivos propostos, relativamente à área da Matemática, foram alcançados com sucesso, uma vez que os resultados obtidos estavam corretos, bem como as estratégias a serem utilizadas ao longo de todo o exercício. No entanto, no que diz respeito à área da Cidadania e Desenvolvimento, existiu, ainda, algumas dificuldades na organização dos grupos, nomeadamente, na repartição de tarefas. Creio que este seja um aspeto fundamental no trabalho em grupo, na medida em que não haja quem trabalha e quem apenas vê os outros trabalhar, pois todos os elementos do grupo devem ter uma tarefa que lhe é especialmente destinada, tendo noção de que se não a fizerem, quem sofrerá as consequências não será apenas o aluno em questão, mas sim, todo o grupo. Tal como referem Bessa e Fontaine (2002, p. 31), “os diferentes indivíduos devem orientar os seus esforços no sentido de atingirem objetivos comuns e, dessa forma, contribuir quer para o seu sucesso quer para o dos outros na realização desses objetivos”, significando assim que o grupo não será bem sucedido se não existir a cooperação de todos os seus elementos. Outro aspeto, menos positivo, notório ao longo da atividade, foi o modo de como argumentavam e aceitavam as diferentes opiniões dos elementos do grupo. Ainda assim, todo o grupo demonstrou empenhado e concentração na realização desta atividade, pedindo até para serem feitas mais atividades deste cariz.

A segunda atividade que apresento, “Vamos Rever o que já Aprendemos”, foi realizada tendo em conta os seguintes objetivos (tabela 13):

Tabela 13 - Objetivos da Atividade "Vamos Rever o que já Aprendemos"

Objetivos da Atividade “Vamos Relembrar o que já Aprendemos”	
Português <u>Gramática</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Classificar palavras quanto ao número de sílabas e quanto à posição da sílaba tónica; - Identificar os tipos de frase; - Identificar pronomes pessoais; - Identificar adjetivos qualificativos e a sua concordância;

	<ul style="list-style-type: none"> - Conjugar verbos regulares e irregulares; - Identificar os diferentes tipos de determinantes (artigos, possessivos e demonstrativos); - Expandir e reduzir frases; - Identificar afixos de uso mais frequente.
Cidadania e Desenvolvimento	<ul style="list-style-type: none"> - Colaborar e trabalhar em grupo; - Escutar, compreender e respeitar as perspetivas de outros.

Esta atividade foi realizada com o intuito de consolidar todos os conteúdos gramaticais que já tinham sido trabalhados e, por sua vez, foi, também, uma forma de revisão para a ficha de avaliação. Assim sendo, primeiramente, foi feito um breve esclarecimento das temáticas em questão e, de seguida, a turma foi dividida em pequenos grupos. Após a divisão, procedi à distribuição de um *tablet* por cada grupo, seguido da explicação do jogo, ou seja, como forma de diferenciar a prática educativa, esta atividade foi concretizada com recurso às tecnologias, uma vez que consistiu na aplicação de um *quiz*, criado de raiz por mim e pelo meu par pedagógico, à turma, realizado numa plataforma educativa *online*, designada por “*Kahoot!*”, com questões relacionadas com todos os conteúdos gramaticais, tal como já foi referido, de forma a lembrá-los aos alunos. Como seguimento da aula, expliquei todas as regras do jogo, bem como os procedimentos que cada grupo teria de executar para responder às questões que surgissem projetadas. Esta atividade encontra-se planificada em anexo, bem como os respetivos materiais utilizados (Anexo XXII e XXIII).

Ao longo da atividade foram feitas paragens, sempre que foi necessário, para falar sobre a matéria abordada, bem como o esclarecimento de eventuais dúvidas que surgiram. Quando o *quiz* terminou, foram observados os *rankings* e as pontuações obtidas, explorando através do jogo, os erros cometidos em cada pergunta, desmistificando assim as dúvidas que com o desenrolar do exercício não ficaram esclarecidas.

Com o término da atividade, fiz uma reflexão da prática educativa e do que os alunos aprenderam com a mesma, considerando assim que, ainda, existiam algumas dúvidas em relação a alguns conteúdos gramaticais. Assim, para finalizar, foi feita uma revisão mais detalhada desses mesmos conteúdos, no quadro de giz. E, no meu ponto de vista, o facto de ter criado um *quiz* ao invés de recorrer a perguntas já elaboradas, foi um ponto positivo, pois consegui abordar todos os conteúdos que pretendia destinar à aprendizagem da turma naquele momento.

Relativamente aos objetivos definidos, no que diz respeito à área de Cidadania e Desenvolvimento, nesta atividade, pude observar uma evolução bastante visível, uma vez que apenas existia um *tablet* por grupo, ainda assim, os alunos participaram ordeiramente no exercício, sem revelarem qualquer tipo de confusão.

1.4.5. Avaliação do Projeto de Intervenção

Como forma de avaliação deste projeto de intervenção, considero que o facto deste ter sido planificado consoante as características da turma, nomeadamente, as suas dificuldades a nível social e de relacionamento uns com os outros, foi uma mais-valia, na medida em que estes aspetos foram sendo desmistificados ao longo de toda a prática educativa, pois tiveram mais oportunidades para vivenciar estas dificuldades, acabando assim por serem colmatadas mais facilmente.

Na minha opinião, o trabalho em grupo, bem como a aprendizagem cooperativa em contexto de sala de aula, ambos são promotores de competências sociais, uma vez que originam comportamentos de ajuda, solidariedade, respeito pelo outro e aceitação de outras opiniões, ou seja, comportamentos mais vantajosos para uma vida futura em sociedade, melhorando assim o desempenho de cada criança, quer a nível individual, quer a nível grupal.

Para trabalhar estas competências, foi feita uma relação entre os conteúdos do Programa e Metas Curriculares do 1.º Ciclo do Ensino Básico e o trabalho em grupo. Assim sendo, sempre que os conteúdos e o horário permitiam, a turma foi dividida em pequenos grupos de trabalho. Inicialmente, foi permitido que os alunos participassem na formação dos seus próprios grupos, no entanto verificou-se que escolhiam sempre os mesmos alunos, ou seja, não havia contacto com todos os elementos da turma. Tal como mencionam Freitas e Freitas (2002, p. 39) “quando são os próprios alunos a formar os seus grupos, corre-se o risco de esses grupos não serem grupos de trabalho mas «grupos de amizade»”. Com o decorrer da prática educativa, os grupos de trabalho passaram a ser formulados por mim e pelo meu par pedagógico, tendo em conta as características de cada um dos alunos, tanto a nível intelectual como a nível de estrutura pessoal, consoante as necessidades e dificuldades sentidas. Este tipo de formação de grupos, promoveu um equilíbrio entre os mesmos, adquirindo um melhor funcionamento do projeto interventivo.

Importa ainda referir que, sempre que foi possível, foram realizadas atividades de cariz mais dinâmico, nomeadamente, na introdução de novos conteúdos, com o objetivo de motivar o grupo para a aquisição de novas aprendizagens. Considero que todas estas aprendizagens foram significativas e que foi proporcionado aos alunos novas experiências, com as quais não tinham, ainda, contactado. A professora cooperante foi um elemento fulcral para o sucesso de toda a intervenção, bem como para a implementação do projeto, uma vez que se demonstrou sempre disponível para tudo o que foi preciso, acompanhando todo o processo de planificação e implementação das diversas atividades.

Em última análise, posso referir que existiu um *feedback* positivo, quer por parte dos alunos, quer por parte da professora cooperante. Refletindo, ainda, a meu ver, os objetivos do projeto foram sendo alcançados, uma vez que pude verificar alguma evolução, por parte dos

alunos, que participaram ativamente em todas as atividades, revelando ter consideração por mim e pelo meu par pedagógico, bem como por todos os colegas.

1.5. Percurso de Desenvolvimento Profissional - Autodiagnóstico

Neste ponto pretendo elaborar um autodiagnóstico, de forma reflexiva, sobre todas as aprendizagens adquiridas ao longo do meu percurso de formação académica. Destaco também as dificuldades com que me fui deparando, bem como as formas de superação das mesmas, assim como o notório crescimento ao longo de todas as práticas de ensino supervisionadas.

Relativamente ao contexto de creche, em que tive a oportunidade de realizar a minha primeira prática educativa, confesso que se revelou um pouco desafiante, tendo em conta as idades das crianças. Assim sendo, senti a necessidade de pesquisar para obter respostas às questões pertinentes sobre o modo de como o educador deve atuar, bem como as necessidades a garantir a todas as crianças desta faixa etária. Segundo Amaral (2011), todas as crianças têm necessidades e o direito de serem cuidadas e educadas como um todo, sem nunca esquecer que para uma boa educação deve estar sempre presente os cuidados a ter com o corpo, com a alimentação, com a saúde, com o crescimento, bem como com o desenvolvimento cognitivo, motor e afetivo da criança. No entanto, com a minha intervenção na prática educativa, pude compreender mais facilmente o modo de como o educador deve agir com crianças desta faixa etária, sendo que estas, devem ser agentes ativas no seu processo de aprendizagem, no qual o papel do educador passa, essencialmente, por proporcionar momentos de bem-estar, segurança, afeto e tranquilidade, com o intuito de promover a autoestima das crianças, através de vivências enriquecedoras.

Com o decorrer da prática educativa, neste contexto, percebi que observar as crianças durante as rotinas, bem como os momentos de exploração livre proporcionados, foi uma mais-valia, uma vez que iam sendo notórios os interesses de cada criança, surgindo assim novas atividades. Segundo Parente (2012), o trabalho desenvolvido em creche deve ir ao encontro dos interesses das crianças, tendo como foco dar resposta às necessidades, à curiosidade, aos cuidados e, também, em experiências do dia-a-dia que levem ao seu desenvolvimento pleno.

Em contexto de pré-escolar, é de destacar a importância que o papel do educador tem nesta faixa etária, tal como destacam as OCEPE (2016, p. 28) “a relação que o educador estabelece com as crianças e o modo como incentiva a sua participação facilita as relações entre as crianças do grupo e a cooperação entre elas”. Assim sendo, tive o cuidado de me relacionar com o grupo, conseguindo ganhar a confiança de cada criança gradualmente, adequando-me ao ritmo de cada uma. Outro aspeto que, também, tive em atenção, foi o facto de transmitir às crianças a minha disponibilidade para as ajudar nas suas necessidades, bem como brincar com

elas nos momentos de brincadeira livre, pois creio que estes sejam fundamentais na rotina das mesmas, sendo, também, um momento em que conseguimos proporcionar, indiretamente, diversas aprendizagens. Tal como refere Coelho:

A valorização do brincar na infância é, sem dúvida, uma das características definidoras da profissionalidade dos educadores de infância, que tendem a assumir o brincar como uma condição para o bem-estar emocional da criança e também como uma forma natural de ela aprender. (2017, p. 98)

Estes contextos exigem uma observação mais atenta e cuidada ao longo de todos os momentos diários, não só nos momentos orientados, mas sobretudo nos momentos de rotina das crianças. A rotina deve ser conhecida pelas mesmas, uma vez que estas necessitam de ordem para se sentirem seguras e orientadas, compreendendo, ainda, que existem comportamentos adequados a cada momento do seu dia. Segundo Cordeiro (2012), a rotina é um elemento repetitivo que dá segurança à criança, que a ajuda a prever o que vai acontecer, acabando esta por ficar mais calma.

Ao longo da prática educativa em contexto de pré-escolar, deparei-me com um pequeno desafio, o facto de ser uma sala multietária, uma vez que existia a necessidade de adaptar todas as atividades às diferentes faixas etárias e níveis de aprendizagem de todas as crianças. Também, as crianças mais novas possuíam um tempo de concentração menor, o que é normal, mas que acabava por agitar mais os momentos de atividades orientadas, uma vez que estes eram iguais para todos. No entanto, existia uma grande vantagem, na medida em que as crianças mais velhas ajudavam as crianças mais novas, proporcionando-lhes assim novas aprendizagens. De acordo com as OCEPE (2016, p. 24), “(...) a existência de grupos com crianças de diferentes idades acentua a diversidade e enriquece as interações no grupo, proporcionando múltiplas ocasiões de aprendizagem entre crianças”.

Importa ainda referir que, este desafio foi ultrapassado com o decorrer da intervenção, uma vez que tentei sempre encontrar soluções para o combater, chegando à conclusão que dividir o grupo e distribuir as crianças mais novas pelos mesmos foi uma estratégia gratificante, quer para mim, enquanto gestora das atividades, quer para as crianças, enquanto agentes ativos no processo de aprendizagem.

Em contexto de 1.º CEB, as planificações tornam-se um elemento mais organizado e repartido pelas áreas curriculares. Com a prática educativa, este instrumento de trabalho foi cada vez mais coeso e de fácil concretização, conseguindo assim orientar mais facilmente o meu trabalho, de forma a alcançar os objetivos pretendidos em cada aula. Contudo, existiu alguma dificuldade, no que diz respeito a este aspeto, na primeira prática educativa deste contexto, sendo esta o facto de existir dois anos de escolaridade no mesmo grupo, uma vez que

as planificações eram diferentes para as duas valências, pois, mesmo durante o horário letivo, os alunos não abordavam os mesmos conteúdos, à exceção da área das Expressões Artísticas que eram sempre trabalhadas em conjunto com os dois anos de escolaridade. Neste sentido, eu e o meu par pedagógico, tínhamos de planificar para dois anos de escolaridade distintos. Ainda, na prática educativa, tornava-se, também, bastante desafiante, uma vez que existia a necessidade de explicar primeiro aos alunos do 1.º ano o que iriam fazer, pois os alunos do 2.º ano, sendo mais autónomos, tinham a capacidade de estar mais concentrados em silêncio.

Neste contexto, toda a prática educativa foi planeada de uma forma mais cuidada e aprofundada, transmitindo assim, tanto a mim como aos alunos, ainda, mais segurança no decorrer das aulas, nomeadamente, na introdução de novos conteúdos, pois um professor seguro e confiante dos seus saberes formará, com certeza, um aluno mais confiante e seguro dos seus conhecimentos. Assim sendo, uma das estratégias que adotei neste contexto passou por estudar as aulas antes de qualquer intervenção.

No entanto, tal como nos contextos das primeiras idades, durante este percurso, também, surgiram algumas dificuldades ao nível da gestão do tempo, tanto pela extensão das atividades como pela rápida concretização das mesmas. Tentei sempre encontrar soluções para a combater, no entanto, só em contexto de 1.º CEB, é que considero tê-la superado, através da elaboração de planificações o mais descritivas possível, evidenciando todos os momentos com tempos definidos, foi a estratégia mais fiável para deixar de ser uma dificuldade e passar a ser uma aprendizagem, que me irá acompanhar ao longo da vida profissional.

Ao longo de todas as práticas de ensino supervisionadas, questionei-me diversas vezes acerca do tema ao qual me encontro a investigar, pois creio que seja um aspeto crucial na aprendizagem das crianças, sendo este bastante visível nos comportamentos das mesmas. Neste sentido, pretendo pesquisar para que, na minha futura prática educativa, consiga atuar da melhor maneira possível perante esta importante relação entre a instituição, os docentes e as famílias.

Em última análise, refletindo sobre o meu desenvolvimento profissional, refiro que todas estas oportunidades me possibilitaram um essencial contacto direto com a prática educativa, de forma a desenvolver inúmeras competências para o meu futuro profissional, deparando-me com alguns dos obstáculos que já foram ultrapassados, outros que, ainda, serão, com o tempo de experiência.

Contudo, sei que, ainda, há muitas aprendizagens a serem adquiridas, muitos aspetos a serem melhorados e um longo caminho a percorrer, mas como afirma Freire (1997, p. 77):

(...) somos os únicos em que aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito.

Parte II - Prática Investigativa

2. Identificação da Problemática

A presente prática investigativa surgiu como forma de responder a questões que ficaram pendentes, ao longo das práticas de ensino supervisionadas, desde a licenciatura até ao início do mestrado, bem como algumas dúvidas circunstanciais, que passam pelos motivos que levam à falta de colaboração entre as famílias e as instituições, influenciando assim o desenvolvimento da aprendizagem das crianças.

Neste sentido, para que exista uma melhor ligação entre as famílias e as instituições, é também, necessário que a comunidade educativa crie momentos para promover o envolvimento familiar, de modo a participar de uma forma mais ativa, nas atividades propostas, utilizando estratégias de aproximação entre os mesmos. Assim sendo, cabe também aos familiares estarem dispostos a essa relação, unindo-se como parceiros e contribuindo para o sucesso educativo das crianças. Segundo Marques:

Não restam dúvidas de que os pais são os primeiros educadores da criança e ao longo da sua escolaridade, continuam a ser os principais responsáveis pela sua educação e bem-estar. Os professores são parceiros, devem unir esforços, partilhar objetivos e reconhecer a existência de um bem comum para os alunos. (2001, p. 12)

Assim, este estudo, partiu das seguintes questões orientadoras:

Q₁ - Qual a importância da participação das famílias, no processo educativo, para o desenvolvimento da aprendizagem das crianças?

Q₂ - Que colaboração existe entre as famílias e os educadores/professores?

Q₃ - Quais as principais dificuldades sentidas, pelas famílias, neste envolvimento?

Partindo das questões orientadoras anteriores, formularam-se os seguintes objetivos:

O₁ - Compreender a importância da relação instituição-família, no processo educativo, para o desenvolvimento da aprendizagem das crianças, tanto na Educação Pré-Escolar como no 1.º Ciclo do Ensino Básico;

O₂ - Conhecer que colaboração existe entre famílias e educadores/professores;

O₃ - Descrever as principais dificuldades sentidas, pelas famílias, que se revelam pouco favoráveis a uma maior participação, no processo educativo das crianças.

3. Revisão da Literatura

3.1. Conceito e Tipos de Família

Este conceito é de extrema relevância no presente estudo, uma vez que a família deve estar incluída em todo o processo de desenvolvimento das crianças, pois é com esta que se concretizam as primeiras aprendizagens, que se têm os primeiros contactos com o mundo exterior e onde se adquirem as primeiras relações sociais. A família é o início, onde começa a vida humana, é algo comum a todos os seres humanos, uma vez que, todos nós, nascemos numa família num determinado contexto físico, temporal, político e social que, por sua vez, irá influenciar as nossas vivências, apesar de existir uma grande diversidade familiar.

É habitual quando se pensa no conceito de família, considerar a família de origem, associando ao lugar onde se nasce e se vai crescendo, ainda que, nesse longo percurso, possa existir mais do que uma família. Esta é, então, um espaço privilegiado para a aquisição de aprendizagens de dimensões significativas.

De acordo com Amaro (2006), a criança ao conviver com o pai e com a mãe aprende como se deve comportar, o que lhe é permitido e proibido, bem como os papéis sociais que cabem aos diferentes elementos que constituem a família. A família é, na nossa sociedade, a primeira e a mais forte instituição com carácter de socialização, sendo que as aprendizagens se realizam através da própria experiência da vida familiar.

Segundo o Instituto Nacional de Estatística (2002), o conceito de família é definido pelo conjunto de indivíduos que residem no mesmo alojamento e que têm relações de parentesco entre si, podendo ocupar a totalidade ou parte do alojamento.

Para Diogo, o conceito de família, é designado pelo:

(...) espaço educativo por excelência, é vulgarmente considerada o núcleo central do desenvolvimento moral, cognitivo e afetivo, no qual se “criam” e “educam” as crianças, ao proporcionar os contextos educativos indispensáveis para cimentar a tarefa de construção de uma existência própria. Lugar em que as pessoas se encontram e convivem, a família é também o espaço histórico e simbólico do qual se desenvolve a divisão do trabalho, dos espaços, das competências, dos valores, dos destinos pessoais de homens e mulheres. A família revela-se, portanto, um espaço privilegiado de construção social da realidade em que, através das relações entre os seus membros, os factos do quotidiano individual recebem o seu significado. (1998, p. 37)

Neste sentido, a família é considerada um elemento crucial para o desenvolvimento da aprendizagem e aquisição de conhecimentos, por parte das crianças, pois é com quem estas criam uma relação e onde as mesmas procuram proteção e afeto. Contudo, as famílias da

atualidade, apresentam alterações daquelas que eram designadas por famílias tradicionais. Tal como refere Dias:

Alguns dos principais fundamentos teóricos associados à evolução e à mudança conduziram a novas concepções de família, novas dinâmicas, novos valores, diferentes tipos com identidade própria, construindo uma história de vida que não se pode replicar. As transformações levaram a alterações na família que deixou de ser um modelo tradicional prevalente, aparecendo novas formas de organização familiar tornando-se um fenómeno de carácter global e complexo. (2000, p. 82)

Ainda, na mesma linha de ideia, o mesmo autor, afirma que:

Foram os fatores económicos, políticos, sociais, culturais, demográficos e tecnológicos que contribuíram de forma decisiva para as alterações na estrutura e dinâmica familiar. Estes fatores tiveram incidência na organização, nas funções, nas relações, na complexidade e globalidade ao longo do desenvolvimento familiar, refletindo a evolução da época social, vivenciando estados diferentes. (Dias, 2000, p. 82)

Ao longo do tempo, modificou profundamente a estrutura, bem como a dinâmica da família, no que diz respeito à sua organização interna, como, por exemplo, a diminuição do número médio de filhos, a diminuição da fecundidade, o aumento do número de pessoas sozinhas, a diminuição das famílias numerosas, o aumento das famílias recompostas, o aumento do número de divórcios, o aumento das uniões de facto e, mais recentemente, o aparecimento das famílias homossexuais. Assim sendo, não só começou a existir a designação das famílias ditas tradicionais, como, também, começaram a existir outros tipos de famílias.

Neste seguimento, segundo Amaro:

Os diferentes tipos de família são entidades dinâmicas com a sua própria identidade, compostas por membros unidos por laços de sanguinidade, de afetividade ou interesse e que convivem por um determinado espaço de tempo durante o qual constroem uma história de vida que é única e irreplicável. (2006, p. 71)

De acordo com Caniço *et al.* (2010), os diferentes tipos de famílias, mais presentes na atualidade, designam-se da seguinte forma:

- **famílias tradicionais**, sendo que existe uma só união entre dois adultos de géneros diferentes, com os seus respetivos filhos biológicos;

- **famílias recompostas**, sendo que existe uma nova união matrimonial, com ou sem descendentes de relações anteriores, ocasionando ou não meios-irmãos;

- **famílias homossexuais**, sendo que existe uma união conjugal entre duas pessoas do mesmo género, independentemente da restante estrutura;

- *famílias monoparentais*, sendo que são constituídas por apenas um progenitor que coabita com o(s) seu(s) descendente(s). São famílias fruto de divórcio, viuvez ou da própria opção dos progenitores.

Todas estas “alterações de organização social e valores”, citado por Carvalho *et al.* (2006), acabam por tornar o apoio aos filhos vulnerável. Esta fragilidade é, conseqüentemente, sentida em todo o processo educativo das crianças, nomeadamente, no desenvolvimento das suas aprendizagens, onde os docentes lutam pelos resultados positivos das mesmas e, por vezes, as famílias acabam por dificultar esse mesmo trabalho.

Segundo Villas-Boas (2001, p. 82), “(...) um maior envolvimento das famílias na educação escolar das crianças, corresponde um melhor desempenho escolar, tanto em termos de atitudes como de aproveitamento”. Esta afirmação salienta a importância do envolvimento familiar para a promoção do desenvolvimento das aprendizagens das crianças.

Em suma, Gimeno (2003) refere que, com a diversidade dos modelos familiares, ao longo dos tempos, se torna difícil chegar a um consenso relativamente a uma definição única do conceito de família, mesmo que, intuitivamente, todos tenham em mente uma conceção prévia e até uma noção básica em relação a este.

3.2. A Importância da Participação das Famílias nas Instituições

(...) a importância dos pais na educação das crianças é fundamental e reconhecida, sendo assim recomendada a proximidade entre estes e educadores, procurando-se formas de cooperação e estratégias que a viabilizem, entendendo a participação dos pais como um dos critérios mais claros de qualidade da oferta educativa (...). (Correia e Serrano, 2000, p. 167)

Assim, tal como está referido nas OCEPE (2016), deve existir uma relação entre as famílias e as instituições, uma vez que são dois contextos sociais que contribuem para a educação das crianças.

Neste sentido, vários estudos realizados, recentemente, revelam que a participação das famílias no processo educativo das crianças, proporciona um melhor aproveitamento das mesmas, considerando que a relação entre as instituições e as famílias é de extrema importância para a educação, bem como para o desenvolvimento das suas aprendizagens. Tal como afirma Cardona *et al.* (2013, p. 47), “uma maior qualidade educativa das instituições implica necessariamente aumentar o envolvimento de pais e famílias”.

Segundo Tavares e Alarcão (1992, p. 145), a família é um dos “principais fatores de intervenção e de influência no processo de desenvolvimento e de aprendizagem”.

Desta forma, os educadores/professores são responsáveis pela promoção de uma maior aproximação das famílias no processo educativo das crianças, fomentando a comunicação entre as instituições e as famílias, envolvendo estas últimas, em atividades conjuntas. Tal como refere Marques (1993, p. 24), “as escolas deverão criar programas diversificados de envolvimento dos pais e proceder à concretização de uma ação afirmativa em favor dos pais em desvantagem”.

Neste seguimento, conhecer a família e estabelecer uma boa relação entre instituição-família são condições de extrema relevância para promover a participação da mesma no processo educativo das crianças. Formosinho e Costa (2011, p. 36) defende que a cumplicidade entre instituição-família “permite um cruzamento de olhares (os das crianças, dos pais, das educadoras) sobre as marcas dos atos educativos que se foram organizando, das situações educativas que se foram vivendo”, ou seja, é a partir desta colaboração que a família tem a possibilidade de observar a evolução do desenvolvimento das próprias crianças, criando as condições necessárias, não só para dar a conhecer melhor o currículo da sala, onde a criança está inserida, dar a conhecer as suas potencialidades e, ainda, para fomentar a colaboração e a participação na construção desse mesmo currículo. Tal como afirma Matos (2012, p. 47) “a relação e trabalho com as famílias é uma dimensão fundamental da construção do currículo (...) e muitos profissionais (...) conhecem, defendem e promovem, como condição imprescindível para um desenvolvimento (mais) integrado e sustentado das crianças que diariamente lhes são confiadas”.

Segundo Correia e Serrano (2000), a família, na qual estamos inseridos, é a base da sociedade, isto é, a família é o elemento fundamental para o desenvolvimento da criança, tal como já foi referido, por isso, deve existir partilha de informação entre os docentes e as famílias, e vice-versa, para que haja uma melhor ajuda relativamente ao desenvolvimento global das crianças, por parte de ambos, participando na tomada de decisões educativas mais relevantes para a mesma. Na mesma linha de ideia, Lima (2002, p. 113) refere “se queremos educar bem os alunos, então faz todo o sentido termos em conta os contextos familiares e formarmos parcerias colaborativas com todos aqueles que têm um interesse na educação”.

Em última análise, citando Villas-Boas:

De facto, se o objetivo comum entre pais e professores for o da aprendizagem dos alunos, então torna-se necessário que, entre estes três intervenientes do processo educativo, os alunos, as suas famílias, e os seus professores, existam genuínas relações de parceria, ou seja, uma verdadeira relação produtiva de aprendizagem. Parece importante que uns e outros compreendam os seus papéis, responsabilidades, problemas e preocupações para, em conjunto, poderem tirar o maior partido possível das experiências educativas que as crianças vivem. (2001, p. 153)

3.3. Sucesso e Insucesso Educativo

Para Seeley (1985, citado por Villas-Boas, 2001, p. 82), “o sucesso escolar ocorre quando se verifica uma verdadeira relação produtiva de aprendizagem entre o professor, o aluno e a sua família”. Na mesma linha de ideia, Moles (1982, citado por Villas-Boas, 2001, p. 84), defende que “(...) o sucesso para todas as crianças só pode ser conseguido através de parcerias entre a escola, a família e a comunidade”. Também, para Silva (2003, p. 149), “quanto mais estreita a relação entre escolas e famílias, maior o sucesso educativo das crianças e jovens”.

Sousa e Sarmiento (2010, p. 148), ainda, mencionam que “o sucesso educativo (...) está positivamente relacionado com a forma como a escola e a família encaram e desenvolvem essa missão comum”.

Contudo, com a crescente onda de insucesso educativo que tem ocorrido nos últimos anos, atualmente, subsiste uma maior valorização e preocupação acerca das suas consequências negativas para o futuro educativo das crianças, levando a uma enorme reflexão e investigação acerca do tema.

Segundo Benavente (1976, p. 10), o insucesso escolar, não é mais do que as “dificuldades de aprendizagem, reprovações, atrasos (...)” e, a maior parte dos casos, “as crianças que têm mais dificuldades pertencem a famílias de grupos sociais desfavorecidos do ponto de vista económico e cultural”.

Villas-Boas (2001, p. 37), afirma que “o insucesso escolar verifica-se sempre que a criança, ou jovem, não consegue atingir os objetivos propostos pelo professor ao nível do ensino que frequenta. Regra geral, o fenómeno manifesta-se por repetências e por desistências (abandono escolar)”. Tal como, também, referiu Seeley (1985, citado por Villas-Boas, 2001, p. 37), “toda a classe deve trabalhar para atingir os objetivos da escolaridade e, quando isso não acontece, significa que algo de errado existe no processo de ensino-aprendizagem”. Neste caso, é necessário mobilizar todos os esforços para tentar diminuir o insucesso educativo, que tanto preocupa as instituições, bem como as próprias famílias.

De acordo com Formosinho e Machado (2009) as causas do insucesso escolar podem centrar-se, essencialmente, na falta de interesse dos alunos, no ambiente restrito em que vivem, no nível de vida à qual pertencem, na própria escola e no sistema educativo. Já Mendonça (2009) aponta as origens deste insucesso, nomeadamente, para o meio de proveniência do aluno, ou seja, a sua própria família. Em relação a esta última causa mencionada, segundo Epstein (1992, citado por Marques, 1993, p. 42), “a «colaboração escola-família» inclui as noções de parceria de responsabilidades e de participação, assentes na ideia de que o sucesso educativo de todos só é possível com a colaboração de todos”.

De facto, a escola também pode contribuir e ajudar para que o número de casos de insucesso educativo aumente, visto que o ambiente educativo pode não colaborar e desmotivar a criança. A dificuldade de gestão das atividades, por parte dos docentes, podem ser um fator contribuinte para o insucesso educativo, como os métodos de ensino a que estes recorrem, os recursos e a linguagem que utilizam.

Para Martins (1993), é também, visível que as famílias de meios mais desfavorecidos, não têm a capacidade de suportar os custos dos materiais escolares indispensáveis para o contexto educativo, fazendo com que o aproveitamento das crianças seja afetado. O mesmo autor afirma ainda que, a existência de uma relação benéfica e positiva, no que diz respeito à origem social de todas as crianças, influencia no sucesso educativo das mesmas, no entanto, os grupos étnicos, têm taxas de insucesso mais elevadas. Neste sentido, Henderson (1981, 1987, citado por Villas-Boas, 2001, p. 83), “(...) tem continuamente verificado a confirmação das vantagens da relação entre a escola e a família, salienta a importância que a participação dos pais tem, especialmente, para o sucesso e insucesso das crianças mais desfavorecidas (...)”. Assim, para Hamilton (1993, citado por Villas-Boas, 2001, p. 38), “a procura de sucesso escolar e de igualdade de oportunidades educativas não é um fim em si mesmo mas um meio para assegurar a igualdade em termos de rendimentos e de estatuto social”.

Segundo Seeley (1985, citado por Villas-Boas, 2001, p. 41):

O cerne da questão do insucesso não está na família, nem na escola, mas sim, na inexistência de relações entre uma e outra. O sucesso de aprendizagem ocorre quando se verifica uma «*productive learning relationship*» entre o professor, o aluno e a sua família. No entanto, devido a descontinuidades de várias ordens, essa relação não se verifica e o insucesso acontece.

Para concluir, ainda, na mesma linha de ideia, de acordo com Epstein (1990, citado por Villas-Boas, 2001, p. 41):

A ideia de continuidade (...) que introduz o conceito da sobreposição de esferas, considerando que as ligações entre a escola, a família e a comunidade constituem como que um conjunto de esferas de influência na aprendizagem e no desenvolvimento da criança que, de certo modo, se sobrepõem entre si. Este modelo reconhece, assim, que cada uma destas instituições exerce separadamente a sua influência, mas que, em certos aspetos, essa influência é conjunta, o que justifica a razão da continuidade entre elas.

3.4. Colaboração das Famílias no Processo Educativo da Criança: quais os benefícios?

Diversos estudos comprovam que a relação que se estabelece entre as instituições e as famílias é de extrema relevância para o bom desenvolvimento e aproveitamento educativo das crianças, tal como já foi mencionado em diversos momentos deste estudo.

De acordo com Villas-Boas (2001, p. 84), “(...) o envolvimento parental na educação escolar aumenta a possibilidade do aluno tirar benefícios da sua escolaridade tanto em termos acadêmicos, como em termos de atitudes”.

Segundo Wells (1988, p. 63), “(...) um papel ativo da família beneficia todos os alunos, especialmente aqueles que provêm de meios socioeconômicos desfavorecidos”. Assim sendo, este benefício das crianças mais desfavorecidas, resulta da maior aproximação entre as instituições e as famílias.

Para Alves e Leite (2005, p. 9), “a cooperação escola-família exige vontade, tempo, perseverança (...) condições essenciais para que os processos de ensino-aprendizagem sejam mais ricos (...) para que sejam melhores os resultados dos alunos”. Desta forma, o envolvimento das famílias é fulcral para o processo de ensino-aprendizagem das crianças e Marques (2001, p. 19), afirma que “estudos realizados (...) nas últimas três décadas mostram que, quando os pais se envolvem na educação dos filhos, eles obtêm melhor aproveitamento escolar”.

Macedo (1994, p. 199), destaca que “com a participação da família no processo de ensino-aprendizagem, a criança ganha confiança vendo que todos se interessam por ela, e também porque o educador passa a conhecer quais são as dificuldades e quais os conhecimentos da criança”, ou seja, o envolvimento da família em atividades organizadas em contexto educativo, transmite mais segurança à criança, tornando-a mais disponível para a aquisição de novas aprendizagens. Neste sentido, uma vez que a criança sente mais confiança e segurança, segundo Marques (2001), acaba, também, por aumentar a sua motivação pela escola.

De seguida, serão apresentados os benefícios do envolvimento familiar para o sucesso educativo das crianças, propostos por Fernández *et al.* (2011, citado por Barradas, 2012, p. 60), (tabela 14):

Tabela 14 - Os Benefícios do Envolvimento Familiar de Fernández *et al.* (2011)

Aluno	<ul style="list-style-type: none">- Aumenta o sucesso escolar;- Melhora a atitude perante a escola;- Permite adquirir mais habilidades sociais;- Aumenta a probabilidade de continuar a escolaridade;- Permite ter melhores hábitos de estudo;- Diminuem os conflitos.
--------------	---

Família	<ul style="list-style-type: none"> - Melhora a comunicação com os professores; - Melhora a comunicação com os filhos; - Melhora a compreensão com os programas escolares; - Visão positiva em relação à escola; - Aumenta a confiança e autoestima; - Aumenta o compromisso social e comunitário.
Escola	<ul style="list-style-type: none"> - Mais competente e eficaz; - Ensino mais centrado no aluno; - Maior relação com as famílias e com a comunidade; - Professores mais satisfeitos e empenhados.

Em modo de conclusão, Villas-Boas, afirma que:

O envolvimento parental é visto como uma, entre outras possíveis soluções para, simultaneamente, melhorar a educação e resolver problemas sociais, transformando o capital cultural em capital social. Para tanto, bastará implementar em todas as escolas, com todas as famílias, parcerias em todos os tipos de envolvimento. (2001, p. 155)

3.5. Colaboração das Famílias no Processo Educativo da Criança: quais as dificuldades?

De acordo com Rocha (2006), o envolvimento das famílias, no processo educativo das crianças, proporciona diversos benefícios para o desenvolvimento e aproveitamento educativo das mesmas, para as famílias se sentirem mais incluídas e para a escola, uma vez que, encontra um parceiro com o mesmo intuito, desenvolver e progredir a sociedade. No entanto, Nunes (2004, p. 20) afirma que “a relação escola-família é ainda incipiente e quase estéril”, ou seja, esta relação, ainda, se encontra um pouco aquém daquilo que realmente se espera.

Segundo um estudo, realizado em Portugal (Davies, 1988), numa escola de 1.º CEB, citado por Marques (1993, p. 36), “ficou patente que esse afastamento é uma realidade nacional com incidência tanto nas escolas rurais como urbanas e em todos os níveis de ensino, com exceção da Educação Pré-Escolar”. Neste sentido, Marques (1993, p. 36), destaca os dados recolhidos com recurso às entrevistas realizadas, bem como através da observação concebida para concretizar o estudo mencionado, anteriormente, onde pôde concluir que:

- *não há uma sala destinada às famílias;*
- *as horas destinadas a receber os pais são inapropriadas para quem trabalha fora de casa;*
- *os professores usam e abusam do vocabulário profissional e falta-lhes, algumas vezes, uma atitude de empatia e aceitação dos pais;*
- *os pais não estão habituados a deslocar-se à escola e, quando o fazem, limitam-se, muitas vezes, a ouvir o professor;*

- a formação de professores não inclui o conhecimento de estratégias de colaboração escolas/famílias nem a difusão dos resultados de investigações sobre o relacionamento das escolas com os pais, notando-se, por isso, um desconhecimento dessa problemática por parte dos professores.

Na mesma linha de ideia, outros dois autores, partilham da mesma opinião, uma vez que confirmam que as dificuldades sentidas, no que diz respeito à colaboração das famílias, no processo educativo das crianças, são devido à:

Desadequação dos espaços e dos horários de atendimento aos pais; falta de um espaço gerido por estes, onde se possam encontrar informalmente e planificar a sua intervenção; falta de formação especializada dos professores, (...) para se relacionarem com as famílias e as comunidades; ao uso de uma linguagem demasiado técnica e codificada (...). (Sousa e Sarmiento, 2010, p. 151)

Para Cavalcante (1998) o problema desta colaboração está relacionado com o facto de os docentes culparem as famílias pelos problemas das crianças, principalmente, se pertencerem a uma família com poucas capacidades económicas ou a uma minoria étnica ou social. Ou seja, “os problemas entre a escola e a família e as barreiras ao envolvimento dos pais parecem estar diretamente ligados à classe social da família” (Davies, 1989, p. 44). Marques (2001), também, afirma que, normalmente, a escola afasta os pais mais pobres, os que trabalham muitas horas e vivem longe do local de trabalho.

Marques (2001), refere ainda que, as famílias que não participam nas reuniões são as que possuem recursos económicos baixos e educação inferior, são os que têm más experiências escolares, desconhecem a cultura da escola e têm dificuldade em compreender a linguagem dos docentes, como já foi supracitado. Embora existam famílias com recursos económicos altos e com educação superior que, também, não participam no processo educativo das crianças, mas, neste caso, a falta de tempo é o grande fator, uma vez que não dispõem de tempo para os seus educandos, devido às exigências profissionais. Outro aspeto que, também, acaba por dificultar esta colaboração, é a existência das famílias monoparentais que, também, têm alguma complicação de participarem no processo educativo das crianças, uma vez que, os cuidados destas, estão apenas destinados a uma pessoa adulta.

De acordo com o estudo português (Davies, 1989, citado por Villas-Boas, 2001, p. 108), “(...) quando o desempenho do aluno é fraco existem mais probabilidades dos contactos com a escola estarem limitados a más notícias (...) pelo que é, apenas, natural que as baixas expectativas dos pais não os estimulem a procurar a escola”. No entanto, para Afonso (1994, p. 45), a ideia de que “não merece a pena ir à escola quando as coisas correm bem” é também, uma justificação recorrente na relação instituição-família.

Para finalizar, segundo Villas-Boas (2001, p. 111):

As dificuldades mencionadas relativamente às perspetivas dos pais e dos professores exigem, sobretudo, uma mudança de mentalidades, sendo sabido que esta só pode ocorrer através duma maior aproximação e dum maior conhecimento mútuo que tenha (...) em consideração o ponto de vista dos alunos. Uma análise correta e compreensiva dessas perspetivas contribui para que a escola esteja em melhor posição para tomar a iniciativa de promover essa aproximação, mesmo que isso implique a necessidade de atravessar fronteiras tradicionalmente arraigadas na sociedade.

3.6. Estratégias para Melhorar a Participação das Famílias nas Instituições

A participação das famílias é algo essencial nas vivências das instituições educativas. Neste sentido, segundo Epstein (1990), para que as famílias se envolvam na aprendizagem dos seus educandos, os professores/educadores devem desenvolver estratégias para existir uma melhor comunicação possível entre todos, existindo condições necessárias para a divulgação de qualquer programa de envolvimento familiar.

De acordo com a Lei de Bases do Sistema Educativo, este deve estar organizado com o intuito de:

Contribuir para desenvolver o espírito e a prática democráticos, através da adoção de (...) processos participativos na definição da política educativa, na administração e gestão do sistema escolar e na experiência pedagógica quotidiana, em que se integram todos os intervenientes no processo educativo, em especial os alunos, os docentes e as famílias. (1986, p. 3068)

No entanto, Marques (1993, p. 50), afirma que “os pais são uma presença silenciosa nas escolas portuguesas. Essa presença contradiz os documentos legais, dificulta a melhoria de ensino e é um obstáculo à democracia a nível das comunidades”. Posto isto, e devido à importância atribuída à participação das famílias, no processo educativo das crianças, é fundamental que existam estratégias que melhorem a relação instituição-família.

Para Marques:

As estratégias de envolvimento dos pais nas escolas são muito diversificadas e é bom que assim seja, uma vez, que há uma grande variedade de tipos de famílias. No entanto, há aspetos que são comuns a todas as intervenções. Todas as estratégias visam melhorar a qualidade da escola e facilitar o aproveitamento escolar dos alunos. (1993, p. 25)

Assim sendo, Epstein (1987, citado por Marques, 1993, p. 21) sugeriu algumas maneiras de envolver os pais na escola, adequando-se a qualquer familiar que deseje fazer parte do processo educativo do seu educando, bem como a cada valência/ano de escolaridade, sendo estas as seguintes:

- pedir aos pais que leiam regularmente aos filhos e oiçam as leituras deles;
- emprestar livros aos pais;
- pedir aos pais que levem os filhos à biblioteca pública;
- pedir aos pais que façam perguntas aos filhos sobre a escola;
- marcar um trabalho de casa que exija diálogo com os pais;
- pedir aos pais que vejam programas educativos e os discutam com os filhos;
- sugerir aos pais que incluam os filhos em atividades educativas diárias;
- enviar sugestões de jogos educativos de grupo que podem ser jogados por pais e filhos em conjunto;
- sugerir materiais de aperfeiçoamento da leitura, da matemática, etc.;
- estabelecer acordos formais para supervisão do trabalho de casa;
- estabelecer acordos para punições e recompensas com base no aproveitamento do aluno;
- pedir aos pais que assistam a aulas;
- explicar aos pais certas técnicas de ensino;
- dar questionários de avaliação aos pais;
- pedir aos pais que assinem o trabalho de casa;
- propor aos pais que treinem os filhos, ajudando-os a fazer exercícios de leitura, matemática, etc..

Ainda, na mesma linha de ideia, Henderson (1987, citado por Marques, 1993, p. 25), identificou cinco princípios que são essenciais para a existência de uma colaboração eficaz entre a escola e os pais, propondo, ainda, uma lista de práticas exemplares para cada princípio, nos quais destaco os seguintes:

1. Todo o cima da escola é aberto e amistoso

- existe um cartaz, na porta da frente, a dizer que OS PAIS SÃO BEM-VINDOS;
- há uma sala de pais, com mobiliário confortável;
- no início do ano letivo, a Direção recebe os pais e faz visitas guiadas à escola, aproveitando a ocasião para conversar sobre a política da escola, os programas e as áreas curriculares, as instalações, os horários, etc.;
- a Direção da escola reserva um dia por semana para receber os pais sem marcação.

2. A comunicação com os pais é frequente e nos dois sentidos

- a Direção da escola envia, todos os anos, um calendário para os pais, com o horário de atendimento, planta da escola, sumário do regulamento, lista de programas especiais e números de telefone para casos de urgência;
- a Direção da escola faz chamadas telefónicas periódicas aos representantes dos pais para troca de opiniões;
- os professores e os pais têm reuniões periódicas para tratar de problemas da escola e dos alunos;

- a Direção e os professores enviam relatórios aos pais, com regularidade.

3. Os pais são encarados como colaboradores do processo educativo

- os professores telefonam para casa quando encontram os alunos com sintomas de angústia ou medo;

- os professores telefonam para casa quando os alunos faltam repetidamente;

- os professores convidam os pais para assistirem a aulas e conversarem com os alunos sobre as suas profissões, hobbies ou viagens que tenham realizado.

4. A Direção da escola promove ativamente a filosofia da participação dos pais, encorajando todos os pais a aderir aos programas de envolvimento

- a Direção da escola estimula os professores a telefonar aos pais, dando-lhes livre acesso ao telefone escolar;

- a Direção da escola estimula os professores a fazer reuniões com os pais e dá-lhes condições materiais para que essas reuniões se realizem;

- a Direção da escola realiza uma festa anual ou um jantar para os quais convida a Associação de Pais ou outros grupos de pais organizados;

- a Direção da escola concede salas para a organização de programas de educação de pais.

5. A escola encoraja a participação voluntária dos pais

- a Direção da escola espera que os pais reservem uma pequena parte dos seus tempos livres para participarem na recolha de fundos para a escola e na organização de atividades extracurriculares;

- pais com habilitações académicas superiores e dispondo de bastante tempo livre (reformados, ...) participarem em programas de remediação para alunos com dificuldades de aprendizagem, ensinando-lhes as matérias das suas especialidades;

- pais voluntários dão informações sobre a escola, o mercado de trabalho, etc., a pais com poucos recursos culturais, usando para isso a sala de pais (...).

Em suma, segundo Fernández *et al.* (2011), é essencial que se mantenha o respeito mútuo, entre os docentes e as famílias, não culpabilizando ninguém pelo insucesso educativo das crianças, mas sim, procurando, em conjunto, estratégias que promovam o sucesso das mesmas.

4. Aspetos Metodológicos

4.1. Tipo de Estudo

O presente trabalho investigativo, de natureza naturalista, apresenta um paradigma metodológico de investigação qualitativa. Deste modo, procurou-se investigar acerca da temática “A Relação Instituição-Família para o Desenvolvimento da Aprendizagem da Criança em Contexto de Educação Pré-Escolar e de 1.º Ciclo do Ensino Básico”, tendo em conta, a apresentação de características fiáveis de investigação, ao longo de toda a prática de ensino supervisionada.

Segundo Fernandes (1991), os estudos que se centram na investigação naturalista são realizados no terreno, no qual decorre a investigação, tendo como foco, a compreensão mais profunda dos problemas, passando por investigar o que está na base de certos comportamentos, atitudes ou convicções.

De acordo com Tuckman (2005), a metodologia qualitativa envolve um conjunto de questões de investigação, onde a recolha de dados centra-se na descrição, na descoberta, na classificação e na comparação.

4.2. Participantes

Esta investigação teve como participantes, educadoras, professoras e, ainda, familiares de crianças pertencentes ao concelho de Santarém.

Os primeiros participantes foram três educadoras, uma de valência de creche (IPSS) e duas de pré-escolar (IPSS), que se encontram, atualmente, a exercer funções educativas.

Como segundos participantes, surgiram três professoras de 1.º CEB, sendo uma professora de 2.º ano, uma de 3.º ano e uma de 4.º ano, que se encontram no ativo profissional. A escolha dos participantes incidiu sobre professoras de diferentes anos de escolaridade, de modo a que existisse dados mais ricos para a sua análise. Em anexo (Anexo XXIV), podem consultar-se os quadros de identificação dos docentes estudados.

Por fim, foram selecionados seis familiares de seis crianças inseridas, tanto em contexto de Pré-Escolar como de 1.º CEB. Em anexo (Anexo XXV), podem consultar-se os quadros de identificação dos familiares estudados.

4.3. Instrumentos de Recolha de Dados

Para dar início à recolha de dados, recorri a dois instrumentos, sendo estes, as entrevistas semiestruturadas, bem como a observação direta, durante os momentos da prática de ensino supervisionada.

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas, tanto a educadoras/professoras (Anexo XXVI) como a alguns familiares das crianças (Anexo XXVII), estas apresentaram como base um guião com questões pré-estabelecidas, divididas em blocos temáticos, objetivos específicos e nas questões propriamente ditas. Este tipo de entrevista foi escolhido, devido ao facto de ser o mais indicado para este tipo de estudo. Tal como refere Afonso (2005, p. 106), que estas entrevistas “são conduzidas a partir de um guião que constitui o instrumento de gestão da entrevista semiestruturada”.

Relativamente à observação direta, esta também, esteve presente em todos os momentos da prática de ensino supervisionada. Este instrumento de recolha de dados, segundo Peretz:

(...) consiste em ser testemunha dos comportamentos sociais dos indivíduos ou grupos nos próprios locais das suas atividades ou residências sem lhes alterar o seu ritmo normal. Tem por finalidade a recolha e o registo de todas as componentes da vida social que se apresentam à perceção desta testemunha especial que é o observador. Este contacta e estuda as pessoas, presencia os atos e os gestos a que as suas ações dão origem, ouve as trocas de palavras, inventaria os objetivos de que se rodeiam, permutam ou produzem. (2000, p. 69)

Ao utilizar os instrumentos, anteriormente referidos, verifica-se que existe um maior rigor e credibilidade num estudo de carácter qualitativo, de natureza naturalista. É fulcral utilizar mais do que um instrumento para a recolha de dados, que confirmem esses mesmos dados, de acordo com as informações recolhidas, através dos participantes, procedendo assim a uma revisão documental.

4.4. Procedimentos Investigativos

O presente trabalho investigativo passou por diversas fases na recolha e análise dos resultados. A primeira fase desta investigação, decorreu ao longo do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, recorrendo à observação direta de algumas práticas em contexto educativo. Foi durante todo este período que suscitaram algumas dúvidas, levando-me a realizar várias leituras sobre a problemática em questão, de forma a tornar a teoria mais sólida. Segundo Máximo-Esteves (2008, p. 87) este tipo de observação “(...) permite o conhecimento direto dos fenómenos tal como eles acontecem num determinado contexto”, ou

seja, é através da observação direta que é possível adquirir os conhecimentos necessários acerca das pessoas, bem como do contexto em que estão inseridas. Neste sentido, Tavares e Alarcão (2005, p. 188), refere que a observação é “um elemento básico para uma boa avaliação e, ao mesmo tempo, um passo indispensável para um diagnóstico bem fundamentado”, pois é através da observação direta que o investigador recolhe conclusões, acabando por progredir no seu estudo. Este procedimento possibilita, ainda que, durante a prática educativa, sejam observadas e identificadas as necessidades, os interesses e as motivações das crianças para uma melhor atuação a nível docente.

A segunda fase foi dedicada à implementação de entrevistas semiestruturadas, tanto às educadoras/professoras como às famílias de algumas crianças. Os guiões das entrevistas foram diferentes para os docentes e para as famílias, existindo perguntas coincidentes e outras mais direcionadas ao público-alvo em questão, diferenciando, também, a linguagem utilizada. As entrevistas realizadas às educadoras/professoras são compostas por dezoito questões, sendo que estas estão distribuídas pelos seis blocos temáticos. Já as entrevistas realizadas às famílias são compostas por catorze questões, estando estas divididas pelos seis blocos temáticos. Ambas as entrevistas encontram-se transcritas em anexo (Anexo XXVIII e XXIX), sendo que estas, antes de serem gravadas, foram submetidas a um pedido de autorização de todos os entrevistados, salvaguardando como indicação, a sua identidade, foi, ainda, esclarecido o tema em questão, bem como a finalidade da mesma.

Por último, procedeu-se à análise dos resultados obtidos nas entrevistas realizadas às educadoras/professoras, através dos procedimentos da análise de conteúdo de Bardin (1977), originando uma posterior interligação com as entrevistas aplicadas a alguns familiares das crianças, de forma a criar uma discussão dos resultados mais coesa.

5. Apresentação e Análise dos Resultados

5.1. Análise dos Dados Recolhidos

Após o momento da recolha de dados, iniciou-se a organização dos mesmos, tendo em conta os procedimentos de análise de conteúdo de Bardin (1977). Esta organização teve como princípio a codificação, que representa o tratamento da informação recolhida, ou seja, passar dos dados brutos do texto, neste caso das entrevistas, para a informação somente necessária, através da técnica de recorte. Tal como refere Bardin:

A codificação corresponde a uma transformação - efetuada segundo regras precisas - dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração permite atingir uma representação do conteúdo, ou da sua expressão, suscetível de esclarecer o analista acerca das características do texto, que podem servir de índices. (1977, p. 103)

É importante referir que, nem todo o texto foi tido em consideração, uma vez que existiam informações que não se adequavam ou não acrescentavam informação pertinente às questões do presente estudo. Deste modo, através da técnica de recorte, foram tidos em conta apenas os discursos importantes para serem analisados nesta investigação.

Posteriormente, foram selecionadas as unidades de registo, ou seja, os dados recolhidos foram agrupados por temas, de acordo com a forma do discurso. Os temas, anteriormente, criados são apresentados nas tabelas com a denominação de categorias e subcategorias.

Conforme o tratamento de dados ia sendo elaborado, os dados foram colocados em tabelas, de modo a criar uma leitura mais fácil e direta das amostras do estudo. Assim sendo, estas tabelas encontram-se organizadas por vários tópicos, nomeadamente, Blocos Temáticos, Categorias, Subcategorias e Unidades de Registo. As tabelas encontram-se em anexo (Anexo XXX - Educadoras, Anexo XXXI - Professoras e Anexo XXXII - Familiares).

5.1.1. Interpretação dos Resultados das Entrevistas das Educadoras

De seguida, será apresentada uma tabela de categorias e subcategorias, procedentes da análise, referente ao discurso das educadoras (tabela 15). E, posteriormente, uma análise, de cada categoria, de acordo com as teorias que os autores defendem.

Tabela 15 - Categorias e Subcategorias referentes ao Discurso das Educadoras

Blocos Temáticos	Categorias	Subcategorias
Bloco II <u>Conceções acerca da importância da participação da</u>	Importância da participação da família no processo educativo das crianças	

<u>família no processo educativo das crianças</u>		
Bloco III <u>As crianças e a relação instituição-família</u>	Benefícios da participação das famílias para o desenvolvimento da aprendizagem das crianças	
	A participação das famílias e o aproveitamento educativo das crianças	
Bloco IV <u>Relação instituição-família na prática docente</u>	Classificação da participação das famílias	Participação boa
		Participação muito boa
		Participação razoável
	Contacto com as famílias	Diariamente
		Grupos privados
		Hora de atendimento aos encarregados de educação
		Reuniões
	Contacto com as instituições	Não há iniciativa, por parte das famílias
		Há iniciativa, por parte das famílias
	Realização de atividades nas quais as famílias participam	Atividades na sala com as crianças
		Visitas de estudo aos locais de trabalho dos pais
		Fatos de Carnaval
		Formação da Educação Parental
Atividades com maior envolvimento, por parte das famílias	Atividades da comunidade	
	Festas de final do ano letivo	
	Festas de Natal	
	Carnaval	
	Atividades lúdicas	
<i>Feedback</i> das famílias relativo às atividades implementadas com as mesmas		
Bloco V <u>Implicações na relação instituição-família</u>	Dificuldades das famílias neste envolvimento	Falta de tempo
		Falta de interesse
		Inconsciência
		Resistência
	A influência da estrutura familiar na participação das famílias	
A influência da profissão das famílias na sua participação		

Relativamente à primeira questão, relacionada com a importância da participação da família, no processo educativo das crianças, as educadoras entrevistadas, consideram que seja um aspeto fulcral, até para nós, enquanto profissionais da educação, percebermos qual é o tipo de relação que as crianças têm com as suas próprias famílias, bem como o meio em que estas estão inseridas, ou seja, “*acho que é fundamental. É muito importante, no sentido de nós compreendermos também o mundo da criança (...) os principais pontos de referência a nível familiar (...).*” (E1). Esta participação, também, contribui para o bem-estar da criança,

refletindo-se na sua aprendizagem, *“eu acho que é de máxima importância (...) quando a família é participativa, a criança sente-se muito mais segura, muito mais tranquila e isso tem um valor muito grande na sua aprendizagem (...).” (E₂)*, neste sentido, é essencial que haja uma continuidade do trabalho realizado em casa e no jardim de infância para que o sucesso da criança não seja reduzido, *“a importância é muita, é fundamental (...) os pais podem ser muito bons, se não houver continuidade no jardim de infância, o sucesso é limitado (...).” (E₃)*. Tal como está referido nas OCEPE (2016, p. 9), *“(...) cada criança não se desenvolve e aprende apenas no contexto de educação de infância, mas também noutros (...) nomeadamente, no meio familiar, cujas práticas educativas e a cultura própria influenciam o seu desenvolvimento e aprendizagem (...)”*. Assim, as OCEPE (2016, p. 9), também, mencionam que é importante *“(...) que o educador estabeleça relações próximas com esse outro meio educativo, reconhecendo a sua importância para o desenvolvimento das crianças e sucesso da sua aprendizagem”*.

Já no bloco seguinte, as entrevistadas, começam por mencionar quais os benefícios da participação das famílias para o desenvolvimento da aprendizagem das crianças, destacando que de facto todo este envolvimento contribui para o sucesso da aprendizagem das mesmas, *“se tivermos uma família que seja cooperante e que lhes mostre esse lado do saber ser e do saber estar, em qualquer situação (...) acho que considera-se um bom sucesso para a aprendizagem e também para a formação da criança (...).” (E₁)*, *“estarem dispostos também a dar e a receber para conseguirmos, juntos então, que tudo corra de um modo harmonioso e para a criança é de extrema importância para o seu desenvolvimento (...).” (E₂)*, *“se houver uma boa comunicação (...) a criança vai ser uma criança muito mais feliz (...) como direito que tem a ser criança... por isso, a participação ativa dos pais é benéfica, sem dúvida, para o desenvolvimento das crianças na escola.” (E₃)*. Noutra perspetiva, visto que os familiares são considerados um dos maiores modelos para os seus filhos, se a sua opinião, em relação ao contexto educativo, for positiva, certamente, haverá uma maior probabilidade de, também, ser para as crianças, *“se uma criança souber que, para o seu pai ou para a sua mãe, a escola é importante, a escola vai ser importante para ela (...).” (E₃)*. Tal como afirma Bandura (1977, citado por Villas-Boas, 2001, p. 50), *“(...) quando a criança compreende que os pais acham importante determinada tarefa, ela pode sentir-se motivada pelo desejo de lhes agradar”*.

Ainda, dentro do mesmo bloco, também, é evidenciada a participação das famílias para o aproveitamento educativo das crianças, sendo que, as educadoras participantes, afirmam que, quanto maior for a participação das famílias, no processo educativo das crianças, maior será o seu aproveitamento educativo, *“se a criança estiver feliz (...) se tem uma boa relação familiar em casa, se tem uns bons modelos educativos em casa, se tem uns bons valores que foram transmitidos (...) se tem uma família que a sabe respeitar a ela (...) tem um melhor*

aproveitamento, sem dúvida (...).” (E1), *“eu tenho a certeza absoluta de que as crianças aprendem as coisas muito facilmente se houver uma boa participação das famílias em todo este processo (...).*” (E2), *“têm maior aproveitamento, claro que sim (...).*” (E3). Segundo Marques (1993, p. 47), “o modelo da colaboração escola-famílias produz efeitos extremamente positivos no aproveitamento escolar dos alunos”.

Em relação à quarta questão, onde é perguntado às entrevistadas como classificam a participação das famílias do grupo pelo qual estão responsáveis, verifica-se que, de um modo geral, há uma boa participação das famílias, no processo educativo das crianças, *“classifico como uma participação boa (...).*” (E1). Também, é referido, devido ao facto de ser importante para uma das educadoras participantes, tentar sempre ter uma ligação muito boa com as famílias dos seus grupos, *“tenho uma ligação com a família, como eu acho importante, eu tento ter uma ligação muito boa com a família (...) tenho pais muito participativos (...).*” (E2). Outra entrevistada, afirma que, poderia existir familiares muito mais participativos, no entanto *“a participação das famílias está dentro dos parâmetros normais e aceitáveis (...).*” (E3). De acordo com Davies (1989), a participação da família, no processo educativo das crianças, não traz somente benefícios para estas, uma vez que as famílias e os docentes também beneficiam desta relação. Por um lado, as famílias sentem que o seu papel, no contexto educativo, é valorizado, contribuindo para a sua motivação. Por outro lado, o trabalho dos docentes torna-se mais facilitado, na medida em que estes acabam por receber ajuda e cooperação das famílias, permitindo que as mesmas assumam atitudes mais benéficas face aos docentes.

Na questão seguinte, quando questionadas como é estabelecido o contacto com as famílias, todas as educadoras entrevistadas referem que é diariamente, *“através do dia a dia (...).*” (E1), *“é direto e todos os dias conversamos (...).*” (E2), *“é diariamente (...).*” (E3). Atualmente, também, começam a surgir os grupos privados, nas redes sociais, com o intuito de partilharem muitas das atividades implementadas com as crianças que, também, acabam por ter essa mesma função de comunicação entre os docentes e as famílias, *“contacto com as famílias através do grupo privado no facebook (...).*” (E1), *“temos ainda um grupo privado no facebook (...).*” (E3). Duas destas educadoras, referem, ainda, as horas de atendimento, que a instituição dispõe para as famílias comunicarem com as educadoras, se assim o desejarem, *“temos uma hora de atendimento aos encarregados de educação (...).*” (E1), *“às quintas-feiras, há reunião de atendimento aos encarregados de educação (...).*” (E2). É, também, destacado, por outra educadora, que poderá existir a marcação de reuniões, se os familiares assim o pretenderem, *“também estou disponível para agendar uma reunião, cada vez que os pais queiram falar comigo (...).*” (E1), ou até mesmo, as próprias educadoras, marcarem alguma reunião, *“se há alguma coisa que eu precise, faço reuniões (...).*” (E2), *“sempre que é necessário, os pais são*

solicitados para reuniões (...).” (E₃). Neste sentido, para Marques (1993, p. 27), as reuniões são essenciais para que exista uma boa relação entre as instituições e as famílias, ou seja, “essas reuniões aumentam a confiança mútua e aprofundam as relações entre a escola e os pais”.

No que diz respeito à sexta questão, onde é interrogado às educadoras participantes se as famílias, também, contactam com estas ou com a instituição, da mesma forma, ou seja, se têm iniciativa ou não de existir comunicação pela sua parte, a maioria destas educadoras, afirma que as famílias ficam sempre à espera que seja a educadora ou a instituição a ter essa iniciativa, “*normalmente, estão à espera que seja a educadora a dizer alguma coisa (...).*” (E₁), “*por norma, as famílias ficam à espera de que haja uma ação da escola (...).*” (E₃). Ao contrário de outra educadora refere que, as famílias, também, comunicam, sem qualquer entrave, “*também contactam comigo, sim... não têm nenhum problema.*” (E₂). Segundo um estudo realizado, em Portugal, por Davies (1987, citado por Marques, 1993, p. 33), “quase todos os contactos são iniciados pelos professores”.

Quanto à questão seguinte, relacionada com a implementação de atividades em que as famílias possam participar, de maneira que exista uma relação mais facilitada entre instituições-famílias, bem como uma maior oportunidade para este envolvimento, todas as educadoras entrevistadas mencionam que realizam atividades que incluam as famílias, referindo exemplos muito diversificados, uma das entrevistadas, destaca, ainda, a importância da realização destas atividades conjuntas, para as crianças, “*(...) para os filhos é uma satisfação, por terem cá os pais a falarem da vida deles, para eles é uma mais-valia, sempre (...).*” (E₁). Assim sendo, é crucial que as famílias possam participar em atividades que as envolvam com as crianças, no entanto, também, é necessário que os educadores proporcionem esses momentos. Tal como está referido nas OCEPE (2016, p. 16), “as famílias, como principais responsáveis pela educação dos filhos, têm também o direito de participar no desenvolvimento do seu percurso pedagógico (...)”. Neste sentido, ainda, o documento suprarreferido, defende que “cabe ao educador criar as condições necessárias para essa participação, encontrando as formas de comunicação e articulação mais adequadas” (p. 17).

No que concerne às atividades em que as famílias se envolvem mais, existe uma maioria que afirma que, estas se envolvem muito nas festas de Natal, bem como nas atividades propícias a essa época, “*também se nota um grande envolvimento das famílias nas festas de Natal.*” (E₁), “*elas envolveram-se imenso no Natal (...).*” (E₂). É destacado, ainda, uma envolvimento maior, no que diz respeito às atividades que abrangem toda a comunidade, bem como nas atividades mais lúdicas, “*normalmente, num modo geral, as atividades que as famílias se envolvem mais são as atividades (...) da comunidade, que nós pedimos para (...) colaborarem a nível da comunidade (...).*” (E₁), “*todas as atividades lúdicas.*” (E₃). As festas de final do ano letivo,

também, são referidas neste ponto, uma vez que, as famílias, têm a possibilidade de observar todo o trabalho realizado ao longo do mesmo, “*também fazemos as festas de final do ano, onde os pais participam sempre e veem aquilo que as crianças fizeram durante o ano (...).*” (E1). Por último, uma das educadoras, também, menciona o Carnaval, sendo este, uma atividade em que as famílias participam com maior frequência, “*no Carnaval (...) também estão muito envolvidos (...).*” (E2). De uma forma geral, as famílias têm mais facilidade em participar em qualquer atividade proposta, quando solicitadas, como cita uma das educadoras participantes, “*eu acho que desde que eu peça a colaboração deles e a ajuda, eles colaboram e ajudam.*” (E2).

Todas as educadoras entrevistadas, recebem *feedback*, por parte das famílias, relativo às atividades que implementam com as mesmas, “*nós como temos o grupo, eles vão respondendo e vão dizendo que gostaram, que gostaram de participar (...).*” (E1), “*eu penso que, de uma forma geral, eu penso que é muito positivo, sim (...).*” (E1), “*eles gostam, sentem-se satisfeitos, gostam imenso (...).*” (E2), “*tenho mais feedback, não pelas coisas materiais, mas pelas coisas emocionais (...) nem é preciso as pessoas (...) dizerem (...) há coisas que nós vamos vendo com o nosso coração e vamos sentindo que aquilo está a resultar, isso é um feedback.*” (E3). Creio que este seja um aspeto pertinente, para as educadoras, na medida em que vão percebendo qual a opinião, das famílias, face ao seu trabalho realizado. Tal como está destacado nas OCEPE (2016, p. 19), “um diálogo que facilite relações de confiança mútua permite às famílias expor as suas opiniões, expectativas e dúvidas e serem esclarecidas sobre as opções tomadas pelo educador”.

Relativamente ao último bloco, todas as questões estão relacionadas com algumas das implicações que influenciam a relação instituição-família, sendo a dificuldade mais referida, pelas famílias, segundo as entrevistadas, a falta de tempo, “*é (...) a falta de tempo (...) porque funciona das 09h às 17h00, ou seja, o horário de trabalho da maioria dos pais.*” (E1), “*alguns dizem que não têm tempo (...) a palavra mais normal, o «tempo» (...).*” (E2). Neste sentido, Marques (1993, p. 36), refere que “as horas destinadas a receber os pais são inapropriadas para quem trabalha fora de casa”. A falta de interesse, também, é um aspeto mencionado por uma das educadoras participantes, “*alguns também é um bocadinho falta de interesse (...) porque acham muito engraçado os outros fazerem, mas depois no fim não sabem o que fazer (...).*” (E1). Segundo Lima (2002, p. 279), “(...) os professores tendem a considerar os pais desinteressados, dado que as suas modalidades de envolvimento são diferentes das esperadas pela escola”. Outros dois aspetos considerados, pela última entrevistada, são a inconsciência e a resistência, “*as famílias não vêm à escola, não é por dificuldades, é por inconsciência, eu acho que é mais por afastamento do que é importante ou do que tem valor (...).*” (E3), “*alguns é, também, por resistência ao que é pedido, àquilo que dá trabalho (...) têm dificuldade em*

investir nos seus filhos, porque pensam que estão a fazer favores a alguém e não pensam nos seus filhos.” (E3). Villas-Boas (2001, pp. 99-100), também, partilha da mesma opinião, ou seja, “(...) a diferente perceção das prioridades (...) funcionam como obstáculos a um relacionamento entre pais e professores no processo educativo”.

Ainda, dentro das implicações que condicionam este envolvimento, destaco a estrutura familiar, no entanto, as entrevistadas, argumentam que, no caso dos seus grupos, este fator não influencia a participação familiar, no processo educativo das crianças, *“não tanto (...) hoje em dia (...) temos mães divorciadas que vêm cá fazer atividades com os filhos, não é por aí (...).” (E1), “não, não acho que tenha muito... é assim, eu acho que depende muito das pessoas... se as pessoas forem ponderadas, não tem influencia e participam, normalmente (...).” (E2), “não, não considero nada, porque uma família só com uma mãe, uma família só com um pai, uma família com duas mães, uma família com dois pais, uma família com avós ou uma família com tios, todas as famílias são boas se se interessarem pelas crianças que têm (...).” (E3). Ainda assim, uma das educadoras, também, afirma que *“se as pessoas não forem ponderadas e houver alguns problemas pelo meio, a nível dos pares, aí já vai influenciar e muito (...).” (E2).**

Em relação à outrem implicação, para uma maior participação, por parte das famílias, no processo educativo das crianças, destina-se à sua profissão inerente, sendo que, duas educadoras, concordam com este ponto, uma vez que, muitos dos familiares, trabalham por turnos ou o seu local de trabalho não se situa na mesma localidade das instituições dos seus filhos, tornando a sua envolvência mais condicionada, *“a nível de tempo, influencia um bocadinho (...) porque há pais que, por exemplo, trabalham por turnos e não podem vir durante o dia (...).” (E1), “sim (...) uma pessoa que tenha um horário fixo, estável e que trabalhe aqui nesta cidade, é muito mais fácil, do que uma pessoa que tenha, por exemplo, turnos de noite, tenha turnos de dia, que trabalhe fora daqui... é muito mais complicado.” (E2). Ao contrário da terceira educadora entrevistada, *“não, acho que a profissão não influencia.” (E3). Noutro sentido, segundo vários estudos realizados, em Portugal, por Marques (1988, citado por Marques, 1993, p. 18), “apontam para a existência de diferenças entre o envolvimento de pais com o 4.º ano de escolaridade e de pais com cursos médios e superiores. Estes últimos contactam mais frequentemente (...) com os professores”.**

Em suma, todas as educadoras entrevistadas, evidenciam a participação, a cooperação, bem como a comunicação das famílias, de forma positiva, em todo o processo educativo das crianças, para que estas se sintam mais calmas, mais tranquilas e mais felizes, na medida em que todos estes aspetos se refletem no desenvolvimento da sua aprendizagem, tanto a nível cognitivo como pessoal e social.

5.1.2. Interpretação dos Resultados das Entrevistas das Professoras

De seguida, será apresentada uma tabela de categorias e subcategorias, procedentes da análise, referente ao discurso das professoras (tabela 16). E, posteriormente, uma análise, de cada categoria, de acordo com as teorias que os autores defendem.

Tabela 16 - Categorias e Subcategorias referentes ao Discurso das Professoras

Blocos Temáticos	Categorias	Subcategorias
Bloco II <u>Conceções acerca da importância da participação da família no processo educativo das crianças</u>	Importância da participação da família no processo educativo das crianças	
Bloco III <u>As crianças e a relação instituição-família</u>	Benefícios da participação das famílias para o desenvolvimento da aprendizagem das crianças	
	A participação das famílias e o aproveitamento educativo das crianças	
Bloco IV <u>Relação instituição-família na prática docente</u>	Classificação da participação das famílias	Participação boa Participação muito boa
	Contacto com as famílias	Via caderneta
		<i>E-mail</i>
		Telefone
		Grupos privados
	Contacto com as instituições	Há iniciativa, por parte das famílias
	Realização de atividades nas quais as famílias participam	Exposições
		Recolha de roupas e brinquedos
		“Dia da Alimentação”
		Trabalhos de pesquisa
		“Dia da Família”
	Atividades com maior envolvimento, por parte das famílias	Atividades de final do período letivo
		Festas de Natal
“Dia da Família”		
Atividades de Expressões Artísticas		
	Trabalhos de casa	
	“Feira do Livro”	
	<i>Feedback</i> das famílias relativo às atividades implementadas com as mesmas	
Bloco V <u>Implicações na relação instituição-família</u>	Dificuldades das famílias neste envolvimento	Falta de tempo
		Formação dos pais
	A influência da estrutura familiar na participação das famílias	
A influência da profissão das famílias na sua participação		

Todas as professoras participantes, afirmam que, a participação das famílias, no processo educativo das crianças, é de extrema importância, sendo que, a escola e as famílias, devem se unir como parceiros, ao longo de todo o percurso escolar das mesmas, *“não existe outra forma de trabalhar que não seja a escola em parceria com a família, porque as duas sozinhas não funcionam (...) aquilo que nós esperamos é que haja sempre, realmente, uma atividade de ambas as partes (...) a importância é muito grande.” (P1)*, *“a importância é muita... primeiro, porque valorizam a escola e é meio caminho andado para eles também se empenharem na escola (...) eles perceberem que a professora, a escola e a família, sabem o que é que se passa, eles dão mais importância (...) se não houver aqui uma entreaajuda, a escola não faz milagres, não consegue e a família só, não consegue também (...) quando não há esta ligação, alguma coisa no processo evolutivo da criança e escolar, vai falhar, com certeza.” (P2)*, *“o principal é ter os pais do nosso lado, eles têm que ser vistos como um parceiro (...) e a partir daí tudo corre bem (...) se nós tivermos a família do nosso lado e conseguirmos que eles participem (...) agora, quando isso não acontece, as coisas não funcionam tão bem.” (P3)*. Neste sentido, Correia e Serrano (2000, p. 182), também, defendem a mesma ideia, *“(...) os pais e os educadores são membros de uma parceria que tem um objetivo comum: apoiar a integração e o êxito de todas as crianças na escola”*.

Relativamente ao bloco seguinte, as professoras entrevistadas, começam por referir os benefícios da participação das famílias para o desenvolvimento da aprendizagem das crianças, destacando, a maioria das entrevistadas, a sua influencia na formação das crianças, a nível da sua confiança, autoestima, responsabilidade e autonomia, *“é o sentirem o apoio, têm mais confiança, mais autoestima (...).” (P1)*, *“é a responsabilização, é a autonomia (...).” (P2)*. Outro aspeto, ainda, referido pelas mesmas, é o facto de esta participação, também, contribuir para as crianças quererem fazer bem, para mostrarem aos seus familiares, para a sua valorização e para o seu interesse, uma vez que, são estes os valores transmitidos, pelas suas famílias, *“(...) mais vontade de fazer bem para também mostrar aos pais o resultado e para os ver felizes, porque as crianças depois têm essa necessidade (...) de verem os pais felizes em função dos seus resultados (...).” (P1)*, *“(...) é a valorização do professor e da aprendizagem (...).” (P2)*, *“o envolvimento dos pais mostra que eles estão interessados, mostra que querem saber, logo, ao envolverem-se nas tarefas dos filhos, seja em trabalhos de casa, seja num trabalho de pesquisa, seja a sua participação numa atividade na escola, faz com que o aluno também seja muito mais interessado e participe.” (P3)*. Ainda assim, se existir um consenso, por parte da escola e das famílias, certamente, que as crianças terão melhores resultados no desenvolvimento da sua aprendizagem, tal como afirma uma das professoras participantes, *“(...) o envolvimento da*

família e, quando estamos todos (...) a remar (...) para o mesmo lado, eu acho que é meio caminho andado para o sucesso das crianças.” (P₂).

Na questão seguinte, ainda, dentro do mesmo bloco, todas as entrevistadas afirmam que, as famílias que participam mais, no processo educativo das crianças, estas possuem, sem dúvida, maior aproveitamento, *“no geral, os mais acompanhados são os que depois têm melhor aproveitamento.” (P₁), “sim, sem dúvida... maior aproveitamento, maior interesse pela escola, focam-se mais, querem ter bons resultados, querem fazer coisas boas (...) porque a escola é valorizada (...) o funcionário, o professor, tudo é valorizado. (P₂), “sim, completamente.” (P₃).* Segundo Marques (1993, p. 46), *“é opinião de muitos investigadores (...) que a chave para a melhoria da qualidade de ensino passa, sobretudo, por um maior envolvimento das famílias no processo educativo”.*

Em relação ao bloco seguinte, quando é perguntado às professoras participantes como classificam a participação das famílias das crianças pelas quais estão responsáveis, no geral, existe uma participação muito boa, *“os encarregados de educação desta turma são pessoas muito participativas (...) são pais (...) que gostam de saber se os filhos estão a aprender, se precisam de ajudar em alguma coisa... quando são chamados, ou para uma atividade, ou para ajudarem em alguma coisa, são pessoas disponíveis (...) são pessoas que participam muito até.” (P₂), “muito boa.” (P₃).* Outra entrevistada, classifica a participação das famílias como uma boa participação, *“é boa... é uma boa participação (...).” (P₁).* Assim sendo, Correia e Serrano (2000, p. 168) defendem que *“de facto, a participação dos pais (...) continua a ser considerada como um critério de qualidade e como uma garantia de eficácia da ação educativa aí desenvolvida, e, não sendo o único critério, é sem dúvida um dos mais importantes”.*

Na questão seguinte, quando questionadas como é estabelecido o contacto com as famílias, as professoras participantes, referem que é, geralmente, através da caderneta do aluno, *“normalmente, via caderneta (...).” (P₁), “maioritariamente, por caderneta (...).” (P₂), “caderneta (...).” (P₃).* Duas das professoras também mencionam o e-mail institucional, bem como o telefone da instituição, *“por e-mail também... temos o e-mail institucional (...).” (P₁), “e telefone (...).” (P₁), “telefone (...).” (P₃).* Esta última, destaca, ainda, o grupo privado que tem em conjunto com as famílias, não só para contactar com as mesmas como, também, para partilhar determinados assuntos importantes, *“também temos um grupo, esse grupo privado funciona tanto para partilha de informações como de outras coisas interessantes, do género (...) jogos novos para os alunos, filmes ou alguma pergunta que eles queiram fazer (...).” (P₃).* Para Marques (1991), também, faz parte deste envolvimento, atitudes como a troca de informações e os contactos telefónicos, tal como referem as entrevistadas.

No que diz respeito à sexta questão, onde é interrogado às professoras entrevistadas se as famílias, também, contactam com estas ou com a escola, ou seja, se têm iniciativa ou não de existir comunicação, pela sua parte, todas estas professoras, afirmam que, as famílias, também, contactam, sempre que têm alguma dúvida, “*sim, também através da via caderneta, telefone ou e-mail.*” (P₁), “*contactam sim, quando têm alguma dúvida, porque é uma das coisas que eu lhes digo, todos os anos (...) para quando tiverem alguma dúvida, alguma ansiedade, virem à escola, porque (...) os mal entendidos, acontecem, porque não há comunicação (...) eles quando têm alguma coisa, ou telefonam, ou esperam (...) ali fora (...) ou por via caderneta marcam, ou colocam as questões pelas quais têm dúvidas.*” (P₂), “*sim, pessoalmente, há sempre aqueles pais que encontro à entrada da escola (...) por mensagens também, quando temos alunos mais agitados, mandam mensagem para saber como é que eles andam (...).*” (P₃). No entanto, Marques (1993, p. 33), afirma que “há muito mais contactos entre pais e educadores de infância do que entre pais e professores de outros graus de ensino”.

Quanto à questão seguinte, relacionada com a implementação de atividades em que as famílias possam participar, de maneira que exista uma relação mais facilitada entre instituições-famílias, bem como uma maior oportunidade para este envolvimento, todas as entrevistadas, mencionam que realizam atividades que envolvam as famílias, referindo exemplos muito diversificados, destacando assim as atividades que foram mencionadas, na maioria, as atividades realizadas na época natalícia, sendo que ambas estiveram expostas na escola, para possível visionamento da comunidade escolar, “*sim (...) agora no Natal, pedimos a colaboração para realização de uma exposição com coroas de Natal... as famílias fizeram em casa, trouxeram e estiveram expostas (...).*” (P₁), “*fizemos uma exposição de Natal, tudo com trabalhos feitos com materiais recicláveis, que foi também feito em casa com a ajuda dos pais (...).*” (P₃). Deste modo, segundo Correia e Serrano (2000, p. 178), há que “(...) enriquecer o currículo escolar, incorporando a contribuição das famílias”.

No que concerne às atividades em que as famílias se envolvem mais, não existe uma atividade em que mais do que uma professora participante mencione, são destacadas diversos tipos de atividades em que as famílias se envolvem com maior frequência, tais como, as festas de Natal, o “Dia da Família”, as atividades de Expressões Artísticas, os trabalhos de casa e a “Feira do Livro”, “*tudo o que é assim mais de convívio, como as festas de Natal (...).*” (P₂), “*o «Dia da Família» (...).*” (P₂), “*esta questão das Expressões... as crianças também gostam de fazer, muitas mães também gostam de fazer... portanto, também se envolvem, sim.*” (P₂), “*envolvem-se muito nos trabalhos de casa com eles (...).*” (P₃), “*há alunos que têm uma perdição por livros... e os pais envolvem-se muito nisso, sempre que há uma “Feira do Livro” na escola, eles participam logo e vão logo comprar.*” (P₃). Destaco, ainda, outro aspeto, o facto

de as famílias participarem, nas atividades, com mais facilidade quando são convidadas, por parte da escola ou dos professores, como refere uma das entrevistadas, “*é assim, no geral, quando pedimos solicitação, no geral, há pais que participam... não digo todos, mas uma boa parte sim... neste grupo, sim.*” (P₁).

Todas as professoras entrevistadas, recebem *feedback*, por parte das famílias, relativo às atividades que implementam com as mesmas, “*é assim, normalmente, vamos falando e as famílias quando têm dúvidas também questionam ou ligam... portanto, o feedback, normalmente, também é positivo.*” (P₁), “*eles gostam... às vezes, fazem um esforço, porque não é fácil sair dos empregos ou participarem, mas depois quando vêm, eles gostam.*” (P₂), “*sim, é bom... os pais gostam de participar, tanto nos trabalhos de casa como noutra tipo de trabalho (...).*” (P₃). Na minha perspetiva, é fulcral que exista um *feedback* relativo às atividades realizadas com as famílias, por parte destas, com o intuito de os professores compreenderem qual a opinião das mesmas, face ao seu trabalho, para isso, é de extrema importância, segundo Marques (2001), que os professores respeitem todas as famílias, tenham em consideração todas as suas angústias e desejos, integrem-nas no processo da tomada de decisões dessas angústias e desejos, sempre que se revelarem justas, e acolham-nas com carinho e entusiasmo.

Relativamente ao último bloco, todas as questões estão relacionadas com algumas das implicações que influenciam a relação instituição-família, sendo a dificuldade mais referida pelas famílias, segundo as entrevistadas, a falta de tempo, “*eu penso que, no geral, é um bocadinho falta de tempo... as famílias estão muito ocupadas com os empregos (...).*” (P₁), “*esta questão do tempo (...) o grande entrave, hoje em dia, é a promiscuidade, às vezes, de alguns empregos que não permitem, embora as pessoas tenham direito para ir à escola e tenham tempo para cada período, torna-se difícil para algumas pessoas saírem do emprego e poderem participar com os filhos.*” (P₂). A formação dos pais, também, é um aspeto mencionado por uma das professoras participantes, “*é a dificuldade, de alguns, ajudarem os filhos nos trabalhos de casa, porque no tempo deles era diferente e agora há coisas que também estão diferentes, que é mesmo assim... e depois também tem a ver com a formação dos pais (...).*” (P₃). Marques (1993, p. 37), também, partilha da mesma ideia, “*(...) os pais com habilitações académicas superiores se envolvem mais na escola*”.

Ainda, dentro das implicações que condicionam este envolvimento, destaco a estrutura familiar, sendo que, todas as entrevistadas, concordaram com esta influência, na participação das famílias, “*sim, tem (...) eu referi que há pais que profissionalmente estão muito ocupados, eles fazem tudo para acompanhar os filhos, mas claro que também há outros casos que não.*” (P₁), “*sim, com toda a certeza (...) quando há uma separação, quando há «os meus, os teus e os nossos» (...) nota-se, perfeitamente (...) nota-se na aprendizagem, nos comportamentos... é*

diferente, a família fica mais destruída, mais sensível, às vezes, mais desligada (...).” (P₂), “completamente, sem dúvida (...) quando a família é estável e do tipo de família dita «normal» (...) com o pai, mãe e filhos, em que há um bom ambiente familiar, tudo corre bem (...) mas, tenho casos em que os pais estão divorciados e que os alunos ficam uma semana com a mãe e outra semana com o pai, a experiência é que (...) é muito difícil para os alunos (...) esta logística de andar para trás e para a frente, é confuso (...).” (P₃). No entanto, se as famílias se souberem organizar e, apesar da sua estrutura, terem uma boa relação, não irá ter influência na sua participação, como menciona esta última professora, “(...) tem de estar tudo muito bem organizado e os pais, apesar de separados, terem uma boa relação (...) porque se não continuam em guerra constante, acabando por se refletir na aprendizagem dos alunos (...).” (P₃).

Em relação à outrem implicação para uma maior participação, por parte das famílias, no processo educativo das crianças, destina-se à sua profissão inerente, sendo que, a maioria das entrevistadas, concorda com este ponto, uma vez que, as famílias que mais participam na vida escolar dos educandos, são aquelas que possuem melhores habilitações literárias, pois têm mais facilidade de os ajudar e, visto que, o seu contacto com a escola, também, foi mais extenso, acaba por existir uma valorização maior, “sim... eu tenho alguns pais licenciados e professores, pessoas com um nível literário até superior... portanto, sim, nota-se.” (P₂), “tem (...) é assim, quando os pais têm uma profissão em que tiveram mais estudos (...) estão mais capacitados para os ajudar, dão-lhes mais ferramentas (...) e os outros, mesmo que tenham muita vontade de querer ajudar, depois têm dificuldade (...) os alunos que têm pais com uma formação académica com uma licenciatura, seja em que área for (...) os alunos conseguem ter um desempenho melhor (...).” (P₃). Tal como verifica Marques (1993, p. 45), “quanto melhores forem as habilitações literárias dos encarregados de educação mais frequentes serão os contactos com os professores”. Ao contrário de outra professora da amostra, esta afirma que, pode influenciar ou não, depende muito do interesse dos familiares, uma vez que existe pais que mesmo ocupados tentam sempre ir à escola e há outros que não têm tanta ocupação e não vão, parte muito daquilo que realmente é valorizado ou não, neste caso, “pode influenciar ou não porque, realmente, eu vejo que há pais muito ocupados que tentam sempre vir à escola na mesma, mesmo que seja difícil, e há outros que não têm tanta ocupação e há um desinteresse, não é? Porque não valorizam, se calhar, tanto a escola.” (P₁).

Para concluir, todas as professoras entrevistadas, assumem como grande importância a relação instituição-família, neste sentido, ambas têm que trabalhar em conjunto, e se houver uma boa relação, todos têm a ganhar. Assim sendo, cabe, também, aos professores promoverem essa relação, uma vez que são parceiros e todos estão a trabalhar para o mesmo, há que existir

uma continuidade no trabalho entre a família e a escola e vice-versa, para assim as crianças terem sucesso no desenvolvimento da sua aprendizagem e, principalmente, no seu bem-estar.

5.1.3. Interpretação dos Resultados das Entrevistas dos Familiares

De seguida, será apresentada uma tabela de categorias e subcategorias, procedentes da análise, referente ao discurso dos familiares de algumas crianças (tabela 17):

Tabela 17 - Categorias e subcategorias referentes ao Discurso dos Familiares

Blocos Temáticos	Categorias	Subcategorias
Bloco II <u>Conceções acerca da importância da participação da família no processo educativo das crianças</u>	Importância da participação da família no processo educativo das crianças	
Bloco III <u>As crianças e a relação instituição-família</u>	Importância de projetos/atividades que envolvam as famílias, do ponto de vista do desenvolvimento da aprendizagem das crianças	
Bloco IV <u>Relação instituição-família: perspectivas familiares</u>	Frequência do contacto com as docentes	Diariamente
		No final de cada período
		Sempre que posso
	Circunstâncias da deslocação à instituição	Pôr ou buscar o educando
		Entrega da avaliação
		Participar em alguma atividade
	Meios utilizados para comunicar com as docentes	Presencialmente
		E-mail
		Telefone
		Caderno de recados
Participação das famílias nas atividades	Há incentivo, por parte das docentes	
	Não há incentivo, por parte das docentes	
Reação das famílias ao participarem em atividades propostas pelas docentes		
Bloco V <u>Implicações na relação instituição-família</u>	Dificuldades das famílias na participação e envolvimento nas atividades promovidas pelas docentes	Falta de tempo
		Falta de interesse

Relativamente à primeira questão, relacionada com a importância da participação da família, no processo educativo das crianças, os familiares entrevistados, consideram que seja um aspeto fundamental, até para as próprias crianças se sentirem mais integradas na escola, “*é muito importante o envolvimento (...) dos familiares... quanto mais envolvidos, às vezes, estiverem, melhor é para as crianças... mais fácil a sua integração, mais fácil sentirem que pertencem à escola.*” (F1). Esta participação, também, contribui para que as famílias consigam

acompanhar os seus educandos, bem como perceberem quais são as suas dificuldades, de forma a poderem auxiliá-los, uma vez que, se esta participação não existisse, tornava-se mais difícil, *“é muito importante (...) nós acompanharmos as crianças e percebermos exatamente onde é que elas vão... até para poder (...) ajudar em casa (...) ela faz os trabalhos de casa comigo (...) precisamente, para eu poder acompanhar e saber onde é que ela vai e (...) as dificuldades que ela tem (...) é muito importante, até para ajudá-las também (...).” (F₂)*. Outro aspeto, também, destacado, é o facto de as famílias serem a parte fundamental da educação, daí não terem que delegar essa função apenas aos profissionais da educação, há que existir um apoio mutuo, *“acho muito importante, porque nós somos parte fundamental da educação... não temos que delegar essa tarefa na creche (...) nós temos que nos apoiar... eles ajudam-nos e nós ajudamos também, por isso considero muito importante.” (F₃)*, neste sentido, quanto maior for o interesse que os familiares dão à escola, maior será o interesse das crianças pela escola, uma vez que, existe um incentivo, de forma positiva, *“considero bastante importante (...) tendo em conta o interesse que a gente dá à escola e a forma como nós puxamos as crianças, vai fazer com que elas desenvolvam o interesse por aquilo que a gente também as incentiva.” (F₄)*. Todos, sem dúvida, podem beneficiar desta participação, principalmente, as crianças, pois sentem-se extremamente felizes, com a presença das suas famílias, nas atividades que desenvolvem, bem como os docentes, na medida em que sentem que o seu trabalho é valorizado ao receberem apoio, por parte das famílias dos seus grupos, *“todos podem beneficiar deste envolvimento... a educadora pode sentir que o seu trabalho é valorizado ao receber apoio (...) no trabalho desenvolvido na instituição e as crianças sentem-se mais felizes com a presença (...) da sua família.” (F₅)*. Assim sendo, esta participação, é crucial ao longo do processo educativo das crianças, acabando por se tornar um bom complemento na sua educação, *“eu considero de enorme importância a participação das famílias no processo educativo das respetivas crianças... acho que é um bom complemento na sua educação.” (E₆)*.

Já no bloco seguinte, os familiares participantes, referem a importância de projetos ou de atividades que envolvam as famílias, do ponto de vista do desenvolvimento da aprendizagem das crianças, mencionando que é uma estratégia para as crianças perceberem que, também, podem aprender com outras pessoas, posteriores à comunidade educativa, neste caso, com familiares de outras crianças, *“é muito importante (...) o facto de os pais poderem lá ir ensinar coisas que eles saibam, é importante para as crianças perceberem que as educadoras ensinam, as auxiliares também (...) mas, depois, os próprios pais das outras crianças, têm coisas para lhes ensinar (...) percebem que podem aprender com outras pessoas (...) para além daquela componente letiva que elas têm (...).” (F₁)*. Esta envolvimento, também, contribui para que as crianças se sintam mais motivadas, *“as famílias inseridas nas atividades (...) para as crianças,*

é uma motivação (...) para motivar as crianças, acho que (...) é importante, sem dúvida.” (F₂), neste sentido, é importante que exista uma reunião de todos, ao longo dos anos letivos, com o intuito de incluir as famílias nas atividades implementadas, sendo que, é essencial para as crianças e para os familiares, enquanto parte fundamental do crescimento das mesmas, bem como para os docentes, uma vez que se sentem mais apoiados, “é muito importante... eu acho que tem que mesmo haver uma reunião de todos (...) uma presença de todos, ao longo do ano, em alturas especiais, para nós podermos participar (...) eu acho que é importante para as crianças (...) para nós enquanto pais, que nos sentimos parte fundamental do crescimento delas, e se calhar para a educadora também, sentir um bocadinho apoio dos pais.” (F₃). É, ainda, destacado por um familiar, que quando envolve algum familiar, no meio educativo, cabe-lhe proporcionar valores que demonstrem a educação que é legada no contexto familiar, na medida em que, se os familiares transmitirem bons valores às crianças, certamente, que estas terão um percurso educativo, futuramente, bem-sucedido, “a importância que eu dou a isso é que sempre que envolve algum familiar no meio educativo (...) eu sinto que temos que dar sempre valores que demonstrem a educação que é transmitida em casa, porque se nós, como pais, transmitirmos às crianças bons valores, certamente, que terão um percurso educativo com muito maior sucesso.” (F₄). Assim sendo, visto que “todos os projetos e todas as atividades que envolvam a família são de facto importantes... neste sentido, acho que deveríamos todos caminhar de mãos dadas para um bom desenvolvimento das crianças.” (F₅), contribuindo, deste modo, para o bem-estar das crianças, “considero bastante relevante a participação das famílias nas atividades... as crianças sentem-se muito mais apoiadas, com melhor aproveitamento e felizes (...).” (F₆).

Em relação à terceira questão, onde é perguntado aos familiares entrevistados com que frequência se deslocam às instituições dos seus educandos para contactarem com as docentes, a maioria dos entrevistados, afirma que é diariamente, uma vez que, vão todos os dias, pôr ou buscar as crianças, existe mais a possibilidade de haver contacto entre ambas as partes, “vou todos os dias levar a minha filha ao jardim de infância (...) quase todos os dias, falo um bocadinho com a educadora.” (F₁), “como vou pô-la ou buscá-la quase todos os dias, por norma, temos ali uma conversa, uma vez por semana, como é que vai, como é que não vai... depois, vou às reuniões.” (F₃), “todos os dias, uma vez que sou eu que a vou buscar (...).” (F₅), “diariamente... sou eu que vou buscar (...) mas, nem todos os dias, contato com a educadora, devido aos horários de saída não coincidirem.” (F₆). No entanto, existe um familiar que refere que não contacta com a professora do seu educando, tanto quanto gostaria, uma vez que, este já se encontra no 1.º CEB, não existe tanta facilidade de contactar com a professora, a não ser que seja nas reuniões do final de cada período letivo, para a entrega das avaliações,

“infelizmente, não tanto quanto gostaríamos, verdade seja dita... sem dúvida, na entrega da avaliação, no final de cada período (...).” (F₂). Outro familiar, também, menciona que, devido à sua profissão, não tem tanta disponibilidade para contactar com a educadora, tanto quanto gostaria, ainda assim, sempre que pode, desloca-se à instituição do seu educando, *“isto não é uma desculpa, mas tendo em conta a minha profissão não tenho disponibilidade para ir buscá-la ou pô-la à escola, tanto quanto eu gostaria, ou até mesmo falar mais com a educadora... mas, eu sempre que posso, desloco-me (...) também perceber as condições e as amizades que ela cria.” (F₄).*

Na questão seguinte, quando questionados quais são as circunstâncias que os levam a deslocarem-se às instituições dos seus educandos, verifica-se que, uma maioria dos familiares, apenas se desloca à instituição para ir pôr ou buscar os seus educandos, *“é para a levar... para a levar à escola.” (F₁), “é então, para ir pôr e buscar a minha filha.” (F₃), “normalmente, é para ir buscar ou pôr o meu educando.” (F₄), “vou à instituição para ir buscar a minha neta (...).” (F₅), “sou eu que vou buscar a minha neta (...).” (F₆).* Também, é destacado, por outro familiar, que apenas se desloca à escola do seu educando para a entrega da avaliação, *“para a entrega da avaliação e, basicamente, é só.” (F₂).* Dois dos familiares participantes, referem, ainda, o facto de se deslocarem às instituições, quando solicitados, para participarem em alguma atividade que envolva as famílias, *“quando sou convidada para participar em alguma atividade.” (F₅), “qualquer atividade que solicitem ou convidem os familiares a participarem estou sempre presente.” (F₆).*

No que diz respeito à quinta questão, onde é interrogado aos familiares participantes quais são os meios utilizados para comunicarem com as docentes dos seus educandos, a grande maioria, afirma que é presencialmente, *“presencialmente (...).” (F₁), “eu com a educadora, normalmente, e das vezes que o faço, é presencial e verbal... não comunico de outra forma.” (F₄), “pessoalmente, porque a vejo todos os dias.” (F₅), “sempre presencial e verbal (...).” (F₆),* é também mencionado o e-mail e o telefone, *“e-mail (...).” (F₂), “telefone (...).” (F₂)* e o caderno de recados, *“temos um caderno de recados que vai na mochila (...) quando a educadora tem um recado para me dar, envia... e quando eu tenho, envio também.” (F₃).*

Quanto à questão seguinte, relacionada com a implementação de atividades em que as famílias possam participar, ou seja, se os docentes incentivam a participação dos familiares nas atividades, bem como no processo educativo das crianças, sendo que, a maioria dos familiares entrevistados, menciona que, as docentes, fazem questão de existir uma participação ativa, por parte dos familiares, uma vez que, é de extrema importância esta participação, é fulcral que os docentes proporcionem esses momentos, com o intuito de chamarem os familiares a fazerem parte do quotidiano das crianças, pois, cada vez mais, se confirma que as famílias possuem uma

maior envolvimento nas atividades, quando solicitadas, pelas instituições, “*sim, ela incentiva que os pais tenham uma participação ativa nas atividades (...) e faz sempre referência à importância da nossa participação.*” (F₁), “*é uma educadora bastante interativa (...) gosta de desenvolver vários programas, sempre que pode e consegue, que incluam a família (...) tenta sempre trazer a família até para as crianças se sentirem no meio familiar (...).*” (F₄), “*sim, geralmente, recebemos sempre convites, nomeadamente, nas datas festivas... acho que a instituição é bastante aberta à participação das famílias.*” (F₅), “*sim... sempre que existem atividades, a instituição tem o cuidado de convidar todos os familiares a participarem ou assistirem.*” (F₆). No entanto, existem instituições que esse envolvimento não é tão notório, sendo que, esses familiares, demonstram descontentamento face à inexistência de atividades que incluam, diretamente, as famílias, “*nas atividades, eu acho que tem mais a ver com a escola, porque a professora não nos convoca para qualquer atividade se a escola não o permitir (...) tirando um trabalho ou outro que ela pede para nós fazermos em casa, pontualmente, mas não... não há muito trabalho em conjunto (...) infelizmente.*” (F₂), “*a única participação que eles pedem é quando há lanchinhos, festas de Natal... nós levarmos qualquer coisa e participarmos nessas coisas... agora, no dia a dia, nas atividades deles, nós não participamos... que eu acho que é uma falha.*” (F₃).

Todos os familiares entrevistados, reagiam de bom agrado, participando nas atividades propostas pelas docentes, evidenciando a sua importância, “*participava, sem dúvida... já fomos convidados... este jardim de infância, tem por hábito, à sexta-feira, ser o dia das “Portas Abertas” (...) os pais que quiserem, basta dizerem com alguma antecedência e podem fazer uma atividade com as crianças (...) depois nos anos dela (...) levei uma história para contar aos meninos (...) é muito gratificante (...) vê-se mesmo a felicidade delas quando vai lá (...) qualquer familiar de alguma criança... mesmo a própria criança gosta como também as restantes crianças e, é por esse mesmo motivo, que eu sempre que posso vou lá fazer qualquer coisinha (...) ou mesmo que eu não possa, peço a outro familiar (...).*” (F₁), “*certamente, faria os possíveis para participar (...) com todo o gosto (...) não temos muito isso nesta escola... porque, de certa forma, penso que seria bastante importante para a minha filha, de maneira que se sentiria mais apoiada, no que diz respeito à sua vida escolar.*” (F₂), “*reagia bem e ia com certeza, se o trabalho me deixasse (...) acho que é essencial, até para as próprias crianças.*” (F₃), “*reagiria bem, ficaria nervoso, com certeza... ao fim ao cabo, o meu educando tem uma imagem de mim e eu iria ser colocado à prova, ali no meio de vinte crianças, em que teria de me esforçar para cativá-las e, principalmente, a ela.*” (F₄), “*aceitava, obviamente... acho que é muito importante para a criança... no ano passado, foi pedido pela educadora para eu participar no «Dia dos Avós», em que tinha de levar um retalho de tecido e contar uma*

história que quisesse (...) senti que foi muito gratificante para ela porque, naquele momento, estava a mostrar aos amigos algumas das coisas que ela tinha vivenciado, sendo que ela própria também fazia parte do momento e acho que as crianças gostam de se sentir importantes (...).” (F₅), “claro que reagiria positivamente e de bom agrado... é sempre gratificante participar no processo educativo da minha neta (...).” (F₆).

No que concerne ao último bloco, a questão apresentada está relacionada com as implicações que influenciam a relação instituição-família, segundo alguns familiares, sendo que, a dificuldade mais sentida pelos mesmos, é a falta de tempo, devido aos seus empregos, uma vez que, os horários para a realização das atividades que envolvam as famílias, também, não facilitam, por serem no mesmo período em que, a maioria destas, se encontram a trabalhar, “o horário é o pior aspeto (...) as atividades são dinamizadas durante (...) aquele horário letivo... e os pais ou tiram férias para irem fazer as atividades ou então não podem participar.” (F₁), “o que nos leva a não ter uma participação tão ativa nos projetos da escola (...) é mesmo a falta de disponibilidade a nível profissional (...).” (F₂), “é o tempo que nós temos também... é o trabalho que não nos permite a disponibilidade para participar nessas coisas, porque depois já há todo um tempo (...) aquilo é até às 17h ou até às 18h e nós não temos trabalho até às 17h ou até às 18h.” (F₃), “é a falta de tempo ou disponibilidade (...).” (F₄), “a falta de tempo dos pais influencia (...) a sua participação na vida educativa dos filhos (...).” (F₅), “a falta de tempo por motivos laborais (...).” (F₆). Ainda assim, dois dos familiares participantes, destacam outro aspeto, a falta de interesse, talvez inconsciente, por parte de alguns familiares, “também há alguns pais que até têm tempo, mas talvez sejam um pouco mais desinteressados a esse nível.” (F₅), “talvez algum desinteresse inconsciente (...) algumas famílias pensam que é da total responsabilidade da educadora, a educação das crianças.” (F₆).

De um modo geral, todos os familiares entrevistados, consideram crucial as famílias estarem envolvidas no meio educativo das crianças, destacando o facto de, os profissionais da educação, se debruçarem sobre esta relação, uma vez que, os familiares, estão cada vez mais afastados da vida educativa das suas crianças. Cabe a nós, enquanto docentes, desmistificarmos as dificuldades que existem, por parte das famílias, criando uma parceria, na medida em que, todos juntos, se realizarmos o mesmo trabalho, com toda a certeza, que as crianças terão muito mais sucesso e serão muito mais felizes.

5.1.4. Análise Global e Comparativa dos Resultados

No decorrer da análise dos resultados, essenciais para a presente investigação, verifica-se uma conformidade entre alguns fragmentos do discurso das educadoras, das professoras e dos familiares das crianças.

Relativamente às concepções, tanto das educadoras como das professoras, referente à importância da participação das famílias, no processo educativo das crianças, ambas afirmam que é de extrema importância, contribuindo, essencialmente, para o bem-estar das crianças e para a valorização da escola, uma vez que, a família a valoriza, maior probabilidade existe de as crianças, também, partirem da mesma opinião. Assim sendo, aquilo que se espera, é que a escola e as famílias se unam como parceiros, em função de proporcionarem, às crianças, um processo educativo mais saudável e completo. Também, os familiares, consideram que a sua participação, no processo educativo das crianças, é fulcral, uma vez que, são parte primordial da educação das mesmas, não devem delegar essa tarefa apenas aos profissionais da educação, devem ajudar-se mutuamente, ou seja, unirem-se como parceiros, incentivando, também, as suas crianças a ter interesse pelo meio educativo.

No que diz respeito aos benefícios da participação das famílias, no ambiente educativo, do ponto de vista do desenvolvimento da aprendizagem das crianças, ambas as classes de participantes, apresentam pontos comuns, sendo estes, o bem-estar das crianças, uma vez que, se as crianças se sentirem seguras e felizes, mais facilmente têm sucesso no desenvolvimento da sua aprendizagem, uma vez que possuem mais apoio no seu meio familiar e, ainda, mais uma vez, é evidenciado como ponto crucial, o interesse que os familiares têm pelo meio educativo dos seus educandos, transmitindo e influenciando os mesmos, de forma positiva, para o seu sucesso, a nível do desenvolvimento da sua aprendizagem. Também, os familiares participantes, partilham da mesma opinião, sendo que é realmente importante a sua participação nas atividades propostas que os envolve, uma vez que, as crianças, se sentem mais motivadas e apoiadas, refletindo-se, por sua vez, na sua aprendizagem.

Ambos os grupos de docentes, referem que as crianças cujas famílias participam mais no seu processo educativo, possuem maior aproveitamento, uma vez que sentem que a família mostra interesse pela escola e por todo o trabalho realizado, as crianças, começam a ter um maior empenho, bem como a desejarem ter bons resultados, para poderem mostrar aos seus familiares, uma vez que, estes, também, dão importância, acabam por incuti-la.

No bloco referente à relação instituição-família, na prática docente, tanto as educadoras como as professoras, referem ter numa boa relação com os familiares dos seus grupos pelos quais estão responsáveis, tal como consideram importante. São destacadas, também, as diferentes formas que utilizam para contactar com as famílias, sendo que, no pré-escolar, os contactos são mais frequentes diariamente e pessoal, o que já não se verifica no 1.º CEB, que são feitos mais por via caderneta. Também, os familiares, referem que o meio que mais utilizam para comunicar com as docentes, é presencialmente, à exceção de um familiar de um aluno de 1.º CEB, pois já não tem tanta facilidade de comunicar com a professora, todos os dias, uma

vez que não vai pôr o seu educando à sala, tal como fazia no pré-escolar. Verifica-se, também, que há mais iniciativa, para contactar com as docentes, por parte dos familiares das crianças do 1.º CEB, do que dos familiares das crianças do pré-escolar, uma vez que ficam sempre à espera de que haja alguma ação, por parte das educadoras. Ao contrário do que os familiares afirmam, visto que, as famílias das crianças do pré-escolar, têm mais contacto direto com as educadoras, todos os dias, mais facilmente comunicam. Ainda, é notório que as famílias, na maior parte das vezes, apenas se deslocam às instituições, para irem pôr ou buscar os seus educandos.

Ainda, neste bloco, foi evidenciado por ambas as classes de participantes que, realizam diversos tipos de atividades em que as famílias possam participar, contribuindo assim para o aumento da relação instituição-família, uma vez que, cabe, essencialmente, aos profissionais da educação, proporcionarem estes momentos, de forma a enriquecer este envolvimento. Tanto as educadoras como as professoras, referem que, de um modo geral, desde que peçam a ajuda e a colaboração das famílias, em qualquer que seja o tipo de atividade, elas ajudam e colaboram. Também, os familiares, referem que, os docentes, implementam atividades, nas quais possam ter alguma participação, referenciando a sua importância para as crianças, à exceção de duas instituições, em que esse trabalho conjunto não existe.

No que concerne ao *feedback* das famílias relativo às atividades implementadas com as mesmas, ambos os grupos de docentes, destacam que, no final das atividades ou dos trabalhos realizados, em conjunto, as famílias transmitem sempre bastante agrado, referindo até, muitas das vezes, diretamente, sendo este, uma boa estratégia para que as docentes, também, percebam qual a opinião das famílias face ao seu trabalho desenvolvido. Também, os familiares, legam o mesmo sentimento, quando são convidados a participar em algum tipo de projeto ou atividade, destacando a sua importância para os seus educandos, nomeadamente, a felicidade que passam ao poderem partilhar uma atividade com as suas próprias famílias.

No último bloco, quanto às dificuldades que as famílias apresentam neste envolvimento, tanto as educadoras como as professoras, verificam que o maior entrave nesta participação é, de facto, a falta de tempo e disponibilidade das famílias, uma vez que os horários estipulados para as atividades conjuntas, não facilitam, sendo que são durante os empregos das mesmas. Também, os familiares, partilham da mesma dificuldade, a falta de disponibilidade que têm para a vida escolar das crianças, devido à sua vida profissional, afirmando, também, que os horários não facilitam este envolvimento, pois há um determinado tempo que têm para ir às instituições e nem sempre coincide com a sua disponibilidade.

Com a presente investigação surgiu, ainda, a necessidade de compreender se os docentes consideram que a estrutura familiar das crianças, influencia na sua participação, uma vez que,

cada vez mais, existem diversos tipos de famílias e, ainda, a profissão inerente às famílias das crianças.

Neste sentido, as educadoras, não consideram que a estrutura familiar tenha influência na participação das famílias, desde que sejam ponderadas, na medida em que, o que realmente importa, é o interesse que estas têm pelas crianças, bem como pelo seu processo educativo e, se existir interesse, não importa qual a sua estrutura familiar. Já as professoras, não partilham da mesma opinião, estas referem que a estrutura familiar influencia, claramente, na participação dos familiares, na medida em que têm menos disponibilidade ainda. Outro aspeto, também, referido, é quando existe uma separação, ou seja, quando começa a haver “os meus, os teus e os nossos”, reflete-se, na maioria das vezes, na aprendizagem e nos comportamentos das crianças, uma vez que, a família fica mais destruída, mais sensível e, por vezes, até mais desligada, prejudicando o desempenho escolar das mesmas.

Em relação à profissão inerente às famílias das crianças, tanto as educadoras como as professoras, afirmam que esta, também, influencia este envolvimento, devido aos seus horários, ou seja, um familiar que trabalhe por turnos está em desvantagem de um familiar que tem um horário fixo e, devido às suas habilitações académicas, pois os familiares que possuem mais estudos ou uma licenciatura, seja em que área for, são mais participativos e os seus educandos conseguem ter um melhor desempenho educativo.

Em última análise, deve-se ter em conta que todas as crianças são diferentes, bem como todas as famílias. Assim sendo, é importante, primeiramente, perceber quais são as dificuldades que existem nas determinadas famílias, antes de se fazer qualquer julgamento, principalmente, sem nunca prejudicar as crianças, uma vez que, estas não têm culpa das ações das suas famílias. Deste modo, sem nunca esquecer, todas as intervenções educativas devem ser planificadas e implementadas em função do bem-estar das crianças.

Considerações Finais

A concretização do presente relatório de estágio, revelou-se uma mais-valia, na medida em que me possibilitou refletir e analisar cada momento da prática de ensino supervisionada exercida, ao longo de todo o caminho percorrido durante o mestrado, no âmbito da Educação Pré-Escolar e do Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Ao longo de todo o mestrado, destaco a oportunidade que existiu para realizar estágios, nas diversas faixas etárias, na medida em que pude colocar em prática aquilo que foi adquirido na teoria, construindo assim a minha formação. As experiências vivenciadas foram, também, uma mais-valia para o meu crescimento, tanto a nível pessoal como profissional, uma vez que, através da observação da prática dos diversos intervenientes educativos, com quem tive o privilégio de contactar, fui melhorando a minha intervenção nos contextos de creche, jardim de infância e 1.º CEB. De acordo com Cardona (2006), é através da prática pedagógica que os alunos estagiários (futuros educadores e professores) têm a oportunidade de exercer, com supervisão pedagógica, a sua atividade profissional, bem como adquirir saberes profissionais, articulando a teoria com a prática. Importa referir que, durante a análise de todos os momentos da prática, foi evidenciada a perspetiva de diferentes autores, de modo a construir um percurso de intervenção mais coerente e sólido.

Ao nível do contexto de creche, é crucial mencionar a importância dos momentos de exploração livre e sensorial, para o desenvolvimento das crianças, nesta faixa etária, uma vez que, estas se encontram no período sensório-motor, sendo que, é nesta fase, que começam a aperfeiçoar a capacidade de reconhecer a existência de um mundo envolvente, tendo autonomia para explorá-lo e construir a sua perceção do meio, direcionando os seus comportamentos, tendo objetivos a alcançar, deixando de agir apenas por reflexos. Tal como afirma Portugal (2012, p. 9), “os bebés necessitam de amplas oportunidades para experimentar uma variedade de experiências sensoriais e motoras”.

Relativamente ao nível do contexto de pré-escolar, destaco que, os interesses e as ideias prévias das crianças, são peças fulcrais para o educador adaptar a sua prática, a fim de planificar atividades transmissoras de aprendizagem. Assim sendo, nas minhas intervenções, procurei sempre dar voz às crianças, partindo das suas motivações, de forma a estabelecer uma maior intencionalidade educativa, surgindo assim os projetos interventivos, bem como as respetivas atividades, sendo estas, enriquecedoras e estimulantes a diversos níveis, tais como, social, físico e psicológico. Tal como está referido nas OCEPE (2016, pp. 15-16), que o educador, ao planear a sua intervenção, deve:

(...) estar preparado para acolher as sugestões das crianças (...) considerar a criança como agente do processo educativo e reconhecer-lhe o direito de ser ouvida nas decisões que lhe dizem respeito confere-lhe um papel ativo no planeamento e avaliação do currículo, constituindo esta participação uma estratégia de aprendizagem.

É de realçar, também, em ambas as práticas suprarreferidas, a minha capacidade de adequar a prática, à individualidade de cada criança, proporcionando momentos de bem-estar e de envolvimento diário, uma vez que, tanto nas atividades planificadas, como nos momentos de higiene e de alimentação, cada criança tem o seu ritmo e as suas capacidades. No decorrer das diversas práticas, todos estes momentos de individualidade, foram tidos em consideração.

No que diz respeito ao nível do contexto de 1.º CEB, a maior aprendizagem centrou-se na capacidade de diversificar as estratégias para lecionar os determinados conteúdos, não me focando apenas no manual escolar, tentei sempre ao máximo, recorrer a materiais manipuláveis variados e apelativos, de forma a que as crianças se sentissem mais motivadas. Por outro lado, também, procurei encontrar estratégias adequadas às necessidades de cada criança, recorrendo às capacidades da restante turma, como forma de originar uma partilha de conhecimentos entre estas. Neste contexto, também, senti a necessidade de planificar, todas as aulas, de uma forma mais organizada e repartida, tendo em conta, todas as áreas curriculares, para assim organizar mais facilmente o meu trabalho, de forma a alcançar os objetivos propostos para cada aula.

Ao proceder a uma visão abrangente de todas as práticas realizadas, ao longo de todo o mestrado, concluo que todas estas foram marcadas pelo apelo à reflexão e pelo questionamento diário, após cada intervenção. Deste modo, é fundamental referir que, em todos os contextos, a minha ação passou por diversas etapas fulcrais, tais como, observar, planear, agir, avaliar, bem como comunicar, de forma a proporcionar momentos adequados aos interesses e necessidades do grupo em geral e, numa vertente mais individualizada, a cada criança.

Em relação à prática investigativa, tornou-se pertinente estudar e pesquisar de que forma a relação instituição-família influencia o desenvolvimento da aprendizagem da criança, uma vez que, a evolução da criança, de forma saudável, depende de duas bases fundamentais, sendo estas, a escola e a família. Assim sendo, estas bases devem se unir como parceiras, trabalhando e ajudando-se mutuamente para o sucesso das crianças.

No que concerne às questões orientadoras do presente estudo, posso concluir que a importância da participação das famílias, no processo educativo, é de extrema importância para o desenvolvimento da aprendizagem das crianças, uma vez que estas se sentem mais apoiadas e motivadas, esforçam-se para obterem melhores resultados, com o intuito de agradarem os seus familiares, pois sabem que estes se interessam e valorizam o meio educativo. Nesta perspetiva, as crianças cujas famílias participam mais no seu processo educativo, são beneficiadas a vários

níveis, tanto a nível pessoal e social, como psicológico, contribuindo assim para o seu bem-estar e para um desenvolvimento com mais qualidade.

Relativamente à segunda questão, posso verificar que, de uma forma geral, existe colaboração entre as famílias e os docentes, é certo que há sempre famílias mais participativas do que outras, mas ainda assim, existe o cuidado de trabalharem em parceria, envolverem-se em atividades, bem como corresponderem aos objetivos pretendidos em cada faixa etária. No entanto, ainda, se verifica que as famílias, no geral, ficam sempre à espera de uma ação dos docentes, ou seja, não têm a iniciativa de contactar com os mesmos, com o intuito de saberem informações dos seus educandos. Neste sentido, cabe às docentes, bem como às instituições mostrarem-se mais recetivas para este envolvimento, transmitindo isso a todas as famílias, para que estas, também, sintam que pertencem à escola e a todo o processo educativo das crianças.

No que diz respeito à última questão, considerei crucial perceber quais são as principais dificuldades sentidas, pelas famílias, neste envolvimento, de maneira a entender quais as razões que levavam, atualmente, a não existir tanta participação, por parte das famílias. Assim sendo, pude concluir que, tanto as docentes como os familiares entrevistados, referem alguns dos mesmos entraves, sendo estes, a falta de tempo/interesse das famílias, bem como as suas prioridades ou até mesmo a sua formação académica. Contudo, após as leituras efetuadas, creio, também, que o pouco incentivo das instituições, para um maior envolvimento familiar, influencia a participação das famílias, no processo educativo das crianças.

Em modo de conclusão, o presente estudo contribuiu para a minha prática futura, enquanto educadora e professora do 1.º CEB, na medida em que constatei a importância do papel das famílias na vida educativa das crianças. Esta investigação ajudou-me a perceber, ainda mais, o quanto é importante a colaboração de todos, no processo educativo das crianças, pois assim conseguimos mais facilmente ajudá-las com os seus problemas, bem como a ultrapassar as suas dificuldades, do que se trabalharmos de forma individual. Para além disto, sinto-me bastante satisfeita com todo o meu percurso percorrido, contribuindo este para o meu crescimento, tanto a nível pessoal como profissional. Levo comigo uma enorme bagagem educativa para o meu futuro, tanto as aprendizagens que adquiri, como, ainda, algumas questões que com o seu tempo irão sendo esclarecidas. Assim, concluo que este foi um processo bastante enriquecedor, sendo que aproveitei cada momento ao máximo, ajudando cada criança a crescer e, essencialmente, a valorizar as pequenas coisas da vida.

Referências Bibliográficas

- Afonso, N. (1994). As famílias no novo modelo de gestão nas escolas. *Revista ESES* (5), 31-51.
- Afonso, N. (2005). *Investigação Naturalista em Educação: Um guia prático e crítico*. Porto: Edições ASA.
- Afonso, R. W. (2004). *Análise de integração de múltiplos formatos no software educativo multimédia*. Braga: Universidade do Minho. Instituto de Educação e Psicologia.
- Alves, J. M. & Leite, M. J. (2005). *Sucesso na escola: Um guia para os pais*. Coleção Saberes. Porto: Edições ASA.
- Amaral, C. (2011). *Adaptação das crianças em contexto de creche* (Dissertação de Mestrado). Escola Superior de Beja: Beja.
- Amaro, F. (2006). *Introdução à sociologia da família*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barradas, M. T. (2012). *Envolvimento parental e sucesso escolar: Estudo de caso* (Dissertação de Mestrado). Universidade Católica Portuguesa: Lisboa.
- Benavente, A. (1976). *A escola na sociedade de classes*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Bessa, N. & Fontaine, A. (2002). *Cooperar para aprender: Uma introdução à aprendizagem cooperativa*. Porto: Edições ASA.
- Caníço, H., Bairrada, P., Rodríguez, E. & Carvalho, A. (2010). *Novos tipos de família*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Cardona, M. J. (2006). *Educação de Infância. Formação e Desenvolvimento Profissional*. Chamusca: Edições Cosmos.
- Cardona, M. J., Piscalho, I., Uva, M., Luís, H. & Tavares, T. (2013). *Toddler Projeto Europeu: Por oportunidades para crianças desfavorecidas e com necessidades educativas especiais durante os primeiros anos de vida: O envolvimento parental no acolhimento das crianças como menos de 3 anos*. In Nuances: Estudos sobre Educação, v. 22, n.º 23.
- Carvalho, C. M. & Portugal, G. (2017). *Avaliação em creche: CRECHendo com qualidade*. Porto: Porto Editora.

- Carvalho, C. M., Boléo, M. L., Nunes, T. P. & Bispo Auxiliar de Lisboa. (2006). *Cooperação família-escola: Um estudo de situações de famílias imigrantes na sua relação com a escola*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas.
- Carvalho, A. A., Bastos, A. M. & Paz, A. (2004). *Os multimédia na aprendizagem: Da análise do software educativo às relações dos utilizadores*. Braga: Universidade do Minho. Instituto de Educação e Psicologia.
- Castro, T. G. & Rangel, M. (2004). Práticas educativas en la educación infantil: Transversalidad y transiciones. *Infância e Educação: Investigação e Práticas* (6), 135-144.
- Cavalcante, R. S. (1998). *Colaboração entre pais e escola: Educação abrangente*, v. 2, n.º 2, . Psicologia Escolar e Educacional.
- Coelho, A. S. (2017). Brincar e pedagogia em educação de infância. *Cadernos de Educação de Infância*, 117, 98-103.
- Cordeiro, M. (2012). *O livro da criança: Do 1 aos 5 anos* (6.ª ed.). Lisboa: A Esfera dos Livros.
- Correia, L. M. & Serrano, A. M. (2000). *Envolvimento parental em intervenção precoce: Das práticas centradas na criança às práticas centradas na família*, v. 2. Porto: Porto Editora.
- Craveiro, C. (2007). *Formação em contexto: Um estudo de caso no âmbito da pedagogia da infância*. Braga: Universidade do Minho.
- Craveiro, C. & Ferreira, I. (2007) A educação pré-escolar face aos desafios da sociedade do futuro. *Cadernos de Estudo*, 6. Porto: Publicação do Centro de Investigação Paula Frassinetti.
- Davies, D. (1989). *As escolas e as famílias em Portugal: Realidade e perspetivas*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Decreto-Lei n.º 46/1986 de 14 de outubro. *Diário da República n.º 237/86 - I Série*. Lei de Bases do Sistema Educativo. Lisboa: Ministério da Educação.
- Decreto-Lei n.º 51/2012 de 5 de setembro. *Diário da República n.º 172/12 - I Série*. Lei de Bases do Sistema Educativo. Lisboa: Ministério da Educação.
- Dias, M. O. (2000). A família numa sociedade em mudança: Problemas e influências. *Gestão e Desenvolvimento*, 9, 81-102. Viseu: Universidade Católica Portuguesa.
- Diogo, J. (1998). *Parceria escola-família: A caminho de uma educação participada*. Porto: Porto Editora.

- Epstein, J. (1990). School and family connections: Theory, research and implications for integrating sociologies of education and family. *Marriage and Family Review* (15), 99-126.
- Fernandes, D. (1991). Notas sobre os paradigmas da investigação em educação. *Revista Noesis* (18), 64-66.
- Fernández, S. R., Guzmán, A. G. & Núñez, C. A. (2011). *El éxito escolar: Como pueden contribuir las familias del alumnado?* Madrid: CEAPA.
- Folque, M. (2014). Reconstruindo a cultura em cooperação mediado pela pedagogia para a infância do Movimento da Escola Moderna Portuguesa. *Perspetiva Florianópolis*, 32(3), 951-975.
- Formosinho, J & Costa, H. (2011). Porque é que a sua é redonda e a minha é bicuda? In Oliveira-Formosinho, J & Gambôa, R. (2011). *O trabalho de projeto na pedagogia em pedagogia*. Porto: Porto Editora.
- Formosinho, J. & Machado, J. (2009). *Equipas educativas para uma nova organização da escola*. Porto: Porto Editora.
- Freire, P. (1997). *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Freitas, M. & Freitas, C. (2002). *Aprendizagem cooperativa*. Porto: Edições ASA.
- Gimeno, A. (2003). *A família: O desafio da diversidade*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Gohn, M. G. (2014). Educação não formal, aprendizagens e saberes em processos participativos. *Investigar em Educação: Educação Não Formal e Aprendizagens Informais*. Revista da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, II Série, Número 1, 35-50.
- Gomes, M. (2014). *Os modelos pedagógicos High/Scope e do Movimento da Escola Moderna: Propostas de pedagogia diferenciada*. Porto: EdiçõesEcopy.
- Hohmann, M., Banett, B. & Weikart, D. P. (1984). *A criança em ação* (4.^a ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Instituto Nacional de Estatística (2002). *Censos 2001: Resultados definitivos*. Lisboa: INE.
- Leitão, F. R. (2006). *Aprendizagem cooperativa e inclusão*. Lisboa: edição do autor.
- Lima, J. A. (2002). *Pais e professores: Um desafio à cooperação* (1.^a ed.). Lisboa: Edições ASA.

- Macedo, R. (1994). *A família diante das dificuldades escolares dos filhos*. Petrópolis: Vozes.
- Machado, F. S. (2013). *A gestão curricular em turmas com diferentes anos de escolaridade: Conceções e práticas pedagógicas dos professores do 1.º CEB* (Dissertação de Mestrado). Universidade do Minho: Braga.
- Marchão, A. (2002). Continuidade educativa nas 1.ªs etapas da Educação Básica (Educação de Infância e 1.º Ciclo). *Revista Aprender* (26). Portalegre: Escola Superior de Educação de Portalegre.
- Marques, R. (1991). *A direção de turma: Integração escolar e ligação no meio*. Lisboa: Texto Editora.
- Marques, R. (1993). *A escola e os pais: Como colaborar?* (4.ª ed.). Lisboa: Texto Editora.
- Marques, R. (2001). *Educar com os pais*. Lisboa: Editorial Presença.
- Martins, A. M. (1993). Insucesso escolar e apoio socioeducativo. *Cadernos de Análise Sócio Organizacional da Educação*, 9-24. Aveiro.
- Matos, M. (2012). Reuniões de pais e trabalho com famílias. *Cadernos de Educação de Infância*, 97, 47-50. Lisboa: Associação de Profissionais de Educadores de Infância.
- Máximo-Esteves, L. (2008). *Visão panorâmica da investigação-ação*. Porto: Porto Editora.
- Mendonça, A. (2009). *O insucesso escolar: Políticas e práticas sociais*. Lisboa: Edições Pedago.
- Ministério da Educação / Silva, I. L., Marques, L., Mata, L. & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação - Departamento de Educação Básica.
- Ministério da Educação. (2004). *Organização Curricular e Programas do Ensino Básico - 1.º Ciclo*. Lisboa: Ministério da Educação - Departamento da Educação Básica.
- Ministério da Educação. (2013). *Educação para a Cidadania - Linhas Orientadoras*. Lisboa: Ministério da Educação - Direção Geral de Educação.
- Nunes, T. P. (2004). *Colaboração escola-família para uma escola culturalmente heterogénea*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas.
- Parente, C. (2012). *Observar e escutar na creche: Para aprender sobre a criança*. Braga: Confederação Nacional das Instituições de Solidariedade.
- Peretz, H. (2000). *Métodos em sociologia, temas e debates: Atividades*. Lisboa: Editoriais Lda.

- Portugal, G. (1998). *Crianças, famílias e creches: Uma abordagem ecológica da adaptação do bebé à creche*. Porto: Porto editora.
- Portugal, G. (2000). Educação de bebés em creche: Perspetivas de formação teóricas e práticas. *Infância e Educação: Investigação e Práticas, 1*, 85-106.
- Portugal, G. (2012). *Finalidades e práticas educativas em creche: Das relações, atividades e organização dos espaços ao currículo na creche*. Porto: Confederação Nacional das Instituições de Solidariedade.
- Rocha, H. M. (2006). *O envolvimento parental e a relação escola-família* (Dissertação de Mestrado. Universidade de Aveiro: Aveiro.
- Sarmiento, T. (2009). *As crianças e a cidadania: Abordagens participativas em projetos educativos*. In T. Sarmiento, F. I. Ferreira, P. Silva, & R. Madeira, *Infância, família e comunidade: As crianças como atores sociais*, 43-68. Porto: Porto Editora.
- Silva, P. (2003). *Escola-família, uma relação armadilhada: Interculturalidade e relações de poder*. Porto: Edições Afrontamento.
- Sousa, M. & Sarmiento, T. (2010). *Escola-família-comunidade: Uma relação para o sucesso educativo*. *Gestão e Desenvolvimento*, 141-156.
- Tavares, J. & Alarcão, I. (1992). *Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Tavares, J. & Alarcão, I. (2005). *Psicologia do desenvolvimento e aprendizagem* (5.^a ed.). Coimbra: Livraria Almedina.
- Tuckman, B. (2005). *Manual de investigação em educação: Como conceber e realizar o processo de investigação* (3.^a ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Villas-Boas, M. A. (2001). *Escola e família: Uma relação produtiva de aprendizagem em sociedades multiculturais*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Wells, A. (1988). *The parents' place: Right in the school*. The New York Times - Educational Life.

Anexos

Anexo I - Teia do Projeto “Brincar e sentir”, implementado em contexto de Creche

<p>O que as crianças podem aprender:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Conhecer diferentes materiais, bem como as sensações que estes lhes causam; - Criar oportunidades de exploração do mundo que as rodeia; - Proporcionar momentos de brincadeira e exploração livre de materiais. 	<p>Estratégias a serem desenvolvidas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Criar autonomia nas crianças de forma a que estas consigam tomar decisões; - Promover a interação do grupo para que este desenvolva a capacidade de interajuda e cooperação; - Desenvolver atividades que promovam o desenvolvimento motor das crianças, utilizando a motricidade. 	<p>Como iniciar:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Conhecer as capacidades do grupo, de forma a aplicar atividades adaptadas às mesmas; - Realizar atividades relacionadas com o projeto educativo da sala, articulando com os temas trabalhos até então pela educadora titular. 	<p>Recursos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Histórias e músicas infantis; - Fantoches; - “Lençol Mágico”; - Materiais sensoriais; - Mobiles.
<p>Conexões com outras matérias e saberes:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Formação Pessoal e Social; - Expressão Corporal/Motora; - Expressão Dramática; - Expressão Musical; - Comunicação Oral; - Conhecimento do Mundo. 	<p>Tema: “Brincar e sentir”</p>		<p>Apresentação final:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Divulgação dos trabalhos em <i>placard</i>; - Exposição de fotografias das atividades realizadas.
<p>Atividades para todo o grupo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Dramatização de histórias; - Desenho coletivo; - Uso do “Lençol Mágico”. 	<p>Atividades em grupo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Atividades sensoriais; - Exploração livre ou orientada de materiais educativos. 	<p>Atividades individuais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Atividades sensoriais. 	<p>Avaliação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Observação direta; - Registo fotográfico.

Anexo II - Planificação da Atividade “Massa de Modelar”

Nome da Atividade	Áreas de Conteúdo	Objetivos	Estratégias/Atividade	Recursos Materiais	Avaliação	Duração
“Massa de Modelar”	Expressão Corporal/Motora	<ul style="list-style-type: none"> - Explorar livremente e manusear diversas texturas e materiais; - Fortalecer a sensorialidade; - Desenvolver a motricidade fina. 	<ul style="list-style-type: none"> - Esta atividade inicia-se no período da manhã, sendo que, primeiramente, faz-se uma roda, com o grupo de crianças, no chão da sala; - De seguida, distribui-se por cada uma das crianças um pouco de farinha para que estas a explorem livremente; - Após a exploração livre, dá-se início à confeção da massa propriamente dita de maneira a que todo o grupo consiga observar. Coloca-se então farinha num alguidar e junta-se água até que a massa fique consistente para que seja possível dividi-la por cada uma das crianças; - Para finalizar, cada uma destas terá a oportunidade de explorar livremente a massa de modelar como desejar. 	<ul style="list-style-type: none"> - Água; - Farinha. 	<p style="text-align: center;">Observação direta:</p> <p><u>Observar se as crianças...</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - exploram os materiais; - utilizam o tato; - demonstram gosto e diversão ao longo da atividade. <p style="text-align: center;">Registo fotográfico:</p> <ul style="list-style-type: none"> - apresentar o trabalho realizado. 	20 minutos

Anexo III - Fotografias da Atividade “Massa de Modelar”



Anexo IV - Planificação da Atividade “Os Balões Sonoros”

Nome da Atividade	Áreas de Conteúdo	Objetivos	Estratégias/Atividade	Recursos Materiais	Avaliação	Duração
“Os Balões Sonoros”	Expressão Corporal/Motora	<ul style="list-style-type: none"> - Criar momentos de exploração livre e de descoberta; - Desenvolver a motricidade grossa; - Explorar diferentes sons. 	<ul style="list-style-type: none"> - Esta atividade inicia-se no período da manhã, começando-se então por sentar as crianças no tapete; - Posteriormente, será apresentado um balão vazio, de modo a que seja cheio diante do grupo para que este pudesse ver e explorar, enquanto será cantada a música d’“O Balão do João”; 	<ul style="list-style-type: none"> - Fitas de cetim; - Balões; - Água; - Arroz; - Bolinhas de esferovite coloridas; - Guizos; - Massas; - Missangas; - Papel colorido. 	<p>Observação direta: <u>Observar se as crianças...</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - exploram os balões com prazer. <p>Registo fotográfico:</p> <ul style="list-style-type: none"> - apresentar o trabalho realizado. 	20 minutos
	Formação Pessoal e Social	<ul style="list-style-type: none"> - Promover a cooperação e a partilha. 	<ul style="list-style-type: none"> - De seguida, serão mostrados os balões sonoros com os diversos materiais no interior, estes serão agitados para que cada criança consiga ouvir cada som; - Para finalizar, os balões sonoros serão pendurados ao longo do meio da sala, para que as crianças consigam explorar livremente, existindo, ao longo de todo o momento, interação adulto-criança. 			

Anexo V - Fotografias da Atividade “Os Balões Sonoros”



Anexo VI - Teia do Projeto “A primavera”, implementado em contexto de Pré-Escolar

<p>O que as crianças podem aprender:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Identificar características distintas dos seres vivos e identificar diferenças e semelhanças entre: animais e plantas; - Manifestar comportamentos de preocupação com a conservação da natureza e respeito pelo ambiente. 	<p>Estratégias a serem desenvolvidas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Trabalho individual, a pares e em pequenos grupos; - Proporcionar o questionamento sobre os novos conhecimentos; - Estimular o interesse e a curiosidades da criança pelo meio que a rodeia; - Realizar experiências científicas; - Aceder sempre às ideias prévias das crianças através do diálogo. 	<p>Como iniciar:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Partir dos interesses e motivações das crianças; - Dar início a atividades tendo por base as conceções prévias das crianças. 	<p>Recursos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Livros de histórias infantis sobre cada temática; - Materiais de desperdício; - Materiais e ingredientes culinários; - Materiais de laboratório (tubos de ensaio e suporte); - Materiais naturais (plantas e sementes).
<p>Conexões com outras matérias e saberes:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Área de Formação Pessoal e Social - Área de Expressão e Comunicação - Área do Conhecimento do Mundo 	<p>Tema: “A primavera”</p>		<p>Apresentação final:</p> <ul style="list-style-type: none"> - “O Grande Livro da Primavera”, realizado ao longo da prática; - Vídeo com fotografias de todas as atividades implementadas.
<p>Atividades para todo o grupo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Conversas de explicitação; - Construção de poemas; - Escutar a contagem de histórias; - Realização de um desenho coletivo; - Elaboração do ramo da espiga; - Confeção de biscoitos; 	<p>Atividades em grupo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Construção do livro; - Germinação do feijão. 	<p>Atividades individuais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Desenho da família; - Estampagem do coração; - Modelagem de biscoitos; - Construção de uma borboleta e de uma abelha; - Estampagem de uma flor. 	<p>Avaliação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Observação direta; - Registo escrito; - Registo fotográfico; - Construção do livro; - Diálogo final com o grupo.

<ul style="list-style-type: none">- Canções alusivas a cada temática;- Experiência científica.			
---	--	--	--

Anexo VII - Planificação da Atividade “O Som das Cores”

Nome da Atividade	Áreas de Conteúdo	Objetivos	Estratégias/Atividade	Recursos Materiais	Avaliação	Duração
“O Som das Cores”	<p style="text-align: center;">Área de Expressão e Comunicação <u>Linguagem Oral e Abordagem à Escrita</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Ouvir atentamente a história, mostrando prazer e satisfação; - Usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar de modo adequado à situação. 	<ul style="list-style-type: none"> - Esta atividade inicia-se no período da manhã, começando-se então por sentar todas as crianças, em conjunto com os alunos do primeiro ano do 1.º CEB, de modo a que todos consigam observar todo o cenário; - De seguida, far-se-á uma pequena dramatização do teatro da história “O Som das Cores”, de Paula Teixeira, com recurso aos diversos elementos cénicos alusivos à mesma; 	<ul style="list-style-type: none"> - Livro da história; - Elementos cénicos; - Papel cenário; - Tintas; - Flor (lírio); - Computador; - CD. 	<p style="text-align: center;">Observação direta: <u>Observar se as crianças...</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - respeitam a intervenção de cada uma delas; - ilustram a história apresentada; - cantam a música. <p style="text-align: center;">Conversa com as crianças:</p> <ul style="list-style-type: none"> - compreender se identificam e percebem os acontecimentos da história. <p style="text-align: center;">Registo fotográfico:</p> <ul style="list-style-type: none"> - apresentar o trabalho realizado. 	45 minutos
	<p style="text-align: center;">Área de Formação Pessoal e Social</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Esperar pela sua vez na intervenção nos diálogos, dando oportunidade aos outros para intervirem; - Expressar opiniões, preferências e apreciações críticas, indicando algumas razões que as justificam; - Colaborar em atividades de pequeno grupo, colaborando 	<ul style="list-style-type: none"> - No final da apresentação da história, existirá uma conversa com as crianças acerca de tudo o que observaram, bem como as eventuais dúvidas que possam surgir; - Posteriormente, irá ser colocado um papel cenário, no exterior da sala, para que, um par de cada vez, desenhe algo que esteja representado na história, ao seu gosto, com o intuito de fazerem um desenho coletivo alusivo à história; - Para finalizar, irá ser apresentada uma flor presente na história, o lírio, como forma de introduzir o presente projeto. Assim sendo, irá ser refletido com todo 			

		em todo o processo e na elaboração do produto final.	o grupo acerca das flores que possam conhecer, bem como alguns fenómenos relacionados com a primavera;			
	Área do Conhecimento do Mundo <u>Abordagem às Ciências</u>	- Compreender e identificar características das flores; - Identificar, descrever e procurar explicações para fenómenos e transformações que observa no meio físico e natural.	- Como complemento da atividade, será apresentado um vídeo com uma música alusiva à história, com o objetivo de as crianças ficarem a conhecer, bem como os gestos a ela associados.			
	Área de Expressão e Comunicação <u>Educação Artística</u>	- Introduzir, nas suas produções plásticas, elementos visuais de modo intencional, para ilustrar histórias; - Cantar canções com controlo progressivo da melodia, da estrutura rítmica e da respiração.				

Anexo VIII - Materiais da Atividade “O Som das Cores”

- Livro da história “O Som das Cores”:



Autora: Paula Teixeira

Ilustração: Rita Correia

Editora: Plátano Editora, S.A.

Coleção: Mãos de Encantar

- Refrão da música “O Som das Cores”:

A cor vermelha com o som do coração
O laranja a seguir que é crocante e tão docinho
O amarelo que é tão bom e tão quentinho
O verde é a cor das gargalhadas
O azul com cor de vento e som de mar
O anil é perfumado com flores a cantar
O violeta é cor de sonho e do luar

Anexo IX - Fotografias da Atividade “O Som das Cores”



Anexo X - Planificação da Atividade “O Ciclo do Mel”

Nome da Atividade	Áreas de Conteúdo	Objetivos	Estratégias/Atividade	Recursos Materiais	Avaliação	Duração
“O Ciclo do Mel”	<p style="text-align: center;">Área de Expressão e Comunicação <u>Linguagem Oral e Abordagem à Escrita</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Ouvir atentamente a história, mostrando prazer e satisfação; - Usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar de modo adequado à situação. 	<ul style="list-style-type: none"> - Esta atividade inicia-se no período da manhã, começando-se então por sentar as crianças no tapete; - De seguida, contar-se-á para todo o grupo, a história “Ciclo do Mel”, de Cristina Quental e Mariana Magalhães, com o intuito de ser introduzido mais um inseto típico da primavera, a abelha, bem como algumas características e o seu modo de vida para, posteriormente, ser abordado o ciclo do mel; 	<ul style="list-style-type: none"> - Livro da história; - Balança; - Receita dos biscoitos de mel e respetivos ingredientes. 	<p style="text-align: center;">Observação direta: <u>Observar se as crianças...</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - estão atentas à leitura da história; - reconhecem a função da balança; - seguem a receita. <p style="text-align: center;">Conversa com as crianças:</p> <ul style="list-style-type: none"> - compreender se identificam e percebem os acontecimentos da história. <p style="text-align: center;">Registo fotográfico:</p> <ul style="list-style-type: none"> - apresentar o trabalho realizado. 	45 minutos
	<p style="text-align: center;">Área de Formação Pessoal e Social</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Esperar pela sua vez na intervenção nos diálogos, dando oportunidade aos outros para intervirem; - Expressar opiniões, preferências e apreciações críticas, indicando algumas razões que as justificam. 	<ul style="list-style-type: none"> - Após a leitura da história, será feita uma reflexão acerca da mesma, mais precisamente acerca do ciclo do mel, sendo este o tema principal da história; - Posteriormente, serão confeccionados biscoitos de mel, sendo que irá existir a receita, bem como uma balança e os respetivos ingredientes, para que, à medida que esta será lida, cada criança, na sua vez, pese a quantidade certa do ingrediente e coloque no recipiente; - Para finalizar, todas as crianças terão a oportunidade de mexer na massa e fazer a forma do seu próprio biscoito. Poderão ainda provar o mel. 			

	<p>Área do Conhecimento do Mundo <u>Abordagem às</u> <u>Ciências</u></p>	<p>- Compreender e identificar características distintas dos animais.</p>				
	<p>Área de Expressão e Comunicação <u>Matemática</u></p>	<p>- Usar unidades de medida para responder a necessidades e questões do quotidiano.</p>				

Anexo XI - Materiais da Atividade “O Ciclo do Mel”

- Livro da história “Ciclo do Mel”:



Autoras: Cristina Quental e Mariana Magalhães

Ilustração: Sandra Serra

Editor: Edições Gailivro

Coleção: Onde Vamos Hoje

- Receita dos biscoitos de mel:

250g de farinha com fermento

100g de açúcar

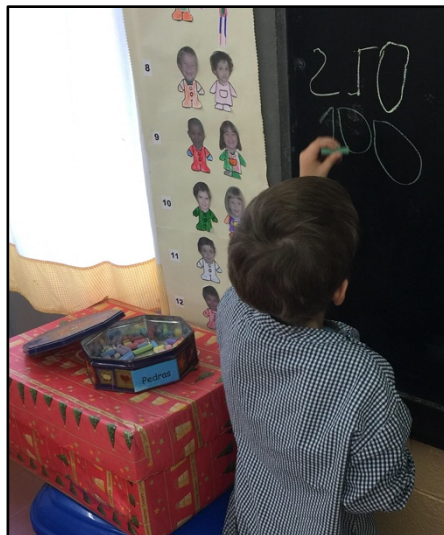
2 ovos

80g de manteiga

2 colheres de mel

Misturar todos os ingredientes e... mãos na massa!

Anexo XII - Fotografias da Atividade “O Ciclo do Mel”



Anexo XIII - Teia do Projeto “Aceita a diferença”, implementado em contexto de 1.º CEB (1.º/2.º anos)

<p>O que as crianças podem aprender:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Pretender que a criança seja capaz de assumir atitudes de compreensão e de respeito pelas diferenças que caracterizam a diversidade humana e pelas suas expressões. 	<p>Estratégias a serem desenvolvidas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Trabalho individual, a pares e em pequenos grupos; - Utilizar recursos didáticos na introdução de novas temáticas; - Introduzir conteúdos através de canções; - Interagir e refletir durante o conto de histórias. 	<p>Como iniciar:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Partir das conceções prévias dos alunos para iniciar um novo conteúdo; - Dar início a atividades através da leitura de histórias. 	<p>Recursos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Livros de histórias infantis sobre cada temática; - Manuais escolares; - Plataforma “Aula Digital”; - Materiais de laboratório, de expressão plástica e de ginásio.
<p>Conexões com outras matérias e saberes:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Português; - Matemática; - Estudo do Meio; - Expressões Artísticas; - Cidadania e Desenvolvimento. 	<p>Tema: “Aceita a diferença”</p>		<p>Apresentação final:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Apresentação das atividades implementadas ao longo da prática, em formato <i>PowerPoint</i>; - Exposição de <i>placards</i> informativos nas paredes da sala.
<p>Atividades para todo o grupo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Conversa de explicitação; - Introdução de temas incluídos no Programa e Metas Curriculares do 1.º CEB. 	<p>Atividades em grupo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Atividades experimentais; - Atividades de Expressões Artísticas; - Atividades de Cidadania e Desenvolvimento. 	<p>Atividades individuais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Questionamentos; - Resoluções de exercícios no manual/livro de fichas; - Fichas de trabalho. 	<p>Avaliação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Observação direta; - Registo escrito; - Registo fotográfico; - Diálogo final com o grupo.

Anexo XIV - Planificação da Atividade “A Minha Família”

Nome da Atividade	Áreas de Conteúdo	Objetivos	Estratégias/Atividade	Recursos Materiais	Avaliação	Duração
“A Minha Família”	<p>Estudo do Meio <u>Bloco 2 - À</u> <u>Descoberta dos</u> <u>Outros e das</u> <u>Instituições</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Estabelecer relações de parentesco (pai, mãe, irmãos e avós); - Representar a sua família (pinturas, desenhos, ...). 	<ul style="list-style-type: none"> - Esta atividade irá ser implementada no período da aula de Estudo do Meio, com o objetivo de ser abordado o tema referente à família; - Assim sendo, a professora estagiária, começará por abordar o respetivo tema através da leitura da história “O Livro da Família”, de <i>Todd Parr</i>; - Após a leitura da história, existirá uma discussão acerca da mesma, bem como uma conversa de reflexão acerca das famílias do presente grupo, abordando aspetos mencionados e salientando as diferenças existentes; - Para finalizar, será pedido a todas as crianças que façam uma representação, em desenho, da árvore genealógica da sua própria família, sendo que podem representar os elementos familiares que desejarem. 	<ul style="list-style-type: none"> - Livro da história; - Folhas de papel branco; - Materiais de desenho e pintura. 	<p>Observação direta: <u>Observar se as crianças...</u> - conseguem relacionar os graus de parentesco e representar a sua família.</p> <p>Conversa com as crianças: - compreender se reconhecem as diferentes famílias e respeitam a diferença entre as mesmas.</p> <p>Registo fotográfico: - apresentar o trabalho realizado.</p>	90 minutos
	<p>Cidadania e Desenvolvimento</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer diferentes tipos de família; - Respeitar a diferença entre famílias; - Mobilizar a aceitação da diferença para outros contextos. 				

Anexo XV - Materiais da Atividade “A Minha Família”

- Livro da história “O Livro da Família”:



Autor: Todd Parr

Editor: Edições Gailivro

Anexo XVI - Planificação da Atividade “Sentir Diferente”

Nome da Atividade	Áreas de Conteúdo	Objetivos	Estratégias/Atividade	Recursos Materiais	Avaliação	Duração
“Sentir Diferente”	Estudo do Meio <u>Bloco 1 - À</u> <u>Descoberta de Si</u> <u>Mesmo</u>	- Distinguir objetos pela textura e forma.	<p>- Esta atividade irá consistir em três momentos diferenciados;</p> <p>- No primeiro momento, realizar-se-á uma atividade experimental, ao nível da área do Estudo do Meio, sendo que o principal objetivo será identificar os vários objetos sem os ver;</p> <p>- Assim sendo, a turma irá ser dividida em três grupos, sendo que cada um destes terá um saco de pano com os diversos materiais lá dentro, para que cada aluno, na sua vez, tente adivinhar qual o objeto que está a tocar, acabando por mencionar algumas características do mesmo;</p> <p>- Após a concretização da experiência, cada aluno irá preencher uma ficha de registo acerca da mesma, como forma de consolidação do que será abordado;</p> <p>- Para finalizar, existirá uma conversa de reflexão acerca de toda a atividade.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Ficha de registo; - Saco de pano; - Lápis; - Colher; - Afia; - Botões; - Plasticina; - Borracha; - Rolha; - Lã; - Imagens impressas e plastificadas com ações; - Lenços de pano. 	<p>Observação direta:</p> <p><u>Observar se as crianças...</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - identificam e caracterizam determinados objetos apenas com o toque; - mimam corretamente as ações; - têm confiança no outro, bem como espírito de entreatajuda e colaboração entre pares. 	90 minutos (dois períodos)
	Expressão Artística <u>Dramática</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Reagir espontaneamente, por gestos/movimentos a ilustrações, atitudes e gestos; - Orientar-se no espaço a partir de referências auditivas e táteis; - Deslocar-se em coordenação com um par. 				

	<p>Cidadania e Desenvolvimento</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Transmitir valores de cidadania (aceitação da diferença); - Adequar comportamentos em contexto de cooperação; - Interagir com tolerância, empatia e responsabilidade. 	<ul style="list-style-type: none"> - No segundo momento, como forma de articulação com a experiência ao nível da área de Estudo do Meio, os alunos terão a oportunidade de realizar uma atividade de Expressão Dramática; - Assim sendo, irá existir, dentro de um saco de pano, diversas imagens com representações de ações, relativas aos sentidos, sendo que, cada aluno, terá de tirar uma para a mimar adequadamente, para os restantes alunos, com o intuito destes adivinharem o que se estará a representar; - Posto isto, o primeiro aluno que responder corretamente, terá de dizer qual dos sentidos está associado à ação representada, e ainda o respetivo órgão do corpo humano; - Para finalizar, existirá uma conversa de reflexão acerca de toda a atividade. <hr/> <ul style="list-style-type: none"> - No último momento, como forma de conclusão deste conjunto de atividades, irá ser realizado um exercício a pares, em que um dos alunos encontrar-se-á de olhos vendados, sendo que terá de ser guiado pelo outro colega, seguindo as indicações do mesmo; - Para finalizar, existirá uma conversa de reflexão acerca de toda a atividade. 		<p>Conversa com as crianças:</p> <ul style="list-style-type: none"> - compreender qual a reflexão do grupo acerca da diferença. <p>Ficha de registo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - perceber se os conteúdos são consolidados. <p>Registo fotográfico:</p> <ul style="list-style-type: none"> - apresentar o trabalho realizado. 	
--	------------------------------------	---	---	--	--	--

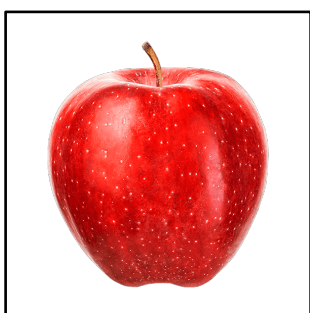
Anexo XVII - Materiais da Atividade “Sentir Diferente”

- Ficha de registo relativa à atividade experimental de Estudo do Meio:

Nome: _____

Data: _____

Seleciona com **X** os objetos em que tocaste:



Podia a característica correta de acordo com cada um dos objetos que tocaste:



fino / grosso



fria / quente



duro / macio



grande / pequenos



leve / pesada



dobra / não dobra

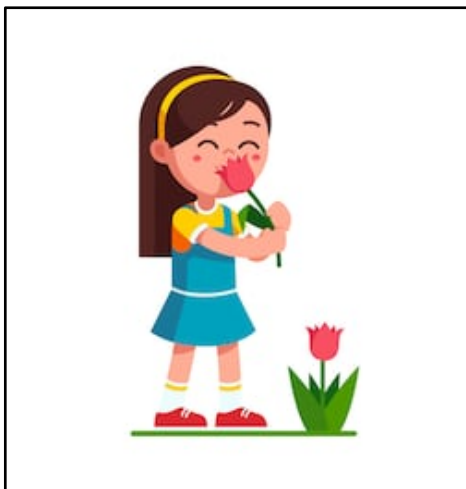


rugosa / lisa



macia / dura

- Imagens com representações de ações relativas aos sentidos:





Anexo XVIII - Teia do Projeto “Juntos chegamos mais longe”, implementado em contexto de 1.º CEB (3.º ano)

<p>O que as crianças podem aprender:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Identificar e reconhecer a importância de normas e regras de boa convivência social e de respeito mútuo; - Aprender a partilhar objetos e ideias; - Identificar diferentes pontos de vista; - Reconhecer a importância da capacidade de argumentar e debater as suas ideias e as dos outros; - Entender e colocar-se na perspetiva do outro, expressando sentimentos. 	<p>Estratégias a serem desenvolvidas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Trabalho individual, a pares e em pequenos grupos; - Realizar atividades tecnológicas em pequenos grupos; - Proporcionar o contacto com materiais tecnológicos em pequenos grupos; - Criar debates, em grande grupo, no final de cada aula, refletindo acerca dos conteúdos abordados. 	<p>Como iniciar:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Partir das dificuldades do grupo; - Realizar atividades no exterior como incentivo à aprendizagem. 	<p>Recursos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Manuais escolares; - Plataforma “Escola Virtual”; - Plataforma “Aula Digital” - Livros de histórias infantis sobre cada temática; - Materiais de laboratório, de expressão plástica e de ginásio.
<p>Conexões com outras matérias e saberes:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Português; - Matemática; - Estudo do Meio; - Expressões Artísticas; - Cidadania e Desenvolvimento. 	<p>Tema:</p> <p>“Juntos chegamos mais longe”</p>		<p>Apresentação final:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Conversas de reflexão no final de cada atividade.
<p>Atividades para todo o grupo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Conversa de explicitação; - Introdução de temas incluídos no Programa e Metas Curriculares do 1.º CEB. 	<p>Atividades em grupo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Atividades no exterior; - Atividades de Expressões Artísticas; - Atividades experimentais; 	<p>Atividades individuais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Questionamentos; - Resoluções de exercícios no manual/livro de fichas; - Fichas de trabalho. 	<p>Avaliação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Observação direta; - Registo escrito; - Registo fotográfico; - Diálogo final com o grupo.

	<ul style="list-style-type: none">- Jogo na plataforma <i>online</i> (“<i>Kahoot!</i>”);- Trabalhos de pesquisa na <i>internet</i>, recorrendo aos computadores.		
--	---	--	--

Anexo XIX - Planificação da Atividade “Vamos Medir e Calcular Perímetros”

Nome da Atividade	Áreas de Conteúdo	Objetivos	Estratégias/Atividade	Recursos Materiais	Avaliação	Duração
“Vamos Medir e Calcular Perímetros”	Matemática <u>Geometria e Medida</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Medir comprimentos; - Relacionar as diferentes unidades de medida de comprimento do sistema métrico; - Medir distâncias utilizando as unidades do sistema métrico. 	<p>- Esta atividade irá ser realizada como forma de consolidação de um conteúdo introduzido, o perímetro;</p> <p>- Assim sendo, após o intervalo, serão distribuídos os manuais de Matemática, para uma posterior revisão da temática abordada;</p> <p>- Depois da revisão feita, bem como do esclarecimento de eventuais dúvidas, será explicada a atividade em questão para, posteriormente, a turma dividir-se em quatro grupos, sendo que, cada um destes, terá uma ficha de registo e uma fita métrica;</p> <p>- A presente atividade será realizada no exterior da sala de aula. Assim sendo, já no exterior, cada grupo, terá de ir para o local onde a sua ficha de registo indica, uma vez que têm de calcular o perímetro dos objetos reais indicados, bem como as suas respetivas medições, criando uma relação entre os conceitos matemáticos abordados;</p> <p>- Após todos os grupos terem realizado</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Fita Métrica; - Ficha de registo; - Lápis; - Borracha. 	<p>Observação direta: <u>Observar se as crianças...</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - fazem corretamente medições de figuras; - calculam corretamente o perímetro de figuras; - têm organização na repartição de tarefas; - respeitam as opiniões do grupo. <p>Conversa com as crianças:</p> <ul style="list-style-type: none"> - compreender o raciocínio de cada exercício. 	90 minutos
	Cidadania e Desenvolvimento	<ul style="list-style-type: none"> - Colaborar e trabalhar em grupo; - Escutar, compreender e respeitar as perspetivas de outros. 				

			<p>todas as medições, bem como todos os cálculos e o preenchimento do guião, voltar-se-á para a sala de aula, para ser dado início à discussão acerca de todos os resultados obtidos.</p>		<p>Ficha de registo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - perceber se os conteúdos são consolidados. <p>Registo fotográfico:</p> <ul style="list-style-type: none"> - apresentar o trabalho realizado. 	
--	--	--	---	--	--	--

Anexo XX - Materiais da Atividade “Vamos Medir e Calcular Perímetros”

- Fichas de registo relativas aos perímetros a serem calculados:

Grupo 1

Perímetro no recreio

Hoje temos uma aula diferente! Vamos medir perímetros no recreio.

1. Mede o perímetro do campo de futebol.

Comprimento:

Largura:

Perímetro:

R.: _____

2. Mede o perímetro do quadrado axadrezado.

Lado:

Perímetro:

R.: _____

3. Mede o perímetro do tampo de um dos bancos de cimento.

Largura:

Comprimento:

Perímetro:

R.: _____

4. Mede o perímetro do canteiro que está mais perto do escorrega.

Lado:

Perímetro:

R.: _____

Grupo 2

Perímetro no recreio

Hoje temos uma aula diferente! Vamos medir perímetros no recreio.

1. Mede o perímetro do quadrado axadrezado.

Lado:

Perímetro:

R.: _____

2. Mede o perímetro do tampo de um dos bancos de cimento.

Largura:

Comprimento:

Perímetro:

R.: _____

3. Mede o perímetro do canteiro que está mais perto do escorrega.

Lado:

Perímetro:

R.: _____

4. Mede o perímetro do campo de futebol.

Comprimento:

Largura:

Perímetro:

R.: _____

Grupo 3

Perímetro no recreio

Hoje temos uma aula diferente! Vamos medir perímetros no recreio.

1. Mede o perímetro do tampo de um dos bancos de cimento.

Largura:

Comprimento:

Perímetro:

R.: _____

2. Mede o perímetro do canteiro que está mais perto do escorrega.

Lado:

Perímetro:

R.: _____

3. Mede o perímetro do campo de futebol.

Comprimento:

Largura:

Perímetro:

R.: _____

4. Mede o perímetro do quadrado axadrezado.

Lado:

Perímetro:

R.: _____

Grupo 4

Perímetro no recreio

Hoje temos uma aula diferente! Vamos medir perímetros no recreio.

1. Mede o perímetro do canteiro que está mais perto do escorrega.

Lado:

Perímetro:

R.: _____

2. Mede o perímetro do campo de futebol.

Comprimento:

Largura:

Perímetro:

R.: _____

3. Mede o perímetro do quadrado axadrezado.

Lado:

Perímetro:

R.: _____

4. Mede o perímetro do tampo de um dos bancos de cimento.

Largura:

Comprimento:

Perímetro:

R.: _____

Anexo XXI - Fotografias da Atividade “Vamos Medir e Calcular Perímetros”



Anexo XXII - Planificação da Atividade “Vamos Relembrar o que já Aprendemos”

Nome da Atividade	Áreas de Conteúdo	Objetivos	Estratégias/Atividade	Recursos Materiais	Avaliação	Duração
“Vamos Relembrar o que já Aprendemos”	Português <u>Gramática</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Classificar palavras quanto ao número de sílabas e quanto à posição da sílaba tónica; - Identificar os tipos de frase; - Identificar pronomes pessoais; - Identificar adjetivos qualificativos e a sua concordância; - Conjuguar verbos regulares e irregulares; - Identificar os diferentes tipos de determinantes (artigos, possessivos e demonstrativos); - Expandir e reduzir frases; - Identificar afixos de uso mais frequente. 	<ul style="list-style-type: none"> - Esta atividade irá ser realizada como forma de consolidação dos conteúdos gramaticais trabalhados até então e, por sua vez, irá também ser uma forma de revisão para a ficha de avaliação; - Assim sendo, no segundo período da manhã, far-se-á uma revisão acerca dos conteúdos gramaticais já abordados; - Após a revisão de todas as temáticas, a turma será dividida em quatro grupos, sendo que cada grupo terá um <i>tablet</i>; - De seguida, irá ser explicado o jogo. Como forma de diferenciar esta prática, a atividade será realizada com recurso às tecnologias, uma vez que consistirá na aplicação de um <i>quiz</i>, elaborado numa plataforma <i>online</i>, o “<i>Kahoot!</i>”. Este <i>quiz</i> será composto por questões relacionadas com todos os conteúdos gramaticais já abordados, de forma a serem relembrados; - Ao longo desta atividade serão feitas paragens, sempre que necessário, com o intuito de discutir os conteúdos, bem como esclarecer eventuais dúvidas que possam surgir; 	<ul style="list-style-type: none"> - Computador; - Quadro interativo; - <i>Tablets</i>; - Plataforma <i>online</i> “<i>Kahoot!</i>”; - Quadro de giz. 	<p>Observação direta: <u>Observar se as crianças...</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - identificam e relacionam os diversos conteúdos gramaticais, respondendo corretamente ao <i>quiz</i>; - cooperam entre si, enquanto grupo, respeitando-se. <p>Conversa com as crianças: - compreender se os conteúdos são consolidados.</p> <p>Registo fotográfico: - apresentar o trabalho realizado.</p>	60 minutos

	Cidadania e Desenvolvimento	<ul style="list-style-type: none"> - Colaborar e trabalhar em grupo; - Escutar, compreender e respeitar as perspetivas de outros. 	<ul style="list-style-type: none"> - Para concluir, será feita uma reflexão acerca da atividade realizada, de modo a verificar as aprendizagens adquiridas, bem como os conteúdos que os alunos terão mais dúvidas, sendo que será feita uma revisão mais aprofundada desses mesmos conteúdos, no quadro de giz. 			
--	-----------------------------	---	---	--	--	--

Anexo XXIII - Materiais da Atividade “Vamos Relembrar o que já Aprendemos”

- Jogo do “Kahoot!” relativo às revisões de gramática de Português:

Kahoot! Home Discover Kahoots Reports Upgrade now Create

Questions (12) Show answers

1 - Quiz
A palavra "agricultura" é uma palavra...

2 - Quiz
Classifica quanto ao número de sílabas: "dinheiro"

3 - Quiz
"Como está o tempo hoje?" é uma frase do tipo

4 - Quiz
Qual o grau aumentativo da palavra "cão"?

Gramática
1 favorite 6 plays 14 players
Play

A public kahoot
Revisões de gramática
Turma4
Created 10 months ago

6 - Quiz
Na frase "Ontem vi um rebanho parado no meio da estrada", a palavra "rebanho" é...

Um verbo ✗

Um nome comum ✗

Um adjetivo ✗

Um nome coletivo ✓

1 - Quiz
A palavra "agricultura" é uma palavra...

Aguda ✗

Grave ✓

Esdrúxula ✗

Nenhuma das anteriores ✗

12 - Quiz
A palavra "perfumaria" é constituída por...

prefixo + radical ✗

radical + sufixo ✓

prefixo + radical + sufixo ✗

apenas o radical ✗

Anexo XXIV - Tabela de Identificação das Educadoras/Professoras

Código de Identificação dos Entrevistados	Género	Idade	Percurso Académico	Anos de Serviço	Valência/Ano de Escolaridade	Tipo de Estabelecimento
E₁	Feminino	52 anos	Bacharelato em Educação Pré-Escolar	29 anos	Pré-Escolar	IPSS
E₂	Feminino	52 anos	Bacharelato e Licenciatura em Educação Pré-Escolar	32 anos	Pré-Escolar	IPSS
E₃	Feminino	46 anos	Licenciatura em Educação Pré-Escolar	27 anos	Creche	IPSS
P₁	Feminino	39 anos	Licenciatura em 1.º Ciclo do Ensino Básico	18 anos	2.º Ano	Público
P₂	Feminino	45 anos	Licenciatura em 1.º Ciclo do Ensino Básico	22 anos	4.º Ano	Público
P₃	Feminino	51 anos	Bacharelato em 1.º Ciclo do Ensino Básico	30 anos	3.º Ano	Público

Nota: No código de identificação dos entrevistados, a letra “E” significa “Educadora” e a letra “P” significa “Professora”, estando de seguida um cardinal como forma de distinção.

Anexo XXV - Tabela de Identificação dos Familiares

Código de Identificação dos Entrevistados	Género	Idade	Profissão	Grau de Parentesco	Valência/Ano de Escolaridade do Educando	Tipo de Estabelecimento
F ₁	Feminino	36 anos	Educadora Social	Mãe	Pré-Escolar	Público
F ₂	Feminino	45 anos	Administrativa	Mãe	2.º Ano	Público
F ₃	Feminino	40 anos	Gerente de Loja	Mãe	Creche	IPSS
F ₄	Masculino	32 anos	G.N.R.	Pai	Pré-Escolar	Público
F ₅	Feminino	60 anos	Costureira	Avó	Pré-Escolar	Público
F ₆	Masculino	58 anos	G.N.R.	Avô	Pré-Escolar	Público

Nota: No código de identificação dos entrevistados, a letra “F” significa “Familiar”, estando de seguida um cardinal como forma de distinção.

Anexo XXVI - Guião da Entrevista realizada às Educadoras/Professoras

Esta entrevista visa o aprofundamento dos objetivos das questões orientadoras do presente estudo, a livre expressão dos entrevistados, bem como a sua opinião acerca da temática abordada. O guião encontra-se organizado em seis blocos temáticos (I, II, III, IV, V e VI), sendo que o bloco I, está direcionado para a recolha de informação do entrevistado, bem como para a contextualização acerca da presente temática, salvaguardando como indicação, a identidade do entrevistado. Já o bloco II, está relacionado com as conceções acerca da importância da participação das famílias no processo educativo das crianças. Relativamente ao bloco III, este refere-se aos benefícios desta relação para o desenvolvimento da aprendizagem das crianças. No que diz respeito ao bloco IV, este dá enfoque à relação instituição-família existente na prática docente. No bloco V, pretende apurar-se algumas das implicações que possam existir ao nível desta relação. Para finalizar, no bloco VI, estão referidas as observações que os entrevistados possam pretender acrescentar.

Temática: “A Relação Instituição-Família para o Desenvolvimento da Aprendizagem da Criança em Contexto de Educação Pré-Escolar e de 1.º Ciclo do Ensino Básico”.

Público-Alvo: Educadoras e Professoras de 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Objetivos Gerais:

- Compreender a importância da relação instituição-família, no processo educativo, para o desenvolvimento da aprendizagem das crianças, tanto na educação pré-escolar como no 1.º ciclo do ensino básico;
- Conhecer que colaboração existe entre famílias e educadores/professores;
- Descrever as principais dificuldades sentidas, pelas famílias, que se revelam pouco favoráveis a uma maior participação, no processo educativo das crianças.

Blocos Temáticos	Objetivos Específicos	Questões
<p align="center">Bloco I <u>Legitimação da entrevista e caracterização dos entrevistados</u></p>	<p>- Dar a conhecer o tema da entrevista e garantir a sua confidencialidade, salvaguardando os dados pessoais dos entrevistados; - Caracterizar os entrevistados.</p>	<p>1.1. Qual a sua idade? 1.2. Qual o seu percurso académico? 1.3. De quantos anos de serviço dispõe? 1.4. Qual a/o valência/ano de escolaridade se encontra a trabalhar? 1.5. Qual o tipo de estabelecimento onde se encontra a trabalhar?</p>
<p align="center">Bloco II <u>Conceções acerca da importância da participação da família no processo educativo das crianças</u></p>	<p>- Recolher as conceções acerca da importância da participação da família no processo educativo das crianças.</p>	<p>2.1. Qual considera ser a importância da participação das famílias no processo educativo das crianças?</p>
<p align="center">Bloco III <u>As crianças e a relação instituição-família</u></p>	<p>- Identificar e enumerar os benefícios que a relação instituição-família tem para o desenvolvimento da aprendizagem das crianças; - Compreender se as crianças, cujas famílias participam mais no seu processo educativo, possuem maior aproveitamento.</p>	<p>3.2. Quais considera que sejam os benefícios, do ponto de vista do desenvolvimento da aprendizagem das crianças, relativamente à participação das suas famílias no ambiente educativo? 3.3. Considera que as crianças, cujas famílias participam mais no seu processo educativo, possuem maior aproveitamento?</p>
<p align="center">Bloco IV <u>Relação instituição-família na prática docente</u></p>	<p>- Perceber qual o envolvimento das famílias no ambiente educativo das crianças; - Entender como é estabelecido o contacto entre as famílias e as instituições e vice-versa;</p>	<p>4.1. No grupo pelo qual está responsável, como classifica a participação das famílias? 4.2. Como é estabelecido o contacto com as famílias?</p>

	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer se os docentes realizam atividades, nas quais as famílias possam participar, favorecendo assim a sua relação com as mesmas; - Compreender qual a opinião das famílias face às atividades implementadas. 	<p>4.2.1. E as famílias também contactam com a instituição?</p> <p>4.3. Realiza atividades nas quais as famílias possam participar?</p> <p>4.4. Quais são as atividades em que as famílias se envolvem mais?</p> <p>4.5. Qual o <i>feedback</i> que tem recebido, por parte das famílias, no que diz respeito às atividades implementadas com as mesmas?</p>
<p>Bloco V <u>Implicações na relação instituição-família</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer quais os principais obstáculos apresentados pelas famílias, no que diz respeito à sua participação no processo educativo das crianças; - Compreender se a estrutura familiar, influencia ou não, o envolvimento familiar, no processo educativo das crianças; - Entender se a profissão das famílias influencia a relação instituição-família e quais os fatores inerentes a esta influência, caso se verifique. 	<p>5.1. Quais as principais dificuldades que as famílias apresentam neste envolvimento?</p> <p>5.2. Considera que a estrutura familiar tem influência na participação das famílias no processo educativo das crianças?</p> <p>5.3. Na sua perspetiva, a profissão da família envolvente às crianças, influencia a participação nas dinâmicas educativas?</p>
<p>Bloco VI <u>Observações</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Concluir a entrevista; - Recolher tópicos que possam não ter sido aprofundados ao longo de toda a entrevista. 	<p>6.1. Para terminar, tem algum tópico que pretenda aprofundar ou acrescentar a esta entrevista?</p>

Anexo XXVII - Guião da Entrevista realizada aos Familiares

Esta entrevista visa o aprofundamento dos objetivos das questões orientadoras do presente estudo, a livre expressão dos entrevistados, bem como a sua opinião acerca da temática abordada. O guião encontra-se organizado em seis blocos temáticos (I, II, III, IV, V e VI), sendo que o bloco I, está direcionado para a recolha de informação do entrevistado, bem como para a contextualização acerca da presente temática, salvaguardando como indicação, a identidade do entrevistado. Já o bloco II, está relacionado com as conceções acerca da importância da participação das famílias no processo educativo das crianças. Relativamente ao bloco III, este refere-se aos benefícios desta relação para o desenvolvimento da aprendizagem das crianças. No que diz respeito ao bloco IV, este dá enfoque à relação instituição-família, na perspetiva das famílias. No bloco V, pretende apurar-se algumas das implicações que possam existir ao nível desta relação. Para finalizar, no bloco VI, estão referidas as observações que os entrevistados possam pretender acrescentar.

Temática: “A Relação Instituição-Família para o Desenvolvimento da Aprendizagem da Criança em Contexto de Educação Pré-Escolar e de 1.º Ciclo do Ensino Básico”.

Público-Alvo: Famílias das crianças inseridas no contexto de Educação Pré-Escolar e de 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Objetivos Gerais:

- Compreender a importância da relação instituição-família, no processo educativo, para o desenvolvimento da aprendizagem das crianças, tanto na educação pré-escolar como no 1.º ciclo do ensino básico;
- Conhecer que colaboração existe entre famílias e educadores/professores;
- Descrever as principais dificuldades sentidas, pelas famílias, que se revelam pouco favoráveis a uma maior participação, no processo educativo das crianças.

Blocos Temáticos	Objetivos Específicos	Questões
<p align="center">Bloco I <u>Legitimação da entrevista e caracterização dos entrevistados</u></p>	<p>- Dar a conhecer o tema da entrevista e garantir a sua confidencialidade, salvaguardando os dados pessoais dos entrevistados; - Caracterizar os entrevistados, bem como alguns aspetos dos educandos.</p>	<p>1.1. Qual a sua idade? 1.2. Qual a sua profissão? 1.3. Qual é o seu grau de parentesco relativo ao educando? 1.4. Qual a/o valência/ano de escolaridade do educando? 1.5. Qual o tipo de estabelecimento onde o educando está inserido?</p>
<p align="center">Bloco II <u>Conceções acerca da importância da participação da família no processo educativo das crianças</u></p>	<p>- Recolher as conceções acerca da importância da participação da família no processo educativo das crianças.</p>	<p>2.1. Qual considera ser a importância da participação das famílias no processo educativo das crianças?</p>
<p align="center">Bloco III <u>As crianças e a relação instituição-família</u></p>	<p>- Identificar a importância da relação instituição-família para o desenvolvimento da aprendizagem das crianças.</p>	<p>3.1. Do ponto de vista do desenvolvimento da aprendizagem das crianças, qual considera ser a importância de projetos ou atividades que envolvam as famílias?</p>
<p align="center">Bloco IV <u>Relação instituição-família: perspetivas familiares</u></p>	<p>- Perceber com que frequência as famílias se deslocam às instituições para contactar com as educadoras/professoras; - Entender quais são os motivos que levam as famílias a deslocarem-se às instituições, bem como a contactarem com as educadoras/professoras;</p>	<p>4.1. Com que frequência, se costuma deslocar à instituição do educando para contactar com a educadora/professora? 4.2. Em que circunstâncias se desloca à instituição? 4.3. Que meios utiliza para comunicar com a educadora/professora?</p>

	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer quais são os meios utilizados para a comunicação entre famílias e educadoras/professoras; - Conhecer se as instituições incluem as famílias nas atividades propostas, bem como no processo educativo das crianças; - Compreender qual a reação das famílias ao serem convidadas a participar nas dinâmicas das instituições. 	<p>4.4. Na sua opinião, a educadora/professora do educando, leva-o a participar em algumas atividades?</p> <p>4.6. Caso fosse convidado a participar em algum tipo de projeto ou atividade proposto pela educadora/professora, como reagiria?</p>
<p>Bloco V <u>Implicações na relação instituição-família</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Perceber quais os aspetos pouco favoráveis para uma maior participação e envolvimento em atividades e projetos promovidos pela instituição/educadora/professora, por parte das famílias. 	<p>5.1. Indique e comente alguns dos aspetos que, na sua perspetiva, se revelam pouco favoráveis para que exista uma maior participação e envolvimento nas atividades promovidas pela educadora/professora?</p>
<p>Bloco VI <u>Observações</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Concluir a entrevista; - Recolher tópicos que possam não ter sido aprofundados ao longo de toda a entrevista. 	<p>6.1. Para terminar, tem algum tópico que pretenda aprofundar ou acrescentar a esta entrevista?</p>

Anexo XXVIII - Transcrição das Entrevistas realizadas às Educadoras/Professoras

Educadora 1 - (E₁)

Bloco I - Legitimação da entrevista e caracterização dos entrevistados

1.1. Qual a sua idade?

R. Eu tenho cinquenta e dois.

1.2. Qual o seu percurso académico?

R. Tirei o Bacharelato em Educação Pré-Escolar na ESES (Escola Superior de Educação de Santarém) e depois comecei a trabalhar no ano logo a seguir nesta mesma instituição e mantenho-me no mesmo sítio.

1.3. De quantos anos de serviço dispõe?

R. Então, eu penso que seja desde 1991 até à data, são vinte e nove anos.

1.4. Qual a valência se encontra a trabalhar?

R. Neste momento, é no pré-escolar.

1.5. Qual o tipo de estabelecimento onde se encontra a trabalhar?

R. É IPSS (Instituição Particular de Solidariedade Social).

Bloco II - Concepções acerca da importância da participação da família no processo educativo das crianças

2.1. Qual considera ser a importância da participação das famílias no processo educativo das crianças?

R. Acho que é fundamental. É muito importante, no sentido de nós compreendermos também o mundo da criança, sabemos quais são as fontes, as origens, os principais pontos de referência a nível familiar, ou seja, a relação que têm com o pai, com a mãe e com os outros familiares... o ambiente familiar em casa, se tem conforto, se tem segurança, se tem afetividade ou não, isso depende muito para nós compreendermos também a maneira de ser de cada criança, porque cada criança tem a sua essência, como eu costumo dizer.

Bloco III - As crianças e a relação instituição-família

3.1. Quais considera que sejam os benefícios, do ponto de vista do desenvolvimento da aprendizagem das crianças, relativamente à participação das suas famílias no ambiente educativo?

R. O desenvolvimento da autoestima, o desenvolvimento da independência, conhecimento de si próprio, em relação aos outros, o saber respeitar, o saber integrar-se e saber ser um ser social e democrático, pronto... procurar respeitar o sítio onde está, saber ser e saber estar, sobretudo... penso que, a esse nível, tem todos os benefícios e se tivermos uma família que seja cooperante e que lhes mostre esse lado do saber ser e do saber estar, em qualquer situação, e respeitando os outros também, acho que considera-se um bom sucesso para a aprendizagem e também para a formação da criança, porque ainda está em formação e é fundamental.

3.2. Considera que as crianças, cujas famílias participam mais no seu processo educativo, possuem maior aproveitamento?

R. De certa forma, sim, porque se a criança estiver feliz e se sente amada, acarinhada, se tem uma boa relação familiar em casa, se tem uns bons modelos educativos em casa, se tem uns bons valores que foram transmitidos, se sabe respeitar os próximos, se tem uma família que a sabe respeitar a ela e que lhes transmite esses valores e essa educação, essa formação, eu acho que sim... tem um melhor aproveitamento, sem dúvida... também é uma criança que tem a sua autoestima muito mais elevada... a nível de independência e autonomia, também se vai tornar muito mais independente, havendo alguém que a possa ajudar... não fazendo por ela, o não fazendo por ela... não superprotegendo-a muito, dando-lhe autonomia e ensinando a fazer, ajudar a sentir-se mais autónoma e independente, isso sim... agora, se tiver uma família, em que a mãe faz tudo ou para não a ver triste ou para não a dececionar, para ela não ter birras, a mãe faz por ela ou o pai faz por ela, isso, se calhar, para ela, não é benéfico... é, é procurar ajudá-la a fazer, dizer-lhe como é que se faz, torná-la mais autónoma, pronto... eu acho que aí vai ter muito sucesso, sim, acho que sim.

Bloco IV - Relação instituição-família na prática docente

4.1. No grupo pelo qual está responsável, como classifica a participação das famílias?

R. Classifico como uma participação boa, a nível de tudo o que é feito aqui na sala é comunicado... temos um grupo privado no *facebook* onde nós publicamos o dia a dia da criança, algumas situações novas que tragam projetos-situação, projetos que surjam na sala de acordo com a necessidade deles, projetos de acordo com a instituição, do projeto educativo, projetos

da comunidade, portanto tudo o que é relacionado com a criança, os pais têm conhecimento, assim como tudo o que se vai desenvolver durante o ano eles têm conhecimento.

4.2. Como é estabelecido o contacto com as famílias?

R. Contacto com as famílias através do grupo que já referi, através do dia a dia, também estou disponível para agendar uma reunião, cada vez que os pais queiram falar comigo... temos uma hora de atendimento aos encarregados de educação, também temos no final de cada período letivo, temos uma avaliação de cada criança, onde nós falamos com os pais acerca do que é que ela aprendeu, o que falta aprender... qual é o desenvolvimento da criança, não é em termos de aprendizagem, é em termos de desenvolvimento, como é que ela está a desenvolver-se, o que é que é preciso desenvolver mais, se é autonomia, se é a independência, se é a identidade, se é a autoestima, se é a higiene... pronto, nós mais ou menos, damos um *feedback* acerca do processo de desenvolvimento da criança desde que a conseguimos acompanhar, que ela entrou não é? Pronto, é isso que fazemos, mais ou menos, sim.

4.2.1. E as famílias também contactam com a instituição?

R. É assim, as famílias, normalmente, estão à espera que seja a educadora a dizer alguma coisa... embora, há certos pais que chamem à atenção, mas normalmente, quando chamam à atenção não são para pontos positivos, normalmente, são para pontos negativos, não é? Pronto... não é bem negativos, ou seja, são feitas avaliações, às vezes, um bocadinho subjetivas, não é? Pronto... às vezes, não estão dentro do conteúdo, os pais, às vezes, não percebem a vivência da sala, não percebem a vivência do pré-escolar e então, normalmente, quando os pais passam de uma creche para o pré-escolar, em que as coisas são completamente diferentes, e que não percebem o porquê de na creche terem menos crianças e aqui terem mais crianças, também não percebem muito bem a dinâmica, porque na creche eles são mais bebés e depois não dão espaço para crescerem, para eles serem mais autónomos e, às vezes, há um bocadinho de dificuldade em tentarem entrar nas novas rotinas e naquilo mesmo que é o pré-escolar.

4.3. Realiza atividades nas quais as famílias possam participar?

R. Sim, pedimos aos pais para virem... o ano passado, fizemos atividades em que os pais vieram à sala fazer culinária, vieram à sala fazer jogos com eles, fomos visitar os locais de trabalho dos pais... o ano passado, houve pais que nos levaram a ver o Museu do Ar, porque havia um pai que trabalhava no Museu do Ar, fomos ver os aviões, por exemplo... fomos a uma quinta também, uma quinta... porque havia pais que tinham pecuárias e fomos visitar a quinta e depois fizemos um piquenique na quinta, fomos também visitar uma fábrica de rações que havia pais que trabalhavam lá e levaram-nos também a ver como é que se fazia as rações para os animais e a dar rações aos animais... portanto, nós procuramos que os pais também venham mostrar

aquilo que sabem fazer e para os filhos é uma satisfação, por terem cá os pais a falarem da vida deles, para eles é uma mais-valia, sempre... todos os pais que queiram vir cá fazer atividades com eles são sempre bem-vindos, seja que atividade for, fazer pulseiras, fazer coisas assim... pintar as unhas, arranjar os cabelos... também tivemos cá uma mãe que era cabeleireira, veio cá passar uma manhã, veio arranjar os cabelos aos meninos e às meninas... portanto, nós estamos recetivas a qualquer atividade que os pais, e não só pais, pais e familiares, porque, às vezes, pode não vir o pai, mas pode vir uma avó que tenha conhecimento de coisas... o jogo do berlinde, ainda há pouco tempo houve um avô que veio cá ensinar a jogar berlinde... já não se faz há tantos anos e é uma coisa muito boa... pronto, nós estamos recetivas a esse tipo de acontecimentos.

4.4. Quais são as atividades em que as famílias se envolvem mais?

R. Normalmente, num modo geral, as atividades que as famílias se envolvem mais são as atividades, mais ou menos, da comunidade, que nós pedimos para eles, connosco, colaborarem a nível da comunidade... também fazemos as festas de final do ano, onde os pais participam sempre e veem aquilo que as crianças fizeram durante o ano... também se nota um grande envolvimento das famílias nas festas de Natal.

4.5. Qual o *feedback* que tem recebido, por parte das famílias, no que diz respeito às atividades implementadas com as mesmas?

R. Normalmente, nós como temos o grupo, eles vão respondendo e vão dizendo que gostaram, que gostaram de participar... às vezes, até pelos trabalhos que, às vezes, trazem para os meninos, às vezes, fazerem, trazem trabalhinhos e vê-se o grau de satisfação das crianças e também se vê o grau de satisfação dos pais porque, no final, nós depois publicamos aquilo que eles tiveram a fazer connosco e com as outras crianças e depois os outros pais também gostam, também são recetivos a esse tipo de atividades e depois também procuram uns atrás dos outros, procuram fazer... eu penso que, de uma forma geral, eu penso que é muito positivo, sim.

Bloco V - Implicações na relação instituição-família

5.1. Quais as principais dificuldades que as famílias apresentam neste envolvimento?

R. Às vezes, é um bocadinho a falta de tempo, pronto... porque, normalmente, elas para virem cá fazer uma atividade ou estão de férias ou têm de tirar algum tempo para poderem cá vir, pronto... porque funciona das 09h às 17h00, ou seja, o horário de trabalho da maioria dos pais. Embora, pode haver atividades em que nós poderemos fazer no final de semana ou no final do dia, como já temos feito... a noite do pijama, houve salas que já fizeram a noite do pijama e assim... e então, nós temos que agendar para essas alturas... mas, normalmente, é falta de tempo,

alguns também é um bocadinho falta de interesse, pronto... porque acham muito engraçado os outros fazerem, mas depois no fim não sabem o que fazer... e eu até digo para fazerem um bolinho, uma coisa qualquer, mas pronto, também não estão muito recetivas para poderem participar... penso que sejam as principais dificuldades, porque não estou a ver que outras dificuldades existam para que as famílias não possam participar.

5.2. Considera que a estrutura familiar tem influência na participação das famílias no processo educativo das crianças?

R. Não tanto, já teve mais... hoje em dia, temos mães divorciadas a vir cá fazer atividades como uma mãe que vive em conjunto com o pai em família, pronto... temos mães divorciadas que vêm cá fazer atividades com os filhos, não é por aí... acho que não seja por aí, é mais no sentido de haver aquela relação de mãe e filho ou familiar e filho, do que propriamente haver aquela discrepância entre o pai, que não posso fazer, porque o pai faz, uma vez que estão divorciados, não, acho que não, isso não.

5.3. Na sua perspetiva, a profissão da família envolvente às crianças, influencia a participação nas dinâmicas educativas?

R. A nível de tempo, influencia um bocadinho... influencia, porque há pais que, por exemplo, trabalham por turnos e não podem vir durante o dia... alguns que trabalham de noite e só têm o dia e neste caso, é para descansarem e então é muito difícil para eles estar presente e até gostariam de vir, mas aí está a mobilidade, se calhar, do trabalho também os condiciona um bocadinho, e aí procuram vir na altura que estão de férias ou tiraram um dia para poderem vir acompanhar ou poderem vir fazer as atividades com as crianças.

Bloco VI - Observações

6.1. Para terminar, tem algum tópico que pretenda aprofundar ou acrescentar a esta entrevista?

R. Já se falou de tanta coisa... eu acho que isso está muito completo, este tema dava “panos para mangas”, mas ia estar a falar, mais ou menos, dentro dos mesmos moldes.

Bloco I - Legitimação da entrevista e caracterização dos entrevistados

1.1. Qual a sua idade?

R. Cinquenta e dois.

1.2. Qual o seu percurso académico?

R. É assim, eu primeiro tirei o Bacharelato em Educação Pré-Escolar, que na altura não havia Licenciatura, depois fui então fazer a Licenciatura em Educação Pré-Escolar.

1.3. De quantos anos de serviço dispõe?

R. Tenho trinta e dois anos de serviço.

1.4. Qual a valência se encontra a trabalhar?

R. Agora, é no pré-escolar.

1.5. Qual o tipo de estabelecimento onde se encontra a trabalhar?

R. É IPSS (Instituição Particular de Solidariedade Social).

Bloco II - Conceções acerca da importância da participação da família no processo educativo das crianças

2.1. Qual considera ser a importância da participação das famílias no processo educativo das crianças?

R. Eu acho que tem a máxima importância... nada se consegue fazer se a família não for participativa e também não for correspondendo à evolução que a criança vai tendo, portanto o trabalho tem de ser feito em conjunto... nós estamos numa construção, não é? E ela tem de ter como base algo muito sólido, que só havendo um companheirismo e uma cumplicidade, é que se consegue... se a família faz uma coisa em casa e nós fazemos aqui outra, ela não sente segurança e não há aprendizagem nenhuma, porque está tudo baralhado, não é? Não tem sentido nenhum... se for ao contrário, exatamente também... para além de que, eu acho sempre, que quando a família é participativa, a criança sente-se muito mais segura, muito mais tranquila e isso tem um valor muito grande na sua aprendizagem, porque a relação que ela depois mantém connosco é muito maior, é muito mais grandiosa e faz com que as coisas corram muito bem, quando não existe essa ligação com a família, perde-se muito... perde-se mesmo muito e, não é que a criança não vá desenvolvendo, vai... mas vai com muitos percalços e com muita dificuldade, porque depois não percebe, porque é que aqui é assim e, porque é que em casa é ao contrário e, às vezes, é muito difícil... e quando os pais também, por algum lado, não sente confiança ou não gostam ou assim, também lhes transmitem, portanto eles depois também não

gostam de vir, não querem participar e depois também não se sentam confortáveis... portanto, tem que haver mesmo, porque se não houver eu tenho a certeza absoluta, nestes anos todos de trabalho, independentemente da idade, que realmente tem que haver.

Bloco III - As crianças e a relação instituição-família

3.1. Quais considera que sejam os benefícios, do ponto de vista do desenvolvimento da aprendizagem das crianças, relativamente à participação das suas famílias no ambiente educativo?

R. Eu acho que é o facto de as famílias confiarem no profissional que está com as crianças, verem um amigo e quererem também fazer parte dessa amizade e estarem dispostos também a dar e a receber para conseguirmos, juntos então, que tudo corra de um modo harmonioso e para a criança é de extrema importância para o seu sucesso educativo... é mesmo importante as famílias quererem estar disponíveis para participar na vida dos seus filhos, independentemente, onde seja, aqui, em casa, na rua... a vontade que eles têm de participar na vida dos filhos e eles arranjam tempo para isso.

3.2. Considera que as crianças, cujas famílias participam mais no seu processo educativo, possuem maior aproveitamento?

R. Claro que sim... sem dúvida alguma! Eu tenho a certeza absoluta de que as crianças aprendem as coisas muito facilmente se houver uma boa participação das famílias em todo este processo... se tiverem uma família que saia com elas e que vão a falar pelo caminho: “o que é que fizeste na escola hoje?”, “olha ali aquele carro, já viste? De que cor é?”, “olha aquela casa”, “olha vai ali um cão”... vão ao supermercado: “agora vamos ver o que é preciso lá para casa, pensa lá...”, “lembras-te de alguma coisa? Será que é açúcar?”, “agora vamos à fruta”, “agora vamos ao talho”... eles vão ouvindo, ouvem sempre, até que sabem que no talho compra-se carne... e é muito mais fácil... ainda esta semana, eu tive uma reunião com os pais e estava a dizer isso “fale com eles”... agora, entram no carro, ninguém fala... chegam a casa, acendem a televisão, ninguém fala... chega à hora de comer, ninguém fala... vão às compras, antes de os vir buscar, porque dá muito trabalho, não é? A verdade é que dá muito trabalho, mas eles só aprendem aquilo que vêm aqui, aquilo que nós conversamos... é pouco, não é suficiente... o mundo lá fora tem muito para explorar e nós não temos essa possibilidade como antigamente... há vinte anos atrás, nós saímos com os meninos para a rua quase todos os dias, neste momento, não podemos fazer isso, não é seguro, os pais não gostam... é verdade que isso compete aos pais, fazer muito essas coisas... e, portanto, é claro que sim, que um pai participativo, e que vai aqui e que vai acolá, que leva os filhos a isto e aquilo... eu tenho crianças que sabem montes de

coisas, porque têm uma experiência já muito grande de coisas e os pais sempre que vão a algum sítio explicam tudo... eles sabem as coisas, mas eles têm que viver as coisas, não pode ser só de palavra e esses pais que cooperam muito com eles, as coisas correm lindamente bem.

Bloco IV - Relação instituição-família na prática docente

4.1. No grupo pelo qual está responsável, como classifica a participação das famílias?

R. Eu estou com este grupo desde o berçário, eu apanhei-os com quatro meses... portanto, tenho uma ligação com a família, como eu acho importante, eu tento ter uma ligação muito boa com a família... tenho pais muito participativos... fazer perguntas e pedir a participação deles, mesmo que eles não queiram e dar-lhes a atenção que eu acho que é devida... também tento sempre falar com eles, no sentido de se eles tiverem alguma questão a pôr, que a ponham logo naquele dia, não a levem para casa, porque isso faz bolas de neve e eu não quero isso... neste momento, eu posso dizer que existe uma amizade, é claro que existem pais mais participativos do que outros, outros mais abertos do que outros, mas, no geral, eu acho que não há qualquer problema e as coisas correm muito bem e eles vêm muito satisfeitos e converso imenso com os pais... tenho um *blog* onde vou pondo coisas que vamos fazendo e eles vão vendo e conversamos imenso também por lá, que é restrito a nós só e, portanto, acho que corre bem... corre muito bem... há um caso ou outro pontual, que não corre tão bem, mas tem a ver, exatamente, com a não participação da família em casa.

4.2. Como é estabelecido o contacto com as famílias?

R. É direto e todos os dias conversamos... se há alguma coisa que eu precise, faço reuniões... às quintas-feiras, há reunião de atendimento aos encarregados de educação, se eles querem marcam comigo... a outro dia qualquer que precisem falar comigo também desde que eu esteja disponível também falo, portanto, é diariamente.

4.2.1. E as famílias também contactam com a instituição?

R. Também contactam comigo, sim... não têm problema nenhum.

4.3. Realiza atividades nas quais as famílias possam participar?

R. Sim claro, eu tento fazer sempre isso... por exemplo, agora no Carnaval, vamos nos mascarar para o desfile, havia sempre a possibilidade de nós fazermos os fatos e pronto, mas eu achei que era engraçado ser, tendo em conta o tema que era “quando eramos pequeninos...”, falar com os pais e sondar um bocadinho qual era a personagem ou o que é que eles achavam dos desenhos animados da altura deles, para eles darem um bocadinho a opinião e eles acabaram por dar e, no fim, resultou a *Minnie* e o *Mickey*, pronto... então, eu fiz as coisas de maneira que

eles têm de me trazer umas coisas e eu aqui faço o resto, portanto, isso faz com que tenha que haver interação entre os dois.

4.4. Quais são as atividades em que as famílias se envolvem mais?

R. É assim, eles envolveram-se imenso no Natal... mas, agora, no Carnaval, com estes pedidos, também estão muito envolvidos... eu acho que desde que eu peça a colaboração deles e a ajuda, eles colaboram e ajudam.

4.5. Qual o *feedback* que tem recebido, por parte das famílias, no que diz respeito às atividades implementadas com as mesmas?

R. Sim claro, eles gostam, sentem-se satisfeitos, gostam imenso... acham que o grupo está extremamente bem desenvolvido, no geral, há sempre exceções, pronto... mas vêm muito contentes sempre trazer, porque eles querem sempre vir ao colégio, não querem ficar em casa, ao contrário dos outros, portanto isso para mim é uma honra... é esse o *feedback* que eu tenho, permanente... o facto de elas falarem, é sempre mais as mães, claro, no *blog*, contam-me coisas do fim de semana, por exemplo, vão a algum lado e tiram fotografias e mandam-me, portanto, permanentemente, há esse contacto.

Bloco V - Implicações na relação instituição-família

5.1. Quais as principais dificuldades que as famílias apresentam neste envolvimento?

R. É assim, alguns dizem que não têm tempo... mas eu também digo logo “então, não tem tempo, uma coisa tão fácil, uma coisita, não é preciso nada de especial” e eles acabam por achar que, realmente, eu tenho razão e acabam por ceder, não levantam muitos problemas ou praticamente nenhuns... essa é a palavra mais normal, o “tempo”, mas sem problema.

5.2. Considera que a estrutura familiar tem influência na participação das famílias no processo educativo das crianças?

R. Não, não acho que tenha muito... é assim, eu acho que depende muito das pessoas... se as pessoas forem ponderadas, não tem influencia e participam, normalmente... se as pessoas não forem ponderadas e houver alguns problemas pelo meio, ao nível dos pares, aí já vai influenciar e muito... não tenho grandes, felizmente, experiências nesse sentido, porque se por acaso há um pai que não participa tanto, a mãe já participa mais e, portanto, dá-se ali um certo equilíbrio, mas pronto... é assim, tem alguma influência, claro que sim.

5.3. Na sua perspectiva, a profissão da família envolvente às crianças, influencia a participação nas dinâmicas educativas?

R. Sim claro, não é? Uma pessoa que tenha um horário fixo, estável e que trabalhe aqui nesta cidade, é muito mais fácil, do que uma pessoa que tenha, por exemplo, turnos de noite, tenha turnos de dia, que trabalhe fora daqui... é muito mais complicado.

Bloco VI - Observações

6.1. Para terminar, tem algum tópico que pretenda aprofundar ou acrescentar a esta entrevista?

R. Eu acho que já falei de tudo o que é importante... e tenho a certeza absoluta que os pais cooperando que as crianças têm um desenvolvimento muito mais calmo, muito mais tranquilo, muito mais dócil e muito mais feliz, muito mais... muito mais... há um relacionamento de amizade, de amor, de carinho e, portanto, é muito mais fácil... muito mais fácil.

Bloco I - Legitimação da entrevista e caracterização dos entrevistados

1.1. Qual a sua idade?

R. Quarenta e seis anos.

1.2. Qual o seu percurso académico?

R. Licenciatura em Educação Pré-Escolar.

1.3. De quantos anos de serviço dispõe?

R. Vinte e sete anos.

1.4. Qual a valência se encontra a trabalhar?

R. Creche.

1.5. Qual o tipo de estabelecimento onde se encontra a trabalhar?

R. É IPSS (Instituição Particular de Solidariedade Social).

Bloco II - Concepções acerca da importância da participação da família no processo educativo das crianças

2.1. Qual considera ser a importância da participação das famílias no processo educativo das crianças?

R. A importância é muita... é fundamental... primeiro, temos que partir dos pontos básicos da nossa existência... porque se não houvesse família, não havia filhos, se não houvesse filhos, nós não estávamos lá, não tínhamos trabalho... portanto, esta é a primeira importância, a existência de cada um de nós, enquanto seres humanos e enquanto pessoas, nos sítios onde estamos... para além disso, a importância da participação das famílias no processo educativo das crianças, é toda, primeiro, porque os educadores estão de passagem na vida das crianças e, portanto, é assim, se os filhos são importantes para os pais, a escola tem de ser importante para os pais, não há outra hipótese... os pais podem ser muito bons, se não houver continuidade no jardim de infância, o sucesso é limitado, apesar de ser mais do que se fosse ao contrário, ou seja, uma escola tem muitos valores e promove muitos valores ao nível da educação, se não acontecer o mesmo no meio familiar, o sucesso na escola é muito limitado... a importância, realmente, é toda, porque sem a família, eu não posso ter sucesso no meu trabalho, não é possível... o sucesso do meu trabalho, é eu ter sucesso com as crianças, e se eu não tiver sucesso com as famílias, não vou ter sucesso com as crianças.

Bloco III - As crianças e a relação instituição-família

3.1. Quais considera que sejam os benefícios, do ponto de vista do desenvolvimento da aprendizagem das crianças, relativamente à participação das suas famílias no ambiente educativo?

R. Então é assim, se uma criança souber que, para o seu pai ou para a sua mãe, a escola é importante, a escola vai ser importante para ela... se o seu filho tiver consciência de que a sua mãe ou o seu pai cumprimenta as pessoas quando chega à escola, isso é uma participação, vai ser benéfico, porque a criança vai aprender a cumprimentar as pessoas e a ter essa atitude... se a criança estiver com confiança e souber com o que conta do seu pai e da sua mãe e se houver uma boa comunicação entre os pais, a escola e a família, a criança vai ser uma criança muito mais feliz e despreocupada como deve ser, como direito que tem a ser criança... por isso, a participação ativa dos pais é benéfica, sem dúvida, para o desenvolvimento das crianças na escola.

3.2. Considera que as crianças, cujas famílias participam mais no seu processo educativo, possuem maior aproveitamento?

R. Têm maior aproveitamento, claro que sim... a não ser que seja alguma criança mesmo complicada em que as coisas corram mesmo muito mal.

Bloco IV - Relação instituição-família na prática docente

4.1. No grupo pelo qual está responsável, como classifica a participação das famílias?

R. É assim, primeiro, acho que devem ter em conta o tempo... eu, por exemplo, agora, estou numa sala de creche, há cinco meses e meio, ou seja, estou a iniciar um percurso com estas famílias e com estas crianças... e é inevitável que o tempo e a confiança que as pessoas vão tendo e o conhecimento que as pessoas vão tendo de quem está a cuidar dos seus filhos, é inevitável que isso vá evoluindo com o tempo e são conquistas que se vão fazendo com o tempo... mas, mesmo assim, a participação das famílias, está dentro dos parâmetros normais e aceitáveis, mas se podia ser muito melhor? Podia... podíamos ter pais muito mais interativos... se podíamos ter pais que se poderiam interessar mesmo não sendo motivados pela escola, que eles próprios fossem interessados? Sim, poderia existir... hoje em dia, não é tanto assim, mas também pode ter a ver com o facto de as pessoas não se sentirem tão à vontade por não me conhecerem tão bem ainda... há coisas que se calhar querem falar, mas têm algum receio ainda, porque possa parecer bem ou mal, mas é mesmo assim, a convivência conta muito... e acredito que com o passar do tempo, o envolvimento seja bem maior.

4.2. Como é estabelecido o contacto com as famílias?

R. É diariamente, se bem que acho que há uma grande lacuna em termos de horários, hoje em dia, nas instituições, porque é assim, eu sou educadora da sala, eu trabalho das 09h às 17h, é claro que, a maior parte das pessoas, não tem horário das 09h às 17h para ir buscar as crianças... ainda assim, contacto, diariamente, com os pais que vejo na instituição, sempre que é necessário, os pais são solicitados para reuniões e temos ainda um grupo privado no *facebook* para que os pais consigam ver tudo aquilo que os filhos fazem, porque se eu não tiver este grupo, uma coisa é certa, eu tenho pessoas que me vão aparecer de ano a ano na escola e eles têm três anos... no entanto, já frisei que este grupo não anula a presença dos pais na escola e o contacto real com a escola, mas tem que existir, porque se não existir há muita coisa que vai ficar perdida.

4.2.1. E as famílias também contactam com a instituição?

R. É assim, as famílias, hoje em dia, muito aberta e francamente, eu vou lhe dizer... as famílias, hoje em dia, muitas delas, não são responsáveis pela qualidade de educação que deviam dar aos filhos, mas são as primeiras a exigir ao próximo aquilo que não conseguem fazer, pronto... mas, em termos de percentagem, por norma, as famílias ficam à espera de que haja uma ação da escola para o que quer que seja.

4.3. Realiza atividades nas quais as famílias possam participar?

R. Sim, isso começa logo na reunião de pais, as minhas reuniões de pais são sempre muito interativas e eles fazem sempre atividades quando é reuniões de pais... e, depois, este ano, por exemplo, estes pais, participaram no quadro das famílias, na sala, e no quadro dos aniversários... a próxima atividade para estes pais, que já pensei, vai ser ao nível da formação da educação parental, vai ter que ser, para nós começarmos a caminhar todos no mesmo sentido.

4.4. Quais são as atividades em que as famílias se envolvem mais?

R. Todas as atividades lúdicas.

4.5. Qual o *feedback* que tem recebido, por parte das famílias, no que diz respeito às atividades implementadas com as mesmas?

R. Por vezes, temos *feedback*, por vezes, não temos... mas, penso que, cada vez mais, tenho mais *feedback*, não pelas coisas materiais, mas pelas coisas emocionais e, às vezes, nem é preciso as pessoas virem ter connosco e dizerem, porque há coisas que nós vamos vendo com o nosso coração e vamos sentindo que aquilo está a resultar, isso é um *feedback*.

Bloco V - Implicações na relação instituição-família

5.1. Quais as principais dificuldades que as famílias apresentam neste envolvimento?

R. Pode haver um caso ou outro que seja por vergonha ou por timidez, se bem que com a idade que nós temos, isso já não é desculpa... por isso, eu acho que as famílias não vêm à escola, não é por dificuldades, é por inconsciência, eu acho que é mais por afastamento do que é importante ou do que tem valor... alguns é, também, por resistência ao que é pedido, àquilo que dá trabalho, têm dificuldade em ter trabalho com os seus filhos, têm dificuldade em investir nos seus filhos, porque pensam que estão a fazer favores a alguém e não pensam nos seus filhos.

5.2. Considera que a estrutura familiar tem influência na participação das famílias no processo educativo das crianças?

R. Não, não considero nada, porque uma família só com uma mãe, uma família só com um pai, uma família com duas mães, uma família com dois pais, uma família com avós ou uma família com tios, todas as famílias são boas se se interessarem pelas crianças que têm... portanto, acho que não tenha influencia nenhuma.

5.3. Na sua perspetiva, a profissão da família envolvente às crianças, influencia a participação nas dinâmicas educativas?

R. Não, acho que a profissão não influencia.

Bloco VI - Observações

6.1. Para terminar, tem algum tópico que pretenda aprofundar ou acrescentar a esta entrevista?

R. Bem, penso que já foi tudo dito... acho mesmo importante que haja uma boa participação e comunicação entre os pais e a escola, desde que sejam positivas... no entanto, também digo uma coisa, há certas pessoas, com certas e determinadas atitudes que vale mais, nem é vale mais, elas até podem querer, mas, por vezes, sou eu que tenho de travar isso e dizer que não quero... não aconteceu muitas vezes, em vinte e sete anos, não me aconteceu muitas vezes, mas é possível, que determinadas formas de estar familiares e determinadas atitudes dos pais tragam o contrário daquilo que deveriam trazer para aqueles momentos de bem-estar das crianças... mas, sem dúvida, que haverá sempre mais benefícios do que propriamente desvantagens... é preciso é estarmos todos disponíveis para todo este envolvimento.

Bloco I - Legitimação da entrevista e caracterização dos entrevistados

1.1. Qual a sua idade?

R. Trinta e nove.

1.2. Qual o seu percurso académico?

R. Licenciatura em 1.º Ciclo do Ensino Básico.

1.3. De quantos anos de serviço dispõe?

R. É o décimo oitavo.

1.4. Qual o ano de escolaridade se encontra a trabalhar?

R. 2.º ano, uma turma de vinte alunos.

1.5. Qual o tipo de estabelecimento onde se encontra a trabalhar?

R. É público.

Bloco II - Concepções acerca da importância da participação da família no processo educativo das crianças

2.1. Qual considera ser a importância da participação das famílias no processo educativo das crianças?

R. Bem, então é assim... não existe outra forma de trabalhar que não seja a escola em parceria com a família, porque as duas sozinhas não funcionam... portanto, aquilo que nós esperamos é que haja sempre, realmente, uma atividade de ambas as partes... e, portanto, a importância é muito... é muito grande.

Bloco III - As crianças e a relação instituição-família

3.1. Quais considera que sejam os benefícios, do ponto de vista do desenvolvimento da aprendizagem das crianças, relativamente à participação das suas famílias no ambiente educativo?

R. É aquilo que eu já disse... é o sentirem o apoio, têm mais confiança, mais autoestima, mais vontade de fazer bem para também mostrar aos pais o resultado e para os ver felizes, porque as crianças depois têm essa necessidade, não é? De verem os pais felizes em função dos seus resultados... e, portanto, acho que, no geral, é isso.

3.2. Considera que as crianças, cujas famílias participam mais no seu processo educativo, possuem maior aproveitamento?

R. Sim, eu penso que, no geral, sim... no geral, os mais acompanhados são os que depois têm melhor aproveitamento.

Bloco IV - Relação instituição-família na prática docente

4.1. No grupo pelo qual está responsável, como classifica a participação das famílias?

R. É boa... é uma boa participação, sim... no geral, sim.

4.2. Como é estabelecido o contacto com as famílias?

R. Normalmente, via caderneta e por *e-mail* também... temos o *e-mail* institucional e telefone, tanto da minha parte como dos pais.

4.2.1. E as famílias também contactam com a instituição?

R. Sim, também através da via caderneta, telefone ou *e-mail*.

4.3. Realiza atividades nas quais as famílias possam participar?

R. Sim, o Plano Anual de Atividades, já engloba algumas atividades em conjunto e, sempre que possível, fazemos também... agora no Natal, pedimos a colaboração para realização de uma exposição com coroas de Natal... as famílias fizeram em casa, trouxeram e estiveram expostas... também, na mesma altura, fizemos recolha de roupas e brinquedos para crianças carenciadas e, no geral, também aderiram bem.

4.4. Quais são as atividades em que as famílias se envolvem mais?

R. É assim, no geral, quando pedimos solicitação, no geral, há pais que participam... não digo todos, mas uma boa parte sim... neste grupo, sim.

4.5. Qual o *feedback* que tem recebido, por parte das famílias, no que diz respeito às atividades implementadas com as mesmas?

R. É assim, normalmente, vamos falando e as famílias quando têm dúvidas também questionam ou ligam... portanto, o *feedback*, normalmente, também é positivo.

Bloco V - Implicações na relação instituição-família

5.1. Quais as principais dificuldades que as famílias apresentam neste envolvimento?

R. Principalmente, falta de tempo... mas apesar de terem falta de tempo e de se queixarem, eles tentam, só que às vezes dizem “ai professora, estou um bocadinho aflita... o trabalho, isto e aquilo... pode ser para amanhã e não ser logo para aquela data?”... e eu claro que digo que pode

ser, pronto... mas, eu penso que, no geral, é um bocadinho falta de tempo... as famílias estão muito ocupadas com os empregos e, pronto... no geral, acho que é isso.

5.2. Considera que a estrutura familiar tem influência na participação das famílias no processo educativo das crianças?

R. Sim, tem... mesmo quando eu referi que há pais que profissionalmente estão muito ocupados, eles fazem tudo para acompanhar os filhos, mas claro que também há outros casos que não.

5.3. Na sua perspectiva, a profissão da família envolvente às crianças, influencia a participação nas dinâmicas educativas?

R. Pode influenciar ou não porque, realmente, eu vejo que há pais muito ocupados que tentam sempre vir à escola na mesma, mesmo que seja difícil, e há outros que não têm tanta ocupação e há um desinteresse, não é? Porque não valorizam, se calhar, tanto a escola.

Bloco VI - Observações

6.1. Para terminar, tem algum tópico que pretenda aprofundar ou acrescentar a esta entrevista?

R. Não, acho que não... acho que é, realmente... é como eu disse no início, a escola e a família têm que trabalhar em conjunto, porque trabalhamos todos para o mesmo... nós para as crianças e eles para as crianças, que são os seus filhos, não é? E, portanto, se houver uma boa relação, todos têm a ganhar.

Bloco I - Legitimação da entrevista e caracterização dos entrevistados

1.1. Qual a sua idade?

R. Quarenta e cinco.

1.2. Qual o seu percurso académico?

R. Licenciatura em 1.º Ciclo do Ensino Básico.

1.3. De quantos anos de serviço dispõe?

R. Portanto, eu estou no meu vigésimo segundo ano.

1.4. Qual o ano de escolaridade se encontra a trabalhar?

R. 4.º ano.

1.5. Qual o tipo de estabelecimento onde se encontra a trabalhar?

R. É uma escola pública.

Bloco II - Concepções acerca da importância da participação da família no processo educativo das crianças

2.1. Qual considera ser a importância da participação das famílias no processo educativo das crianças?

R. Eu acho que a importância é muita... primeiro, porque valorizam a escola e é meio caminho andado para eles também se empenharem na escola e porque eles são muitos alunos, cada um com as suas características e se não houver apoio da família, interligação com a escola... eles perceberem que a professora, a escola e a família, sabem o que é que se passa, eles dão mais importância... portanto, temos que andar a remar todos para o mesmo lado... portanto, se não houver aqui uma entreaduda, a escola não faz milagres, não consegue e a família só, não consegue também... portanto, é de extrema importância... quando não há esta ligação, alguma coisa no processo evolutivo da criança e escolar, vai falhar, com certeza.

Bloco III - As crianças e a relação instituição-família

3.1. Quais considera que sejam os benefícios, do ponto de vista do desenvolvimento da aprendizagem das crianças, relativamente à participação das suas famílias no ambiente educativo?

R. É a responsabilização, é a autonomia que eles têm, é a valorização do professor e da aprendizagem... o envolvimento da família e, quando estamos todos então, a remar todos para o mesmo lado, eu acho que é meio caminho andado para o sucesso das crianças.

3.2. Considera que as crianças, cujas famílias participam mais no seu processo educativo, possuem maior aproveitamento?

R. Sim, sem dúvida... maior aproveitamento, maior interesse pela escola, focam-se mais, querem ter bons resultados, querem fazer coisas boas... portanto, sim, porque a escola é valorizada... a escola, o funcionário, o professor, tudo é valorizado.

Bloco IV - Relação instituição-família na prática docente

4.1. No grupo pelo qual está responsável, como classifica a participação das famílias?

R. Os encarregados de educação desta turma são pessoas muito participativas... não todos, obviamente, há sempre um ou outro, porque as famílias não são tão estruturadas, têm outros objetivos... não dão a tal importância que deviam dar à escola... mas, a grande maioria, são pais que estão em cima, que gostam de saber se os filhos estão a aprender, se precisam de ajudar em alguma coisa... quando são chamados, ou para uma atividade, ou para ajudarem em alguma coisa, são pessoas disponíveis... portanto, são pessoas que participam muito até.

4.2. Como é estabelecido o contacto com as famílias?

R. Maioritariamente, por caderneta e recado.

4.2.1. E as famílias também contactam com a instituição?

R. Contactam sim, quando têm alguma dúvida, porque é uma das coisas que eu lhes digo, todos os anos e, logo desde o primeiro ano, para quando tiverem alguma dúvida, alguma ansiedade, virem à escola, porque, às vezes, os mal entendidos, acontecem, porque não há comunicação... portanto, eles quando têm alguma coisa, ou telefonam, ou esperam um bocadinho ali fora quando eu estou a chegar à escola, ou por via caderneta marcam, ou colocam as questões pelas quais têm dúvidas.

4.3. Realiza atividades nas quais as famílias possam participar?

R. Sim... por exemplo, quando é o “Dia da Alimentação”, eles trazem uma sandes feita de casa, uma sandes saudável, se possível, decorativa, feita com a família... fazem trabalhos de pesquisa, em que se a família não ajudar, eles não vão conseguir... fazemos o “Dia da Família”, em que convidamos os pais, ou os avós, ou os tios, ou algum familiar, a vir à escola... portanto, há sempre algum trabalho... por exemplo, aqui na escola, temos o hábito de fazer, em cada final de período, consoante o tema, o Natal, a Páscoa, pedimos para eles elaborarem alguma coisa sobre o tema, em família... portanto, tentamos que eles tenham momentos em que estejam em família e a fazer alguma coisa em que todos participem... portanto, vamos tentando fazer isso.

4.4. Quais são as atividades em que as famílias se envolvem mais?

R. Pronto, tudo o que é assim mais de convívio, como as festas de Natal, o “Dia da Família”... esta questão das Expressões... as crianças também gostam de fazer, muitas mães também gostam de fazer... portanto, também se envolvem, sim.

4.5. Qual o *feedback* que tem recebido, por parte das famílias, no que diz respeito às atividades implementadas com as mesmas?

R. Eles gostam... às vezes, fazem um esforço, porque não é fácil sair dos empregos ou participarem, mas depois quando vêm, eles gostam.

Bloco V - Implicações na relação instituição-família

5.1. Quais as principais dificuldades que as famílias apresentam neste envolvimento?

R. Eu acho que é mais esta questão do tempo... os pais estão muito ocupados com os empregos... o grande entrave, hoje em dia, é a promiscuidade, às vezes, de alguns empregos que não permitem, embora as pessoas tenham direito para ir à escola e tenham tempo para cada período, torna-se difícil para algumas pessoas saírem do emprego e poderem participar com os filhos.

5.2. Considera que a estrutura familiar tem influência na participação das famílias no processo educativo das crianças?

R. Sim, com toda a certeza... nós vemos que quando há uma separação, quando há “os meus, os teus e os nossos”, não é? Pronto... nota-se, perfeitamente... e isso, nota-se na aprendizagem, nos comportamentos... é diferente, a família fica mais destruída, mais sensível, às vezes, mais desligada e nota-se, perfeitamente.

5.3. Na sua perspectiva, a profissão da família envolvente às crianças, influencia a participação nas dinâmicas educativas?

R. Sim... eu tenho alguns pais licenciados e professores, pessoas com um nível literário até superior... portanto, sim, nota-se.

Bloco VI - Observações

6.1. Para terminar, tem algum tópico que pretenda aprofundar ou acrescentar a esta entrevista?

R. Não... olhe, a única coisa que eu tenho a dizer, é que eu sempre tive uma boa relação com os pais dos meus alunos... é claro que há sempre aqueles que são mais despegados, mas consegui sempre envolvê-los, mas, ainda assim, tenho notado muita diferença dos pais e até mesmo dos alunos... as pessoas estão muito ansiosas, tão pouco tolerantes, pelas circunstâncias todas da vida e isso vem para a escola... portanto, como as pessoas andam insatisfeitas, porque cada vez recebemos menos, porque cada vez a vida está mais cara, porque não conseguem isto e aquilo

e depois sentem-se frustrados e essas frustrações vêm para a escola... porque vêm exigir, vêm acusar, porque não são tão tolerantes, à mínima coisa, muitas vezes, não ouvem o que é que se passou, só ouvem a parte dos alunos, e pronto... acho que, muitas vezes, os acontecimentos que nós vamos ouvindo são coisas que os alunos também trazem de casa, porque as pessoas estão realmente angustiadas e estão intolerantes e depois dizem e fazem as coisas, às vezes, se calhar não estão pensadas, mas têm reflexo... neste caso, as crianças é na escola, porque é para onde elas vêm todos os dias... eu acho que sim, tenho notado isso.

Bloco I - Legitimação da entrevista e caracterização dos entrevistados

1.1. Qual a sua idade?

R. Cinquenta e um.

1.2. Qual o seu percurso académico?

R. Bacharelato em 1.º Ciclo do Ensino Básico.

1.3. De quantos anos de serviço dispõe?

R. Trinta anos.

1.4. Qual o ano de escolaridade se encontra a trabalhar?

R. 3.º ano.

1.5. Qual o tipo de estabelecimento onde se encontra a trabalhar?

R. É público.

Bloco II - Concepções acerca da importância da participação da família no processo educativo das crianças

2.1. Qual considera ser a importância da participação das famílias no processo educativo das crianças?

R. Eu sinceramente e digo-lhe mesmo que acho que a família é o mais importante, por várias razões... eu acho que o principal é ter os pais do nosso lado, eles têm que ser vistos como um parceiro, pronto... e a partir daí tudo corre bem, às vezes, pode não correr... mas, se nós tivermos a família do nosso lado e conseguirmos que eles participem... e, participem, pode ser, várias maneiras... um pai, um encarregado de educação presente, é aquele que vai às reuniões, vai aos atendimentos, que tenta saber como é que estão as coisas, que se tem dúvidas pergunta, pede ajuda... mesmo que não vá à reunião, nós depois combinamos e ele vai noutra dia... que ajuda nos trabalhos de casa e que participa sempre em tudo que é pedido, pronto... agora, quando isso não acontece, as coisas não funcionam tão bem.

Bloco III - As crianças e a relação instituição-família

3.1. Quais considera que sejam os benefícios, do ponto de vista do desenvolvimento da aprendizagem das crianças, relativamente à participação das suas famílias no ambiente educativo?

R. Os estímulos que são fornecidos pelos pais através de várias maneiras, por exemplo, tenho alunos que adoram ler, eles levam todos os dias para a sala, livros deles, fazem o trabalho

normal, quando terminam ou têm um tempo livre, estão sempre a ler, mas também, porque os pais têm possibilidades de comprar os livros, pronto... lá está, são as ferramentas que eles lhes dão e os estímulos... há lá alunos que precisavam destes estímulos, mas os pais não podem, monetariamente, ou também não estão sensibilizados para, pronto... o envolvimento dos pais mostra que eles estão interessados, mostra que querem saber, logo, ao envolverem-se nas tarefas dos filhos, seja em trabalhos de casa, seja num trabalho de pesquisa, seja a sua participação numa atividade na escola, faz com que o aluno também seja muito mais interessado e participe.

3.2. Considera que as crianças, cujas famílias participam mais no seu processo educativo, possuem maior aproveitamento?

R. Sim, completamente.

Bloco IV - Relação instituição-família na prática docente

4.1. No grupo pelo qual está responsável, como classifica a participação das famílias?

R. Muito boa.

4.2. Como é estabelecido o contacto com as famílias?

R. Há vários meios... o telefone, a caderneta e também temos um grupo, esse grupo privado funciona tanto para partilha de informações como de outras coisas interessantes, do género, por exemplo, jogos novos para os alunos, filmes ou alguma pergunta que eles queiram fazer... tudo o que é mais particular é através da caderneta ou de telefone.

4.2.1. E as famílias também contactam com a instituição?

R. Sim, pessoalmente, há sempre aqueles pais que encontro à entrada da escola, pronto... por mensagens também, quando temos alunos mais agitados, mandam mensagem para saber como é que eles andam ou então mando eu... mas, o ideal é sempre por escrito na caderneta.

4.3. Realiza atividades nas quais as famílias possam participar?

R. Sim... por exemplo, agora, estivemos a desenvolver uma atividade que foi sobre o José Tagarro, pronto... e aí envolvemos a família, porque fizeram o trabalho de pesquisa, em casa, depois eles apresentaram à turma e fizemos a exposição na escola... o ano passado, por exemplo, fizemos uma exposição de Natal, tudo com trabalhos feitos com materiais recicláveis, que foi também feito em casa com a ajuda dos pais.

4.4. Quais são as atividades em que as famílias se envolvem mais?

R. Envolvem-se muito nos trabalhos de casa com eles... eu estímulo muito a leitura, os livros e tudo isso, envolvem-se muito nisso, percebe? Compram livros... eu estou com esta turma desde o 1.º ano e conseguiram ganhar o gosto pela leitura e então há alunos que têm uma perdição por

livros... e os pais envolvem-se muito nisso, sempre que há uma “Feira do Livro” na escola, eles participam logo e vão logo comprar.

4.5. Qual o *feedback* que tem recebido, por parte das famílias, no que diz respeito às atividades implementadas com as mesmas?

R. Sim, é bom... os pais gostam de participar, tanto nos trabalhos de casa como noutra tipo de trabalho que seja de pesquisa ou tudo isso que eu sei que vai envolver mais tempo, eles têm sempre um prazo mais alargado... mas, também são sempre os mesmos, há sempre depois aqueles dois ou três que também nunca participam neste tipo de coisas, ou seja, nas outras atividades... só participam nos trabalhos de casa e tudo o que seja um trabalho que “dê mais trabalho” como o de pesquisa, por exemplo, já não colaboram.

Bloco V - Implicações na relação instituição-família

5.1. Quais as principais dificuldades que as famílias apresentam neste envolvimento?

R. É a dificuldade, de alguns, ajudarem os filhos nos trabalhos de casa, porque no tempo deles era diferente e agora há coisas que também estão diferentes, que é mesmo assim... e depois também tem a ver com a formação dos pais.

5.2. Considera que a estrutura familiar tem influência na participação das famílias no processo educativo das crianças?

R. Completamente, sem dúvida... é assim, quando a família é estável e do tipo de família dita “normal”, que agora há vários tipos de família, com o pai, mãe e filhos, em que há um bom ambiente familiar, tudo corre bem... mas, tenho casos em que os pais estão divorciados e que os alunos ficam uma semana com a mãe e outra semana com o pai, a experiência é que, salvo uma exceção, é muito difícil para os alunos... esta logística de andar para trás e para a frente, é confuso... ou tem de estar tudo muito bem organizado e os pais, apesar de separados, terem uma boa relação, percebe? Porque se não continuam em guerra constante, acabando por se refletir na aprendizagem dos alunos... porque foi um recado da professora e depois a caderneta ficou em casa da mãe, pronto... quando os pais se separam e tudo corre bem, as coisas funcionavam muito bem.

5.3. Na sua perspetiva, a profissão da família envolvente às crianças, influencia a participação nas dinâmicas educativas?

R. Tem, há exceções, mas tem... é assim, quando os pais têm uma profissão em que tiveram mais estudos ou uma licenciatura, estão mais capacitados para os ajudar, dão-lhes mais ferramentas, por exemplo, sabem a importância de ler, chegam ali e compram um livro para lerem em casa, em conjunto com os filhos, sabem que é importante ir visitar aquele museu,

sabem que é importante irem para o parque e não estarem fechados em casa... os pais têm mais ferramentas, academicamente, têm... e os outros, mesmo que tenham muita vontade de querer ajudar, depois têm dificuldade... portanto, os alunos que têm pais com uma formação académica com uma licenciatura, seja em que área for, os alunos conseguem ter um desempenho melhor... os pais não têm a culpa e os alunos também não têm, mas é a verdade... e também, porque depois monetariamente também podem pagar para os ter num centro de estudo, para os ter em explicações, ao invés dos pais que monetariamente não podem, os alunos sem terem a culpa, saem mais prejudicados.

Bloco VI - Observações

6.1. Para terminar, tem algum tópico que pretenda aprofundar ou acrescentar a esta entrevista?

R. Acho que os pais têm de estar muito presentes na escola e envolvidos, nós temos que os puxar... e presentes, não é naquele sentido, deles andarem sempre lá todos os dias, porque eles não podem interromper as aulas, nem andarem a chatear as professoras de forma que não é construtiva, que não leva a nada... é envolverem-se, não é só irem às reuniões, é envolverem-se sempre que há um trabalho para ser desenvolvido, há um projeto, há um dia comemorativo em que a família tem que ir... isto é muito importante eles irem, percebe? E temos então que os puxar e atrair para a escola... acho que aquela escola que os pais estão lá e nós estamos cá, que há um muro no meio, não funciona... eles nunca podem ser postos de parte, porque eles são nossos parceiros... no entanto, acho que isso ainda acontece muito, os pais lá, nós cá e por parte deles também... e isso aí, é um entrave, pronto... é um entrave, porque mesmo que haja um problema qualquer, eles aceitam melhor de uma pessoa que eles têm confiança... é preciso criar empatia com os pais, pronto... e depois há aquele provérbio que diz “quem meus filhos beija, minha boca adoça”... e aquilo que costumam dizer que “a família educa e a escola ensina”, não é bem assim... a escola de hoje, ensina, mas também educa, porque é uma continuação do trabalho feito em casa... nós estamos sempre a educar, por exemplo, se um aluno deita um papel no chão e nós repreendemos e dizemos o que deve fazer, estamos a educar... quando há conflitos, quando trabalhamos os valores, a cidadania, tudo isso, estamos a educar... portanto, o trabalho da família, continua com o da escola... não é acaba aqui e começa outra, não... isso era há muitos anos atrás... até porque nós estamos mais horas com eles, por dia, que muitos pais... por mais que muitos pais queiram dar apoio e estarem mais presentes, não conseguem e é muita hora para estas crianças... outro aspeto importante, que eu aprendi, temos que ser um bocadinho mais flexíveis, se naquele dia não tiveram tempo para fazer algum trabalho, não há problema, depois fazem noutro dia... e noto que essa flexibilidade é positiva, porque eu antes era mais rígida nesse aspeto e agora não tanto.

Anexo XXIX - Transcrição das Entrevistas realizadas aos Familiares

Familiar 1 - (F₁)

Bloco I - Legitimação da entrevista e caracterização dos entrevistados

1.1. Qual a sua idade?

R. Trinta e seis.

1.2. Qual a sua profissão?

R. Sou Educadora Social.

1.3. Qual é o seu grau de parentesco relativo ao educando?

R. Sou mãe.

1.4. Qual a valência do educando?

R. Está no pré-escolar.

1.5. Qual o tipo de estabelecimento onde o educando está inserido?

R. É público.

Bloco II - Concepções acerca da importância da participação da família no processo educativo das crianças

2.1. Qual considera ser a importância da participação das famílias no processo educativo das crianças?

R. Eu acho que é muito importante o envolvimento dos pais, não é? Ou dos familiares... quanto mais envolvidos, às vezes, estiverem, melhor é para as crianças... mais fácil a sua integração, mais fácil sentirem que pertencem à escola.

Bloco III - As crianças e a relação instituição-família

3.1. Do ponto de vista do desenvolvimento da aprendizagem das crianças, qual considera ser a importância de projetos e atividades que envolvam as famílias?

R. Eu acho que é muito importante, principalmente, porque, por exemplo, neste jardim de infância, o facto de os pais poderem lá ir ensinar coisas que eles saibam, é importante para as crianças perceberem que as educadoras ensinam, as auxiliares também podem ensinar, mas, depois, os próprios pais das outras crianças, têm coisas para lhes ensinar e, às vezes, isso abre um bocadinho os horizontes, não é? E percebem que podem aprender com outras pessoas... e eu acho que isso é bastante importante, pronto... para além daquela componente letiva que elas

têm, vão aprendendo com outras pessoas que podem ir lá à escola... portanto, quanto mais envolvimento houver, melhor.

Bloco IV - Relação instituição-família: perspectivas familiares

4.1. Com que frequência, se costuma deslocar à instituição do educando para contactar com a educadora/professora?

R. Eu, normalmente, vou todos os dias levar a minha filha ao jardim de infância... portanto, quase todos os dias, falo um bocadinho com a educadora.

4.2. Em que circunstâncias se desloca à instituição?

R. É para a levar... para a levar à escola.

4.3. Que meios utiliza para comunicar com a educadora/professora?

R. Presencialmente... sempre que preciso de falar com a educadora, é presencialmente.

4.4. Na sua opinião, a educadora/professora do educando, leva-o a participar em algumas atividades?

R. Sim, ela incentiva que os pais tenham uma participação ativa nas atividades... convida-nos e faz sempre referência à importância da nossa participação.

4.5. Caso fosse convidado a participar em algum tipo de projeto ou atividade proposto pela educadora/professora, como reagiria?

R. Participava, sem dúvida... já fomos convidados... este jardim de infância, tem por hábito, à sexta-feira, ser o dia das “Portas Abertas”... portanto, os pais que quiserem, basta dizerem com alguma antecedência e podem fazer uma atividade com as crianças, podem ir lá à sexta-feira... e, no primeiro ano de jardim de infância da minha filha, também fui dinamizar lá uma atividade... aliás, o ano passado, quem lá foi, não fui eu... foi a avó e foi a tia que foram dinamizar essa atividade... depois nos anos dela, é que nós podemos ir lá cantar os parabéns com ela e levei uma história para contar aos meninos... é muito gratificante mesmo e vê-se mesmo a felicidade delas quando vai lá um pai ou uma mãe ou qualquer familiar de alguma criança... mesmo a própria criança gosta como também as restantes crianças e, é por esse mesmo motivo, que eu sempre que posso vou lá fazer qualquer coisinha... ou mesmo que eu não possa, peço a outro familiar, que também, felizmente, tenho sempre alguém disponível.

Bloco V - Implicações na relação instituição-família

5.1. Indique e comente alguns dos aspetos que, na sua perspetiva, se revelam pouco favoráveis para que exista uma maior participação e envolvimento em atividades e projetos promovidos pela educadora/professora?

R. Eu acho que o horário é o pior aspeto... porque é assim, muitas vezes, as atividades são dinamizadas durante o período letivo, não é? Aquele horário letivo... e os pais ou tiram férias para irem fazer as atividades ou então não podem participar.

Bloco VI - Observações

6.1. Para terminar, tem algum tópico que pretenda aprofundar ou acrescentar a esta entrevista?

R. É assim... eu acho que é importante os pais envolverem-se na escola... mas, eu acho que também é “perigoso” este envolvimento... isto porque, às vezes, os pais também querem muito que a sua opinião seja tida em conta e é assim se têm vinte meninos numa sala, a multiplicar por vinte pais, não é? Dois pais por cada menino, dá quarenta... e quarenta opiniões, às vezes, não é fácil... eu acho que é importante os pais envolverem-se, mas aprenderem que quem dita as regras são as escolas, são os jardins de infância... porque, às vezes, isto de a gente querer que se faça à minha maneira, como eu faço em casa, acho que não resulta... portanto, eu acho que é importante os pais envolverem-se, mas também é importante respeitarem as regras das escolas... é aqui um bocadinho “perigoso”, às vezes, esta liberdade que dão aos pais de opinar sobre o projeto pedagógico da escola, por exemplo... mas pronto, é isto que eu queria referir.

Bloco I - Legitimação da entrevista e caracterização dos entrevistados

1.2. Qual a sua idade?

R. Tenho 45 anos.

1.2. Qual a sua profissão?

R. Sou administrativa.

1.3. Qual é o seu grau de parentesco relativo ao educando?

R. Sou mãe.

1.4. Qual a valência do educando?

R. Está no 2.º ano.

1.5. Qual o tipo de estabelecimento onde o educando está inserido?

R. É público.

Bloco II - Concepções acerca da importância da participação da família no processo educativo das crianças

2.1. Qual considera ser a importância da participação das famílias no processo educativo das crianças?

R. É assim, é muito importante, portanto, nós acompanharmos as crianças e percebermos exatamente onde é que elas vão... até para poder auxiliar, para poder ajudar em casa... eu, por exemplo, no meu caso, ela está no 2.º ano e ela nunca fez os trabalhos de casa no ATL... ela faz os trabalhos de casa comigo, em casa, precisamente, para eu poder acompanhar e saber onde é que ela vai e até, muitas vezes, as dificuldades que ela tem que, certamente, não teria ideia se ela fizesse os trabalhos de casa no ATL... portanto, acho que devemos acompanhar, sem dúvida... portanto, é muito importante, até para ajudá-las também, não é?

Bloco III - As crianças e a relação instituição-família

3.1. Do ponto de vista do desenvolvimento da aprendizagem das crianças, qual considera ser a importância de projetos e atividades que envolvam as famílias?

R. Sinceramente, ao nível da escola, não tenho muito por onde pegar... agora, voltando à creche, pronto aí sim... portanto, as famílias inseridas nas atividades... para já, para as crianças, é uma motivação, porque é a mãe de um, o pai de outro, o irmão, o amigo... portanto, ao nível da creche, eu recorro-me situações em que foram pessoas de família e que para elas até era uma motivação, porque estavam perante o pai de alguém, para elas, o pai do outro, a mãe do outro,

são sempre ídolos, não é? Portanto, pelo menos, para motivar as crianças, acho que seria importante e é importante, sem dúvida.

Bloco IV - Relação instituição-família: perspectivas familiares

4.1. Com que frequência, se costuma deslocar à instituição do educando para contactar com a educadora/professora?

R. Infelizmente, não tanto quanto gostaríamos, verdade seja dita... sem dúvida, na entrega da avaliação, no final de cada período, portanto, obviamente, essas vamos, não é? Eu não precisei nunca, felizmente, de me deslocar lá por algum motivo mais grave... a única situação em que eu já tive que, eventualmente, questionar foi precisamente por dúvidas que ela tinha e que eu achava que ela não estava a conseguir e pedi ajuda à professora... portanto, pontualmente só.

4.2. Em que circunstâncias se desloca à instituição?

R. Para a entrega da avaliação e, basicamente, é só.

4.3. Que meios utiliza para comunicar com a educadora/professora?

R. Portanto, o *e-mail* e o telefone também.

4.4. Na sua opinião, a educadora/professora do educando, leva-o a participar em algumas atividades?

R. É assim, nas atividades, eu acho que tem mais a ver com a escola, porque a professora não nos convoca para qualquer atividade se a escola não o permitir, não é? Tirando um trabalho ou outro que ela pede para nós fazermos em casa, pontualmente, mas não... não há muito trabalho em conjunto, não há, infelizmente.

4.5. Caso fosse convidado a participar em algum tipo de projeto ou atividade proposto pela educadora/professora, como reagiria?

R. Certamente, faria os possíveis para participar, não é? Com certeza que sim, com todo o gosto iria participar, mas pronto... não temos muito isso nesta escola... porque, de certa forma, penso que seria bastante importante para a minha filha, de maneira que se sentiria mais apoiada, no que diz respeito à sua vida escolar.

Bloco V - Implicações na relação instituição-família

5.1. Indique e comente alguns dos aspetos que, na sua perspetiva, se revelam pouco favoráveis para que exista uma maior participação e envolvimento em atividades e projetos promovidos pela educadora/professora?

R. De facto, eu acho que o que nos leva a não ter uma participação tão ativa nos projetos da escola, muitas vezes, é mesmo a falta de disponibilidade a nível profissional, pronto... basicamente, eu acho que é isso... nesta escola em questão, não tenho qualquer entrave a não ser mesmo a falta de disponibilidade a nível profissional, se houvesse um projeto que fossemos chamados... porque de resto, o envolvimento com os pais, a relação com os pais, com a escola, com a professora, é boa... portanto, não teria nenhum entrave por aí.

Bloco VI - Observações

6.1. Para terminar, tem algum tópico que pretenda aprofundar ou acrescentar a esta entrevista?

R. Posso dizer que, de facto, ao nível da escola, o percurso ainda é muito pequeno... a experiência que eu tenho tido, é agradável... nada de extraordinário... é um percurso agradável... a nível de ensino, acho que estamos a ter uma boa experiência, porque a professora é muito boa... a nível social, também, porque é uma escola pequena, portanto nós conhecemo-nos quase todos, portanto acaba por ser bom, porque elas começam a conhecer um bocadinho de cada criança, não é? Ao nível da creche, no meu caso, a minha experiência também foi muito boa, ao ponto de eu em cada final de percurso da creche, do pré-escolar e por aí fora, fazer sempre uma carta de agradecimento, porque, de facto, foi sempre um percurso muito bonito que os meus filhos tiveram.

Bloco I - Legitimação da entrevista e caracterização dos entrevistados

1.3. Qual a sua idade?

R. Quarenta.

1.2. Qual a sua profissão?

R. Sou gerente numa loja.

1.3. Qual é o seu grau de parentesco relativo ao educando?

R. Sou mãe.

1.4. Qual a valência do educando?

R. Neste momento, está na creche.

1.5. Qual o tipo de estabelecimento onde o educando está inserido?

R. É IPSS (Instituição Particular de Solidariedade Social).

Bloco II - Concepções acerca da importância da participação da família no processo educativo das crianças

2.1. Qual considera ser a importância da participação das famílias no processo educativo das crianças?

R. Acho muito importante, porque nós somos parte fundamental da educação... não temos que delegar essa tarefa na creche, no infantário... todos nós temos que nos apoiar... eles ajudam-nos e nós ajudamos também, por isso considero muito importante.

Bloco III - As crianças e a relação instituição-família

3.1. Do ponto de vista do desenvolvimento da aprendizagem das crianças, qual considera ser a importância de projetos e atividades que envolvam as famílias?

R. É muito importante... eu acho que tem que mesmo haver uma reunião de todos, não é? Uma presença de todos, ao longo do ano, em alturas especiais, para nós podermos participar nessas coisas... eu acho que é importante para as crianças, é importante para nós enquanto pais, que nos sentimos parte fundamental do crescimento delas, e se calhar para a educadora também, sentir um bocadinho apoio dos pais.

Bloco IV - Relação instituição-família: perspectivas familiares

4.1. Com que frequência, se costuma deslocar à instituição do educando para contactar com a educadora/professora?

R. Como vou pô-la ou buscá-la quase todos os dias, por norma, temos ali uma conversa, uma vez por semana, como é que vai, como é que não vai... depois, vou às reuniões.

4.2. Em que circunstâncias se desloca à instituição?

R. É então, para ir pôr e buscar a minha filha.

4.3. Que meios utiliza para comunicar com a educadora/professora?

R. Temos um caderno de recados que vai na mochila... por isso, quando a educadora tem um recado para me dar, envia... e quando eu tenho, envio também.

4.4. Na sua opinião, a educadora/professora do educando, leva-o a participar em algumas atividades?

R. É assim, eu já vi infantários que têm muito mais participação dos pais... no caso da minha, não há assim tanta participação... a única participação que eles pedem é quando há lanchinhos, festas de Natal... nós levarmos qualquer coisa e participarmos nessas coisas... agora, no dia a dia, nas atividades deles, nós não participamos... que eu acho que é uma falha.

4.5. Caso fosse convidado a participar em algum tipo de projeto ou atividade proposto pela educadora/professora, como reagiria?

R. Reagia bem e ia com certeza, se o trabalho me deixasse claro... acho que é essencial, até para as próprias crianças.

Bloco V - Implicações na relação instituição-família

5.1. Indique e comente alguns dos aspetos que, na sua perspectiva, se revelam pouco favoráveis para que exista uma maior participação e envolvimento em atividades e projetos promovidos pela educadora/professora?

R. Basicamente, é o tempo que nós temos também... é o trabalho que não nos permite a disponibilidade para participar nessas coisas, porque depois já há todo um tempo, não é? Aquilo é até às 17h ou até às 18h e nós não temos trabalho até às 17h ou até às 18h.

Bloco VI - Observações

6.1. Para terminar, tem algum tópico que pretenda aprofundar ou acrescentar a esta entrevista?

R. Acho que é importante debruçarem-se sobre este tema, porque nós estamos cada vez mais afastados da vida das crianças, porque quase que depositamos as crianças nos infantários e

vamos à nossa vida e não sabemos o que se passa ao longo do dia e eu acho que é importante nós também podermos acompanhar essa parte.

Bloco I - Legitimação da entrevista e caracterização dos entrevistados

1.4. Qual a sua idade?

R. Tenho trinta e dois anos.

1.2. Qual a sua profissão?

R. Sou Militar da Guarda Nacional Republicana.

1.3. Qual é o seu grau de parentesco relativo ao educando?

R. Sou o pai.

1.4. Qual a valência do educando?

R. É pré-escolar.

1.5. Qual o tipo de estabelecimento onde o educando está inserido?

R. É público.

Bloco II - Concepções acerca da importância da participação da família no processo educativo das crianças

2.1. Qual considera ser a importância da participação das famílias no processo educativo das crianças?

R. Para já, considero bastante importante... tem uma enorme relevância, tendo em conta o interesse que a gente dá à escola e a forma como nós puxamos as crianças, vai fazer com que elas desenvolvam o interesse por aquilo que a gente também as incentiva.

Bloco III - As crianças e a relação instituição-família

3.1. Do ponto de vista do desenvolvimento da aprendizagem das crianças, qual considera ser a importância de projetos e atividades que envolvam as famílias?

R. A importância que eu dou a isso é que sempre que envolve algum familiar no meio educativo, neste caso na instituição, no jardim, eu sinto que temos que dar sempre valores que demonstrem a educação que é transmitida em casa, porque se nós, como pais, transmitirmos às crianças bons valores, certamente, que terão um percurso educativo com muito maior sucesso.

Bloco IV - Relação instituição-família: perspectivas familiares

4.1. Com que frequência, se costuma deslocar à instituição do educando para contactar com a educadora/professora?

R. Isto não é uma desculpa, mas tendo em conta a minha profissão, não tenho disponibilidade para ir buscá-la ou pô-la à escola, tanto quanto eu gostaria, ou até mesmo falar mais com a educadora... mas, eu sempre que posso, desloco-me, faço o transporte para tentar também perceber as condições e as amizades que ela cria.

4.2. Em que circunstâncias se desloca à instituição?

R. Normalmente, é para ir buscar ou pôr o meu educando.

4.3. Que meios utiliza para comunicar com a educadora/professora?

R. Eu com a educadora, normalmente, e das vezes que o faço, é presencial e verbal... não comunico de outra forma.

4.4. Na sua opinião, a educadora/professora do educando, leva-o a participar em algumas atividades?

R. É uma educadora bastante interativa até... ela gosta de desenvolver vários programas, sempre que pode e consegue, que incluam a família, pais, tios e avós... ela tenta sempre trazer a família até para as crianças se sentirem no meio familiar... ela não está a desenvolver as crianças de uma forma tão rígida, mas tenta só transmitir-lhes alguns valores e afetos, até para eles se sentirem mais confortáveis a realizar as atividades e as brincadeiras que fazem em casa que, às vezes, ajuda com a nossa presença.

4.5. Caso fosse convidado a participar em algum tipo de projeto ou atividade proposto pela educadora/professora, como reagiria?

R. Reagiria bem, ficaria nervoso, com certeza... ao fim ao cabo, o meu educando tem uma imagem de mim e eu iria ser colocado à prova, ali no meio de vinte crianças, em que teria de me esforçar para cativá-los e, principalmente, a ela.

Bloco IV - Implicações na relação instituição-família

5.1. Indique e comente alguns dos aspetos que, na sua perspectiva, se revelam pouco favoráveis para que exista uma maior participação e envolvimento em atividades e projetos promovidos pela educadora/professora?

R. No meu caso, posso dizer que é a falta de tempo ou disponibilidade, mas acredito também que mesmo que o conseguisse fazer, tinha que procurar bem uma atividade que achasse construtiva ou que demonstrasse algum interesse para as crianças... e se calhar, muitas das

famílias, não o fazem mais, porque sentem que não têm nenhuma atividade propícia para desenvolver com elas, porque não acredito que se soubessem bem o que fazer, não faziam mais.

Bloco VI - Observações

6.1. Para terminar, tem algum tópico que pretenda aprofundar ou acrescentar a esta entrevista?

R. Sim, poderei dar mais uma opinião... eu acho bastante importante o envolvimento da família no meio educativo, mas sinto que, hoje em dia, as famílias, pais, mães, querem mais do que se envolver, eles querem que sejam eles próprios a decidir como é que os educadores e professores devem educar e ensinar as crianças e eu acho isso um pouco mal, porque, hoje em dia, a educação que estão a tentar passar aos filhos está de tal forma virada ao contrário, em que põem em causa o trabalho dos profissionais da educação, para seu bem-estar... eles pensam mais no bem-estar das crianças, que poderá não ser tão bom no futuro, derivado a esse envolvimento.

Bloco I - Legitimação da entrevista e caracterização dos entrevistados

1.5. Qual a sua idade?

R. Sessenta.

1.2. Qual a sua profissão?

R. Costureira.

1.3. Qual é o seu grau de parentesco relativo ao educando?

R. Sou avó.

1.4. Qual a valência do educando?

R. A minha neta está no pré-escolar.

1.5. Qual o tipo de estabelecimento onde o educando está inserido?

R. É público.

Bloco II - Concepções acerca da importância da participação da família no processo educativo das crianças

2.1. Qual considera ser a importância da participação das famílias no processo educativo das crianças?

R. Eu acho que todos podem beneficiar deste envolvimento... a educadora pode sentir que o seu trabalho é valorizado ao receber apoio dos pais no trabalho desenvolvido na instituição e as crianças sentem-se mais felizes com a presença dos seus pais ou da sua família.

Bloco III - As crianças e a relação instituição-família

3.1. Do ponto de vista do desenvolvimento da aprendizagem das crianças, qual considera ser a importância de projetos e atividades que envolvam as famílias?

R. Eu acho que todos os projetos e todas as atividades que envolvam a família são de facto importantes... neste sentido, acho que deveríamos todos caminhar de mãos dadas para um bom desenvolvimento das crianças.

Bloco IV - Relação instituição-família: perspectivas familiares

4.1. Com que frequência, se costuma deslocar à instituição do educando para contactar com a educadora/professora?

R. Todos os dias, uma vez que sou eu que a vou buscar à instituição.

4.2. Em que circunstâncias se desloca à instituição?

R. Como já referi, vou à instituição para ir buscar a minha neta ou também quando sou convidada para participar em alguma atividade.

4.3. Que meios utiliza para comunicar com a educadora/professora?

R. Conversamos muito pessoalmente, porque a vejo todos os dias.

4.4. Na sua opinião, a educadora/professora do educando, leva-o a participar em algumas atividades?

R. Sim, geralmente, recebemos sempre convites, nomeadamente, nas datas festivas... acho que a instituição é bastante aberta à participação das famílias.

4.5. Caso fosse convidado a participar em algum tipo de projeto ou atividade proposto pela educadora/professora, como reagiria?

R. Aceitava, obviamente... acho que é muito importante para a criança... no ano passado, foi pedido pela educadora para eu participar no “Dia dos Avós”, em que tinha de levar um retalho de tecido e contar uma história que quisesse... eu escolhi um bocadinho de tecido que, por sinal, já tinha feito a primeira roupa da minha neta e uma boneca também para ela... apresentei o retalho e expliquei o porquê de ter escolhido aquele... levei também a roupinha, a boneca e uma foto de quando ela era pequenina com a roupa vestida, dentro de uma mochila que também fiz, em formato de uma casa... à medida que fui contando a história, ou seja “a nossa história”, que passou por tudo o que fizemos juntas, uma vez que ela ficou comigo até ir para o jardim de infância, ia tirando as coisas que levei dentro da mochila para mostrar a todas as crianças... senti que foi muito gratificante para ela porque, naquele momento, estava a mostrar aos amigos algumas das coisas que ela tinha vivenciado, sendo que ela própria também fazia parte do momento e acho que as crianças gostam de se sentir importantes, pelo menos, ela adora este tipo de coisas.

Bloco V - Implicações na relação instituição-família

5.1. Indique e comente alguns dos aspetos que, na sua perspetiva, se revelam pouco favoráveis para que exista uma maior participação e envolvimento em atividades e projetos promovidos pela educadora/professora?

R. Eu acho que a falta de tempo dos pais influencia um bocadinho a sua participação na vida educativa dos filhos... e, se calhar, também há alguns pais que até têm tempo, mas talvez sejam um pouco mais desinteressados a esse nível.

Bloco VI - Observações

6.1. Para terminar, tem algum tópico que pretenda aprofundar ou acrescentar a esta entrevista?

R. Na minha opinião, vivemos num tempo em que tudo passa muito depressa... os pais cada vez têm mais trabalho... e até mais horas de trabalho... o que faz com que o tempo para estarem com os filhos seja cada vez mais curto... e eu acho que temos de começar a pensar muito bem neste grave problema... não devemos deixar a educação das crianças, apenas nas mãos dos educadores, porque eles sozinho também não conseguem... devemos então criar uma parceria, porque acredito que todos juntos, se fizermos o mesmo trabalho, de certeza, que as crianças terão muito mais sucesso e serão muito mais felizes.

Bloco I - Legitimação da entrevista e caracterização dos entrevistados

1.6. Qual a sua idade?

R. Cinquenta e oito.

1.2. Qual a sua profissão?

R. Sou Cabo da Guarda Nacional Republicana, mas, neste momento, estou na reserva.

1.3. Qual é o seu grau de parentesco relativo ao educando?

R. Sou avô paterno.

1.4. Qual a valência do educando?

R. Está no pré-escolar.

1.5. Qual o tipo de estabelecimento onde o educando está inserido?

R. É público.

Bloco II - Concepções acerca da importância da participação da família no processo educativo das crianças

2.1. Qual considera ser a importância da participação das famílias no processo educativo das crianças?

R. É assim, eu considero de enorme importância a participação das famílias no processo educativo das respetivas crianças... acho que é um bom complemento na sua educação.

Bloco III - As crianças e a relação instituição-família

3.1. Do ponto de vista do desenvolvimento da aprendizagem das crianças, qual considera ser a importância de atividades e projetos que envolvam as famílias?

R. Considero bastante relevante a participação das famílias nas atividades... as crianças sentem-se muito mais apoiadas, com melhor aproveitamento e felizes... relativamente à minha neta, sinto que ela fica muito mais expressiva quando lhe questiono sobre as atividades diárias ou quando me mostra os trabalhos dela expostos nos quadros da instituição, por exemplo.

Bloco IV - Relação instituição-família: perspectivas familiares

4.1. Com que frequência, se costuma deslocar à instituição do educando para contactar com a educadora/professora?

R. Diariamente... sou eu que vou buscar o meu educando (neta)... mas, nem todos os dias, contato com a educadora, devido aos horários de saída não coincidirem.

4.2. Em que circunstâncias se desloca à instituição?

R. Como referi anteriormente, sou eu que vou buscar a minha neta... mas sempre que exista qualquer atividade que solicitem ou convidem os familiares a participarem estou sempre presente.

4.3. Que meios utiliza para comunicar com a educadora/professora?

R. Sempre presencial e verbal, no entanto, normalmente, é sempre a mãe que se relaciona mais com a educadora, uma vez que é ela quem a deixa, todos os dias, na instituição.

4.4. Na sua opinião, a educadora/professora do educando, leva-o a participar em algumas atividades?

R. Sim... sempre que existem atividades, a instituição tem o cuidado de convidar todos os familiares a participarem ou assistirem.

4.5. Caso fosse convidado a participar em algum tipo de projeto ou atividade proposto pela educadora/professora, como reagiria?

R. Claro que reagiria positivamente e de bom agrado... é sempre gratificante participar no processo educativo da minha neta, mas sem nunca esquecer que sou só avô.

Bloco V - Relação instituição-família na prática educativa

5.1. Indique e comente alguns dos aspetos que, na sua perspectiva, se revelam pouco favoráveis para que exista uma maior participação e envolvimento em atividades e projetos promovidos pela educadora/professora?

R. Os aspetos menos favoráveis... na minha perspectiva, penso que sejam a falta de tempo por motivos laborais e talvez algum desinteresse inconsciente... acho que algumas famílias pensam que é da total responsabilidade da educadora, a educação das crianças.

Bloco VI - Observações

6.1. Para terminar, tem algum tópico que pretenda aprofundar ou acrescentar a esta entrevista?

R. Não, penso que já disse tudo... acho que a entrevista está bem estruturada e as questões por si só aprofundam bem os temas mais interessantes desta relação instituição e família.

Anexo XXX - Tabela dos Resultados das Entrevistas realizadas às Educadoras

Blocos Temáticos	Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo
<p align="center">Bloco II <u>Conceções acerca da importância da participação da família no processo educativo das crianças</u></p>		<p align="center">Importância da participação da família no processo educativo das crianças</p>	<p>“Acho que é fundamental. É muito importante, no sentido de nós compreendermos também o mundo da criança (...) os principais pontos de referência a nível familiar (...).” (E₁)</p> <p>“Eu acho que é de máxima importância (...) quando a família é participativa, a criança sente-se muito mais segura, muito mais tranquila e isso tem um valor muito grande na sua aprendizagem (...).” (E₂)</p> <p>“A importância é muita, é fundamental (...) os pais podem ser muito bons, se não houver continuidade no jardim de infância, o sucesso é limitado (...).” (E₃)</p>
<p align="center">Bloco III <u>As crianças e a relação instituição-família</u></p>		<p align="center">Benefícios da participação das famílias para o desenvolvimento da aprendizagem das crianças</p>	<p>“Se tivermos uma família que seja cooperante e que lhes mostre esse lado do saber ser e do saber estar, em qualquer situação (...) acho que considera-se um bom sucesso para a aprendizagem e também para a formação da criança (...).” (E₁)</p> <p>“Estarem dispostos também a dar e a receber para conseguirmos, juntos então, que tudo corra de um modo harmonioso e para a criança é de extrema importância para o seu desenvolvimento (...).” (E₂)</p> <p>“Se uma criança souber que, para o seu pai ou para a sua mãe, a escola é importante, a escola vai ser importante para ela (...).” (E₃)</p> <p>“Se houver uma boa comunicação (...) a criança vai ser uma criança muito mais feliz (...) como direito que tem a ser criança... por isso, a participação ativa dos pais é benéfica, sem dúvida, para o desenvolvimento das crianças na escola.” (E₃)</p>

			<p>“Se a criança estiver feliz (...) se tem uma boa relação familiar em casa, se tem uns bons modelos educativos em casa, se tem uns bons valores que foram transmitidos (...) se tem uma família que a sabe respeitar a ela (...) tem um melhor aproveitamento, sem dúvida (...).” (E₁)</p> <p>“Eu tenho a certeza absoluta de que as crianças aprendem as coisas muito facilmente se houver uma boa participação das famílias em todo este processo (...).” (E₂)</p> <p>“Têm maior aproveitamento, claro que sim (...).” (E₃)</p>
<p>Bloco IV <u>Relação instituição- família na prática docente</u></p>	<p>Classificação da participação das famílias</p>	<p>Participação boa</p>	<p>“Classifico como uma participação boa (...).” (E₁)</p>
		<p>Participação muito boa</p>	<p>“Tenho uma ligação com a família, como eu acho importante, eu tento ter uma ligação muito boa com a família (...) tenho pais muito participativos (...).” (E₂)</p>
		<p>Participação razoável</p>	<p>“A participação das famílias está dentro dos parâmetros normais e aceitáveis (...).” (E₃)</p>
	<p>Contacto com as famílias</p>	<p>Diariamente</p>	<p>“Através do dia a dia (...).” (E₁)</p> <p>“É direto e todos os dias conversamos (...).” (E₂)</p> <p>“É diariamente (...).” (E₃)</p>
		<p>Grupos privados</p>	<p>“Contacto com as famílias através do grupo privado no <i>facebook</i> (...).” (E₁)</p> <p>“Temos ainda um grupo privado no <i>facebook</i> (...).” (E₃)</p>
		<p>Hora de atendimento aos encarregados de educação</p>	<p>“Temos uma hora de atendimento aos encarregados de educação (...).” (E₁)</p> <p>“Às quintas-feiras, há reunião de atendimento aos encarregados de educação (...).” (E₂)</p>
		<p>Reuniões</p>	<p>“Também estou disponível para agendar uma reunião, cada vez que os pais queiram falar comigo (...).” (E₁)</p> <p>“Se há alguma coisa que eu precise, faço reuniões (...).” (E₂)</p>

			“Sempre que é necessário, os pais são solicitados para reuniões (...).” (E ₃)
	Contacto com as instituições	Não há iniciativa, por parte das famílias	“Normalmente, estão à espera que seja a educadora a dizer alguma coisa (...).” (E ₁) “Por norma, as famílias ficam à espera de que haja uma ação da escola (...).” (E ₃)
		Há iniciativa, por parte das famílias	“Também contactam comigo, sim... não têm nenhum problema.” (E ₂)
	Realização de atividades nas quais as famílias participam	Atividades na sala com as crianças	“Sim (...) o ano passado, fizemos atividades em que os pais vieram à sala fazer culinária, vieram à sala fazer jogos com eles (...) também tivemos cá uma mãe que era cabeleireira, veio cá passar uma manhã, veio arranjar os cabelos aos meninos e às meninas (...) ainda há pouco tempo, houve um avô que veio cá ensinar a jogar berlinde (...).” (E ₁)
		Visitas de estudo aos locais de trabalho dos pais	“Houve pais que nos levaram a ver o Museu do Ar, porque havia um pai que trabalhava no Museu do Ar (...) fomos a uma quinta também, porque havia pais que tinham pecuárias e fomos visitar a quinta (...) fomos também visitar uma fábrica de rações (...) e levaram-nos também a ver como é que se fazia as rações para os animais e a dar rações aos animais (...).” (E ₁)
		Fatos de Carnaval	“Sim claro (...) agora no Carnaval, vamos nos mascarar para o desfile, havia sempre a possibilidade de nós fazermos os fatos e pronto (...) então, eu fiz as coisas de maneira que eles têm de me trazer umas coisas e eu aqui faço o resto, portanto, isso faz com que tenha que haver interação entre os dois.” (E ₂)
		Quadros da sala	“Sim (...) este ano, por exemplo, estes pais, participaram no quadro das famílias, na sala, e no quadro dos aniversários.” (E ₃)
		Formação da Educação Parental	“A próxima atividade para estes pais, que já pensei, vai ser a nível da formação da educação parental, vai ter que ser, para nós começarmos a caminhar todos no mesmo sentido.” (E ₃)

	Atividades com maior envolvimento, por parte das famílias	Atividades da comunidade	“Normalmente, num modo geral, as atividades que as famílias se envolvem mais são as atividades (...) da comunidade, que nós pedimos para (...) colaborarem a nível da comunidade (...).” (E ₁)
		Festas de final do ano letivo	“Também fazemos as festas de final do ano, onde os pais participam sempre e veem aquilo que as crianças fizeram durante o ano (...).” (E ₁)
		Festas de Natal	“Também se nota um grande envolvimento das famílias nas festas de Natal.” (E ₁) “Elas envolveram-se imenso no Natal (...).” (E ₂)
		Carnaval	“No Carnaval (...) também estão muito envolvidos... eu acho que desde que eu peça a colaboração deles e a ajuda, eles colaboram e ajudam.” (E ₂)
		Atividades lúdicas	“Todas as atividades lúdicas.” (E ₃)
	<i>Feedback</i> das famílias relativo às atividades implementadas com as mesmas		“Nós como temos o grupo, eles vão respondendo e vão dizendo que gostaram, que gostaram de participar (...).” (E ₁) “Eu penso que, de uma forma geral, eu penso que é muito positivo, sim (...).” (E ₁) “Eles gostam, sentem-se satisfeitos, gostam imenso (...).” (E ₂) “Tenho mais <i>feedback</i> , não pelas coisas materiais, mas pelas coisas emocionais (...) nem é preciso as pessoas (...) dizerem (...) há coisas que nós vamos vendo com o nosso coração e vamos sentindo que aquilo está a resultar, isso é um <i>feedback</i> .” (E ₃)
Bloco V <u>Implicações na relação instituição-família</u>	Dificuldades das famílias neste envolvimento	Falta de tempo	“É (...) a falta de tempo (...) porque funciona das 09h às 17h00, ou seja, o horário de trabalho da maioria dos pais.” (E ₁) “Alguns dizem que não têm tempo (...) a palavra mais normal, o «tempo» (...).” (E ₂)
		Falta de interesse	“Alguns também é um bocadinho falta de interesse (...) porque acham muito engraçado os outros fazerem, mas depois no fim não sabem o que fazer (...).” (E ₁)

		Inconsciência	“As famílias não vêm à escola, não é por dificuldades, é por inconsciência, eu acho que é mais por afastamento do que é importante ou do que tem valor (...).” (E ₃)
		Resistência	“Alguns é, também, por resistência ao que é pedido, àquilo que dá trabalho (...) têm dificuldade em investir nos seus filhos, porque pensam que estão a fazer favores a alguém e não pensam nos seus filhos.” (E ₃)
	A influência da estrutura familiar na participação das famílias		<p>“Não tanto (...) hoje em dia (...) temos mães divorciadas que vêm cá fazer atividades com os filhos, não é por aí (...).” (E₁)</p> <p>“Não, não acho que tenha muito... é assim, eu acho que depende muito das pessoas... se as pessoas forem ponderadas, não tem influencia e participam, normalmente (...).” (E₂)</p> <p>“Não, não considero nada, porque uma família só com uma mãe, uma família só com um pai, uma família com duas mães, uma família com dois pais, uma família com avós ou uma família com tios, todas as famílias são boas se se interessarem pelas crianças que têm (...).” (E₃)</p>
	A influência da profissão das famílias na sua participação		<p>“A nível de tempo, influencia um bocadinho (...) porque há pais que, por exemplo, trabalham por turnos e não podem vir durante o dia (...).” (E₁)</p> <p>“Sim (...) uma pessoa que tenha um horário fixo, estável e que trabalhe aqui nesta cidade, é muito mais fácil, do que uma pessoa que tenha, por exemplo, turnos de noite, tenha turnos de dia, que trabalhe fora daqui... é muito mais complicado.” (E₂)</p> <p>“Não, acho que a profissão não influencia.” (E₃)</p>

Anexo XXXI - Tabela dos Resultados das Entrevistas realizadas às Professoras

Blocos Temáticos	Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo
<p align="center">Bloco II <u>Conceções acerca da importância da participação da família no processo educativo das crianças</u></p>		<p align="center">Importância da participação da família no processo educativo das crianças</p>	<p>“Não existe outra forma de trabalhar que não seja a escola em parceria com a família, porque as duas sozinhas não funcionam (...) aquilo que nós esperamos é que haja sempre, realmente, uma atividade de ambas as partes (...) a importância é muito grande.” (P₁)</p> <p>“A importância é muita... primeiro, porque valorizam a escola e é meio caminho andado para eles também se empenharem na escola (...) eles perceberem que a professora, a escola e a família, sabem o que é que se passa, eles dão mais importância (...) se não houver aqui uma entreaajuda, a escola não faz milagres, não consegue e a família só, não consegue também (...) quando não há esta ligação, alguma coisa no processo evolutivo da criança e escolar, vai falhar, com certeza.” (P₂)</p> <p>“O principal é ter os pais do nosso lado, eles têm que ser vistos como um parceiro (...) e a partir daí tudo corre bem (...) se nós tivermos a família do nosso lado e conseguirmos que eles participem (...) agora, quando isso não acontece, as coisas não funcionam tão bem.” (P₃)</p>
<p align="center">Bloco III <u>As crianças e a relação instituição-família</u></p>		<p align="center">Benefícios da participação das famílias para o desenvolvimento da aprendizagem das crianças</p>	<p>“É o sentirem o apoio, têm mais confiança, mais autoestima, mais vontade de fazer bem para também mostrar aos pais o resultado e para os ver felizes, porque as crianças depois têm essa necessidade (...) de verem os pais felizes em função dos seus resultados (...).” (P₁)</p> <p>“É a responsabilização, é a autonomia (...) é a valorização do professor e da aprendizagem (...) o envolvimento da família e, quando estamos todos (...) a remar (...) para o mesmo lado, eu</p>

		<p>acho que é meio caminho andado para o sucesso das crianças.”</p> <p>(P₂)</p> <p>“O envolvimento dos pais mostra que eles estão interessados, mostra que querem saber, logo, ao envolverem-se nas tarefas dos filhos, seja em trabalhos de casa, seja num trabalho de pesquisa, seja a sua participação numa atividade na escola, faz com que o aluno também seja muito mais interessado e participe.” (P₃)</p>	
	A participação das famílias e o aproveitamento educativo das crianças	<p>“No geral, os mais acompanhados são os que depois têm melhor aproveitamento.” (P₁)</p> <p>“Sim, sem dúvida... maior aproveitamento, maior interesse pela escola, focam-se mais, querem ter bons resultados, querem fazer coisas boas (...) porque a escola é valorizada (...) o funcionário, o professor, tudo é valorizado. (P₂)</p> <p>“Sim, completamente.” (P₃)</p>	
<p>Bloco IV</p> <p><u>Relação instituição-família na prática docente</u></p>	Classificação da participação das famílias	Participação boa	“É boa... é uma boa participação (...).” (P₁)
		Participação muito boa	<p>“Os encarregados de educação desta turma são pessoas muito participativas (...) são pais (...) que gostam de saber se os filhos estão a aprender, se precisam de ajudar em alguma coisa... quando são chamados, ou para uma atividade, ou para ajudarem em alguma coisa, são pessoas disponíveis (...) são pessoas que participam muito até.” (P₂)</p> <p>“Muito boa.” (P₃)</p>
	Contacto com as famílias	Caderneta	<p>“Normalmente, via caderneta (...).” (P₁)</p> <p>“Maioritariamente, por caderneta (...).” (P₂)</p> <p>“Caderneta (...).” (P₃)</p>
		<i>E-mail</i>	“Por <i>e-mail</i> também... temos o <i>e-mail</i> institucional (...).” (P₁)
		Telefone	<p>“E telefone (...).” (P₁)</p> <p>“Telefone (...).” (P₃)</p>

		Grupos privados	“Também temos um grupo, esse grupo privado funciona tanto para partilha de informações como de outras coisas interessantes, do género (...) jogos novos para os alunos, filmes ou alguma pergunta que eles queiram fazer (...)” (P ₃)
	Contacto com as instituições	Há iniciativa, por parte das famílias	“Sim, também através da via caderneta, telefone ou <i>e-mail</i> .” (P ₁) “Contactam sim, quando têm alguma dúvida, porque é uma das coisas que eu lhes digo, todos os anos (...) para quando tiverem alguma dúvida, alguma ansiedade, virem à escola, porque (...) os mal entendidos, acontecem, porque não há comunicação (...) eles quando têm alguma coisa, ou telefonam, ou esperam (...) ali fora (...) ou por via caderneta marcam, ou colocam as questões pelas quais têm dúvidas.” (P ₂) “Sim, pessoalmente, há sempre aqueles pais que encontro à entrada da escola (...) por mensagens também, quando temos alunos mais agitados, mandam mensagem para saber como é que eles andam (...)” (P ₃)
	Realização de atividades nas quais as famílias participam	Exposições	“Sim (...) agora no Natal, pedimos a colaboração para realização de uma exposição com coroas de Natal... as famílias fizeram em casa, trouxeram e estiveram expostas (...)” (P ₁) “Fizemos uma exposição de Natal, tudo com trabalhos feitos com materiais recicláveis, que foi também feito em casa com a ajuda dos pais (...)” (P ₃)
Recolha de roupas e brinquedos		“Na mesma altura, fizemos recolha de roupas e brinquedos para crianças carenciadas (...)” (P ₂)	
“Dia da Alimentação”		“Sim (...) por exemplo, quando é o “Dia da Alimentação”, eles trazem uma sandes feita de casa, uma sandes saudável, se possível, decorativa, feita com a família (...)” (P ₂)	
Trabalhos de pesquisa		“Fazem trabalhos de pesquisa, em que se a família não ajudar, eles não vão conseguir (...)” (P ₂)	

			“Sim (...) estivemos a desenvolver uma atividade que foi sobre o José Tagarro (...) e aí envolvemos a família, porque fizeram o trabalho de pesquisa, em casa, depois eles apresentaram à turma (...).” (P ₃)
		“Dia da Família”	“Fazemos o “Dia da Família”, em que convidamos os pais, ou os avós, ou os tios, ou algum familiar, a vir à escola (...).” (P ₂)
		Atividades de final do período letivo	“Em cada final de período, consoante o tema, o Natal, a Páscoa, pedimos para eles elaborarem alguma coisa sobre o tema, em família (...).” (P ₂)
	Atividades com maior envolvimento, por parte das famílias	“É assim, no geral, quando pedimos solicitação, no geral, há pais que participam... não digo todos, mas uma boa parte sim... neste grupo, sim.” (P ₁)	
		Festas de Natal	“Tudo o que é assim mais de convívio, como as festas de Natal (...).” (P ₂)
		“Dia da Família”	“O «Dia da Família» (...).” (P ₂)
		Atividades de Expressões Artísticas	“Esta questão das Expressões... as crianças também gostam de fazer, muitas mães também gostam de fazer... portanto, também se envolvem, sim.” (P ₂)
		Trabalhos de casa	“Envolvem-se muito nos trabalhos de casa com eles (...).” (P ₃)
		“Feira do Livro”	“Há alunos que têm uma perdição por livros... e os pais envolvem-se muito nisso, sempre que há uma “Feira do Livro” na escola, eles participam logo e vão logo comprar.” (P ₃)
	Feedback das famílias relativo às atividades implementadas com as mesmas		<p>“É assim, normalmente, vamos falando e as famílias quando têm dúvidas também questionam ou ligam... portanto, o <i>feedback</i>, normalmente, também é positivo.” (P₁)</p> <p>“Eles gostam... às vezes, fazem um esforço, porque não é fácil sair dos empregos ou participarem, mas depois quando vêm, eles gostam.” (P₂)</p> <p>“Sim, é bom... os pais gostam de participar, tanto nos trabalhos de casa como noutra tipo de trabalho (...).” (P₃)</p>

<p>Bloco V <u>Implicações na relação</u> <u>instituição-família</u></p>	<p>Dificuldades das famílias neste envolvimento</p>	<p>Falta de tempo</p>	<p>“Eu penso que, no geral, é um bocadinho falta de tempo... as famílias estão muito ocupadas com os empregos (...).” (P₁)</p> <p>“Esta questão do tempo (...) o grande entrave, hoje em dia, é a promiscuidade, às vezes, de alguns empregos que não permitem, embora as pessoas tenham direito para ir à escola e tenham tempo para cada período, torna-se difícil para algumas pessoas saírem do emprego e poderem participar com os filhos.” (P₂)</p>
		<p>Formação dos pais</p>	<p>“É a dificuldade, de alguns, ajudarem os filhos nos trabalhos de casa, porque no tempo deles era diferente e agora há coisas que também estão diferentes, que é mesmo assim... e depois também tem a ver com a formação dos pais (...).” (P₃)</p>
	<p>A influência da estrutura familiar na participação das famílias</p>	<p>“Sim, tem (...) eu referi que há pais que profissionalmente estão muito ocupados, eles fazem tudo para acompanhar os filhos, mas claro que também há outros casos que não.” (P₁)</p> <p>“Sim, com toda a certeza (...) quando há uma separação, quando há «os meus, os teus e os nossos» (...) nota-se, perfeitamente (...) nota-se na aprendizagem, nos comportamentos... é diferente, a família fica mais destruturada, mais sensível, às vezes, mais desligada (...).” (P₂)</p> <p>“Completamente, sem dúvida (...) quando a família é estável e do tipo de família dita «normal» (...) com o pai, mãe e filhos, em que há um bom ambiente familiar, tudo corre bem (...) mas, tenho casos em que os pais estão divorciados e que os alunos ficam uma semana com a mãe e outra semana com o pai, a experiência é que (...) é muito difícil para os alunos (...) esta logística de andar para trás e para a frente, é confuso (...) tem de estar tudo muito bem organizado e os pais, apesar de separados, terem uma boa relação (...) porque se não continuam em guerra constante, acabando por se refletir na aprendizagem dos alunos (...).” (P₃)</p>	

	<p>A influência da profissão das famílias na sua participação</p>	<p>“Pode influenciar ou não porque, realmente, eu vejo que há pais muito ocupados que tentam sempre vir à escola na mesma, mesmo que seja difícil, e há outros que não têm tanta ocupação e há um desinteresse, não é? Porque não valorizam, se calhar, tanto a escola.” (P₁)</p> <p>“Sim... eu tenho alguns pais licenciados e professores, pessoas com um nível literário até superior... portanto, sim, nota-se.” (P₂)</p> <p>“Tem (...) é assim, quando os pais têm uma profissão em que tiveram mais estudos (...) estão mais capacitados para os ajudar, dão-lhes mais ferramentas (...) e os outros, mesmo que tenham muita vontade de querer ajudar, depois têm dificuldade (...) os alunos que têm pais com uma formação académica com uma licenciatura, seja em que área for (...) os alunos conseguem ter um desempenho melhor (...).” (P₃)</p>
--	---	--

Anexo XXXII - Tabela dos Resultados das Entrevistas realizadas aos Familiares

Blocos Temáticos	Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo
<p style="text-align: center;">Bloco II <u>Conceções acerca da</u> <u>importância da</u> <u>participação da família</u> <u>no processo educativo</u> <u>das crianças</u></p>		<p style="text-align: center;">Importância da participação da família no processo educativo das crianças</p>	<p>“É muito importante o envolvimento (...) dos familiares... quanto mais envolvidos, às vezes, estiverem, melhor é para as crianças... mais fácil a sua integração, mais fácil sentirem que pertencem à escola.” (F₁)</p> <p>“É muito importante (...) nós acompanharmos as crianças e percebermos exatamente onde é que elas vão... até para poder (...) ajudar em casa (...) ela faz os trabalhos de casa comigo (...) precisamente, para eu poder acompanhar e saber onde é que ela vai e (...) as dificuldades que ela tem (...) é muito importante, até para ajudá-las também (...)” (F₂)</p> <p>“Acho muito importante, porque nós somos parte fundamental da educação... não temos que delegar essa tarefa na creche (...) nós temos que nos apoiar... eles ajudam-nos e nós ajudamos também, por isso considero muito importante.” (F₃)</p> <p>“Considero bastante importante (...) tendo em conta o interesse que a gente dá à escola e a forma como nós puxamos as crianças, vai fazer com que elas desenvolvam o interesse por aquilo que a gente também as incentiva.” (F₄)</p> <p>“Todos podem beneficiar deste envolvimento... a educadora pode sentir que o seu trabalho é valorizado ao receber apoio (...) no trabalho desenvolvido na instituição e as crianças sentem-se mais felizes com a presença (...) da sua família.” (F₅)</p> <p>“Eu considero de enorme importância a participação das famílias no processo educativo das respetivas crianças... acho que é um bom complemento na sua educação.” (E₆)</p>

<p style="text-align: center;">Bloco III <u>As crianças e a relação</u> <u>instituição-família</u></p>	<p style="text-align: center;">Importância de projetos/atividades que envolvam as famílias, do ponto de vista do desenvolvimento da aprendizagem das crianças</p>	<p>“É muito importante (...) o facto de os pais poderem lá ir ensinar coisas que eles saibam, é importante para as crianças perceberem que as educadoras ensinam, as auxiliares também (...) mas, depois, os próprios pais das outras crianças, têm coisas para lhes ensinar (...) percebem que podem aprender com outras pessoas (...) para além daquela componente letiva que elas têm (...).” (F₁)</p> <p>“As famílias inseridas nas atividades (...) para as crianças, é uma motivação (...) para motivar as crianças, acho que (...) é importante, sem dúvida.” (F₂)</p> <p>“É muito importante... eu acho que tem que mesmo haver uma reunião de todos (...) uma presença de todos, ao longo do ano, em alturas especiais, para nós podermos participar (...) eu acho que é importante para as crianças (...) para nós enquanto pais, que nos sentimos parte fundamental do crescimento delas, e se calhar para a educadora também, sentir um bocadinho apoio dos pais.” (F₃)</p> <p>“A importância que eu dou a isso é que sempre que envolve algum familiar no meio educativo (...) eu sinto que temos que dar sempre valores que demonstrem a educação que é transmitida em casa, porque se nós, como pais, transmitirmos às crianças bons valores, certamente, que terão um percurso educativo com muito maior sucesso.” (F₄)</p> <p>“Todos os projetos e todas as atividades que envolvam a família são de facto importantes... neste sentido, acho que deveríamos todos caminhar de mãos dadas para um bom desenvolvimento das crianças.” (F₅)</p> <p>“Considero bastante relevante a participação das famílias nas atividades... as crianças sentem-se muito mais apoiadas, com melhor aproveitamento e felizes (...).” (F₆)</p>
---	---	---

<p align="center">Bloco IV <u>Relação instituição- família: perspectivas familiares</u></p>	<p>Frequência do contacto com as docentes</p>	<p align="center">Diariamente</p>	<p>“Vou todos os dias levar a minha filha ao jardim de infância (...) quase todos os dias, falo um bocadinho com a educadora.” (F1) “Como vou pô-la ou buscá-la quase todos os dias, por norma, temos ali uma conversa, uma vez por semana, como é que vai, como é que não vai... depois, vou às reuniões.” (F3) “Todos os dias, uma vez que sou eu que a vou buscar (...)” (F5) “Diariamente... sou eu que vou buscar (...) mas, nem todos os dias, contato com a educadora, devido aos horários de saída não coincidirem.” (F6)</p>
		<p align="center">No final de cada período</p>	<p>“Infelizmente, não tanto quanto gostaríamos, verdade seja dita... sem dúvida, na entrega da avaliação, no final de cada período (...)” (F2)</p>
		<p align="center">Sempre que posso</p>	<p>“Isto não é uma desculpa, mas tendo em conta a minha profissão não tenho disponibilidade para ir buscá-la ou pô-la à escola, tanto quanto eu gostaria, ou até mesmo falar mais com a educadora... mas, eu sempre que posso, desloco-me (...) também perceber as condições e as amizades que ela cria.” (F4)</p>
	<p align="center">Circunstâncias da deslocação à instituição</p>	<p align="center">Pôr ou buscar o educando</p>	<p>“É para a levar... para a levar à escola.” (F1) “É então, para ir pôr e buscar a minha filha.” (F3) “Normalmente, é para ir buscar ou pôr o meu educando.” (F4) “Vou à instituição para ir buscar a minha neta (...)” (F5) “Sou eu que vou buscar a minha neta (...)” (F6)</p>
		<p align="center">Entrega da avaliação</p>	<p>“Para a entrega da avaliação e, basicamente, é só.” (F2)</p>
		<p align="center">Participar em alguma atividade</p>	<p>“Quando sou convidada para participar em alguma atividade.” (F5) “Qualquer atividade que solicitem ou convidem os familiares a participarem estou sempre presente.” (F6)</p>
	<p align="center">Meios utilizados para comunicar com as docentes</p>	<p align="center">Presencialmente</p>	<p>“Presencialmente (...)” (F1) “Eu com a educadora, normalmente, e das vezes que o faço, é presencial e verbal... não comunico de outra forma.” (F4)</p>

			<p>“Pessoalmente, porque a vejo todos os dias.” (F₅)</p> <p>“Sempre presencial e verbal (...).” (F₆)</p>
		<i>E-mail</i>	“E-mail (...).” (F ₂)
		Telefone	“Telefone (...).” (F ₂)
		Caderno de recados	“Temos um caderno de recados que vai na mochila (...) quando a educadora tem um recado para me dar, envia... e quando eu tenho, envio também.” (F ₃)
	Participação das famílias nas atividades	Há incentivo, por parte das docentes	<p>“Sim, ela incentiva que os pais tenham uma participação ativa nas atividades (...) e faz sempre referência à importância da nossa participação.” (F₁)</p> <p>“É uma educadora bastante interativa (...) gosta de desenvolver vários programas, sempre que pode e consegue, que incluam a família (...) tenta sempre trazer a família até para as crianças se sentirem no meio familiar (...).” (F₄)</p> <p>“Sim, geralmente, recebemos sempre convites, nomeadamente, nas datas festivas... acho que a instituição é bastante aberta à participação das famílias.” (F₅)</p> <p>“Sim... sempre que existem atividades, a instituição tem o cuidado de convidar todos os familiares a participarem ou assistirem.” (F₆)</p>
		Não há incentivo, por parte das docentes	<p>“Nas atividades, eu acho que tem mais a ver com a escola, porque a professora não nos convoca para qualquer atividade se a escola não o permitir (...) tirando um trabalho ou outro que ela pede para nós fazermos em casa, pontualmente, mas não... não há muito trabalho em conjunto (...) infelizmente.” (F₂)</p> <p>“A única participação que eles pedem é quando há lanchinhos, festas de Natal... nós levarmos qualquer coisa e participarmos nessas coisas... agora, no dia a dia, nas atividades deles, nós não participamos... que eu acho que é uma falha.” (F₃)</p>

	<p>Reação das famílias ao participarem em atividades propostas pelas docentes</p>	<p>“Participava, sem dúvida... já fomos convidados... este jardim de infância, tem por hábito, à sexta-feira, ser o dia das “Portas Abertas” (...) os pais que quiserem, basta dizerem com alguma antecedência e podem fazer uma atividade com as crianças (...) depois nos anos dela (...) levei uma história para contar aos meninos (...) é muito gratificante (...) vê-se mesmo a felicidade delas quando vai lá (...) qualquer familiar de alguma criança... mesmo a própria criança gosta como também as restantes crianças e, é por esse mesmo motivo, que eu sempre que posso vou lá fazer qualquer coisinha (...) ou mesmo que eu não possa, peço a outro familiar (...).” (F1)</p> <p>“Certamente, faria os possíveis para participar (...) com todo o gosto (...) não temos muito isso nesta escola... porque, de certa forma, penso que seria bastante importante para a minha filha, de maneira que se sentiria mais apoiada, no que diz respeito à sua vida escolar.” (F2)</p> <p>“Reagia bem e ia com certeza, se o trabalho me deixasse (...) acho que é essencial, até para as próprias crianças.” (F3)</p> <p>“Reagiria bem, ficaria nervoso, com certeza... ao fim ao cabo, o meu educando tem uma imagem de mim e eu iria ser colocado à prova, ali no meio de vinte crianças, em que teria de me esforçar para cativá-los e, principalmente, a ela.” (F4)</p> <p>“Aceitava, obviamente... acho que é muito importante para a criança... no ano passado, foi pedido pela educadora para eu participar no «Dia dos Avós», em que tinha de levar um retalho de tecido e contar uma história que quisesse (...) senti que foi muito gratificante para ela porque, naquele momento, estava a mostrar aos amigos algumas das coisas que ela tinha vivenciado, sendo que ela própria também fazia parte do momento e acho que as crianças gostam de se sentir importantes (...).” (F5)</p>
--	---	--

			<p>“Claro que reagiria positivamente e de bom agrado... é sempre gratificante participar no processo educativo da minha neta (...).” (F6)</p>
<p>Bloco V <u>Implicações na relação</u> <u>instituição-família</u></p>	<p>Dificuldades das famílias na participação e envolvimento nas atividades promovidas pelas docentes</p>	Falta de tempo	<p>“O horário é o pior aspeto (...) as atividades são dinamizadas durante (...) aquele horário letivo... e os pais ou tiram férias para irem fazer as atividades ou então não podem participar.” (F1)</p> <p>“O que nos leva a não ter uma participação tão ativa nos projetos da escola (...) é mesmo a falta de disponibilidade a nível profissional (...).” (F2)</p> <p>“É o tempo que nós temos também... é o trabalho que não nos permite a disponibilidade para participar nessas coisas, porque depois já há todo um tempo (...) aquilo é até às 17h ou até às 18h e nós não temos trabalho até às 17h ou até às 18h.” (F3)</p> <p>“É a falta de tempo ou disponibilidade (...).” (F4)</p> <p>“A falta de tempo dos pais influencia (...) a sua participação na vida educativa dos filhos (...).” (F5)</p> <p>“A falta de tempo por motivos laborais (...).” (F6)</p>
		Falta de interesse	<p>“Também há alguns pais que até têm tempo, mas talvez sejam um pouco mais desinteressados a esse nível.” (F5)</p> <p>“Talvez algum desinteresse inconsciente (...) algumas famílias pensam que é da total responsabilidade da educadora, a educação das crianças.” (F6)</p>